

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL/UFAM**

VANESSA LARA DE SOUZA SANTOS

**UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA EXPRESSÃO PRONOMINAL DE P2
NA POSIÇÃO DE SUJEITO NA FALA MANAUARA (AM)**

MESTRADO EM LETRAS

**MANAUS – AM
2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL/UFAM**

VANESSA LARA DE SOUZA SANTOS

**UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA EXPRESSÃO PRONOMINAL DE P2
NA POSIÇÃO DE SUJEITO NA FALA MANAUARA (AM)**

MESTRADO EM LETRAS

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal do Amazonas, como exigência para obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Flávia Santos Martins.

MANAUS-AM
2024

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

-
- S237a Santos, Vanessa Lara de Souza
Uma análise sociolinguística da expressão pronominal de P2 na posição de
sujeito na fala manauara (AM) / Vanessa Lara de Souza Santos. - 2024.
119 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Flávia Santos Martins.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-
Graduação em Letras, Manaus, 2024.
1. Sociolinguística. 2. Expressão de segunda pessoa. 3. Fala. 4. Manaus.
I. Martins, Flávia Santos. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de
Pós-Graduação em Letras. III. Título
-

VANESSA LARA DE SOUZA SANTOS

**UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA EXPRESSÃO PRONOMINAL DE P2
NA POSIÇÃO DE SUJEITO NA FALA MANAUARA (AM)**

Manaus, 06 de setembro de 2024.

Membros da Banca de Defesa

Profa. Dra. Flávia Santos Martins (Universidade Federal do Amazonas) - orientadora

Profa. Dra. Grace dos Anjos Freire Bandeira (Universidade Federal do Amazonas) – membro

Profa. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho (Universidade Federal de Santa Catarina) – membro

Profo. Dr. Mateus Coimbra de Oliveira (Universidade Federal do Amazonas) – suplente

Profa. Dr. Edson Galvão Maia (Instituto Federal do Amazonas) – suplente

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Valéria Maria de Souza Silva (*in memoriam*) e a Kledson Joel de Souza Silva, meus pais, que sempre me ensinaram a valorizar e a reconhecer o poder transformador da educação.

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos orixás, principalmente, aos que regem minha cabeça, ao meu pai Oxaguiã e à minha mãe Oxum. Sem eles, eu não teria conseguido. Eles reestabeleceram a minha cabeça e por eles, serei eternamente grata. Ao meu Babalorixá Jean Marius por ter me mostrado o caminho da fé.

À minha mãe (*in memoriam*), Valéria Maria de Souza Silva, que sempre me incentivou e me disse que eu venceria na vida pelos estudos e que eu não precisava ser a melhor, mas estar entre as melhores. Com a partida dela, um pouco de mim se foi também, mas a crença nos estudos sempre vai se fazer presente.

Ao meu pai, Kledson Joel de Sousa Silva, um grande incentivador dos meus estudos que me reergueu e me ajudou a reconstituir meus pedaços, quando minha mãe partiu. Ao meu irmão, Vinicius Eduardo, por acreditar na minha capacidade. Aos meus tios Juarez Antônio Oliveira de Souza (*in memoriam*) e Tereza Rosa Oliveira de Souza (*in memoriam*) que sempre acreditaram no meu potencial e deixaram este plano durante minha formação. Obrigada por confiarem na minha capacidade e por sempre estarem do meu lado.

Aos meus amigos Jozilena, Victória, Mayara, Juliana, Paula, Hellorem, Marcus, Érica, Letícia, por sempre me ouvirem e me apoiarem quando precisei.

À minha orientadora Flávia Santos Martins, por toda paciência memorável e compreensão delicada neste processo. Sempre lhe quis como orientadora, desde o meu primeiro dia de aula na graduação em Letras. Nós nos escolhemos desde o PIBIC até o Mestrado. Obrigada por tudo, minha professora preferida! Aos membros do Grupo de Estudos Linguísticos do Amazonas, por construírem laços que vão além dos estudos.

Às professoras que me ajudaram na metodologia de coleta de dados, Tarciana, Thaysa, Talessa e Valéria. Sem o apoio de vocês, eu não teria conseguido. Muito obrigada! Aos informantes, que aceitaram participar da pesquisa. Aos meus alunos, já que sem eles, eu não seria a professora que eu sou.

À FAPEAM, por ter financiado este trabalho de pesquisa. À Universidade Federal do Amazonas e ao PPGL, por me proporcionarem tamanha oportunidade, e à banca examinadora, pela disponibilidade em ler e avaliar minha pesquisa.

RESUMO

Este trabalho busca investigar o fenômeno variável “Expressão pronominal de P2” na posição de sujeito na fala de adolescentes de 13 a 18 anos, em Manaus, no Amazonas, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WLH, 2006 [1968]; TARALLO, 2007; LABOV, 2008 [1972]; MOLLICA e BRAGA, 2015; COELHO *et al.*, 2010, 2015, dentre outros). Com tais pressupostos, assumimos que a variação linguística é sistemática e, assim, grupos de fatores internos e externos à língua condicionam o uso de uma ou de outra variante, tais quais, neste estudo, ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’. Dessa forma, temos como objetivos específicos: i) descrever as variantes do fenômeno analisado; ii) analisar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam ou não sobre as variantes descritas e iii) verificar qual a avaliação social e estilística os adolescentes têm acerca da “expressão pronominal de P2”, por meio de perguntas sobre a avaliação linguística. A metodologia utilizada teve como base o protocolo de coleta de dados adotado por Traesel (2016). Dessa forma, o *corpus* desta pesquisa foi constituído por uma amostra de fala de alunos do Ensino Fundamental (anos finais) e do Ensino Médio. A amostra de fala foi coletada por meio de três gêneros orais: interação espontânea, *podcast* e entrevista sociolinguística (individual). Sobre as interações sociais e os *podcasts*, esses foram realizados com todos os alunos das turmas selecionadas de quatro escolas, sendo duas públicas e duas privadas, enquanto a entrevista foi realizada, no total, com 16 alunos, ou seja, 4 alunos de cada turma, distribuídos por *escola* (8 de escolas particulares, 8 de escolas públicas), *faixa etária/série escolar* (4 do 9.º ano do ensino fundamental anos finais, 4 das 2.ª e 3.ª séries do ensino médio), *sexo/gênero* (4 meninas de escolas particulares e 4 meninos de escolas públicas). A entrevista, ainda, tinha como critério de seleção ser realizada somente com aqueles alunos que nasceram em Manaus e têm os pais e/ou responsáveis manauaras. Para o entendimento da regra variável que rege a “expressão pronominal de P2” na posição de sujeito na fala manauara, controlamos os seguintes condicionadores linguísticos e extralinguísticos: *referenciação* (direta, indireta ou indeterminada), *paralelismo linguístico* (sujeito e possessivo, sujeito e complementos, entre pronomes em uma série), *concordância verbal com o tu* (marcada, não marcada), *tipo de gênero oral* (interação espontânea, *podcast*), *tipo de frase* (exclamativa, declarativa, imperativa, interrogativa e optativa), *preenchimento do sujeito* (preenchido, não preenchido), *faixa etária/série escolar* (13 a 15/9.º ano do ensino fundamental anos finais, 16 a 18/2.ª e 3.ª séries do ensino médio), *sexo/gênero* (homem, mulher), *escola* (pública, privada) e *relações sociais entre interlocutores (assimetria e simetria)*. Quanto aos resultados gerais, no que diz respeito aos dados de uso linguístico, a forma ‘tu’ foi mais frequente e produtiva, com percentual de 63,3%, e foi favorecida pelas variáveis *tipo de gênero oral* e *faixa etária*. No que tange à avaliação linguística, os estudantes associaram o ‘tu’ à informalidade e simetria; o ‘você’ concorre com o ‘tu’ tanto no caminho da intimidade quanto no caminho do respeito, quando concorre também com a forma ‘o (a) senhor (a)’. Ao final deste trabalho, espera-se ter contribuído com os estudos descritivos sobre o Português Brasileiro (PB), além de ampliar, especificamente, as discussões sobre uso e avaliação linguística no Amazonas.

Palavras-chave: Sociolinguística; expressão de segunda pessoa; fala; Manaus.

ABSTRACT

This work seeks to investigate the variable phenomenon “Pronominal expression of P2” in the subject position in the speech of adolescents aged 13 to 18, in Manaus, Amazonas, based on the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (WLH, 2006 [1968] ; TARALLO, 2007; LABOV, 2008 [1972]; MOLLICA and BRAGA, 2015; With such assumptions, we assume that linguistic variation is systematic and, thus, groups of factors internal and external to the language condition the use of one or another variant, such as, in this study, 'tu', 'you' and 'o (the Lady)'. Therefore, our specific objectives are: i) to describe the variants of the analyzed phenomenon; ii) analyze the groups of linguistic and extralinguistic factors that act or not on the variants described and iii) verify what social and stylistic evaluation adolescents have regarding the "pronominal expression of P2", through questions about linguistic evaluation. The methodology used was based on the data collection protocol adopted by Traesel (2016). Thus, the corpus of this research was made up of a speech sample from Elementary School (final years) and High School students. The speech sample was collected through three oral genres: social interaction, podcast and sociolinguistic interview (individual). Regarding social interactions and podcasts, these were carried out with all students from the selected classes of four schools, two public and two private, while the interview was carried out, in total, with 16 students, that is, 4 students from each class , distributed by school (8 from private schools, 8 from public schools), age group/school grade (4 from the 9th year of elementary school final years, 4 from the 2nd and 3rd grades of secondary school), gender /gender (4 girls from private schools and 4 boys from public schools). The selection criterion for the interview was to be carried out only with those students who were born in Manaus and have parents and/or guardians from Manaus. To understand the variable rule that governs the “pronominal expression of P2” in the subject position in Manauara speech, we control the following linguistic and extralinguistic conditioners: referencing (direct, indirect or indeterminate), linguistic parallelism (subject and possessive, subject and complements , between pronouns in a series), verbal agreement with tu (marked, unmarked), type of oral genre (social interaction, podcast), type of sentence (exclamatory, declarative, imperative, interrogative and optative), subject completion (filled in, not filled in), age group/school grade (13 to 15/9th year of elementary school final years, 16 to 18/2nd and 3rd years of secondary school), sex/gender (man, woman), school (public, private) and social relationships between interlocutors (asymmetry and symmetry). As for the general results, with regard to data on linguistic use, the form 'tu' was more frequent and productive, with a percentage of 63.3%, and was favored by the variables type of oral gender and age group. Regarding linguistic assessment, students associated ‘tu’ with informality and symmetry; ‘you’ competes with ‘you’ both on the path of intimacy and on the path of respect, when it also competes with the form ‘you’. At the end of this work, we hope to have contributed to descriptive studies on Brazilian Portuguese (BP), in addition to specifically expanding discussions on linguistic use and evaluation in Amazonas.

Keywords: Sociolinguistics; expression of second person; speech; Manaus.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência e probabilidade da variante ‘tu’, segundo a variável <i>tipo de gênero oral</i>	90
Tabela 2 - Frequência da variante ‘tu’, segundo as variáveis <i>tipo de gênero oral e escola</i>	92
Tabela 3 - Frequência e probabilidade da variante ‘tu’, segundo a variável <i>faixa etária/série escolar</i>	93
Tabela 4 - Frequência da variante ‘tu’, segundo as variáveis <i>série escolar/faixa etária e escola</i>	94
Tabela 5 - Frequência da variante ‘tu’, segundo as variáveis <i>série escolar/faixa etária e escola</i>	95
Tabela 6 - Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável <i>preenchimento do sujeito</i>	96
Tabela 7 - Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável <i>tipo de frase</i>	97
Tabela 8 - Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável <i>paralelismo entre sujeito e complementos</i>	98
Tabela 9 - Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável <i>paralelismo entre pronomes em uma série</i>	98
Tabela 10 - Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável <i>paralelismo: sujeito e possessivo</i>	99
Tabela 11 - Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável <i>referenciação</i>	99
Tabela 12 - Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável <i>concordância verbal com o tu</i>	101
Tabela 13 - Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável <i>sexo/gênero</i>	102
Tabela 14 - Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável <i>tipo de relações</i>	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pronomes pessoais no PB, de acordo com Castilho (2004).....	30
Quadro 2 – Quadro pronominal de acordo com Cunha e Cintra (2017).....	32
Quadro 3 – Sistema pronominal em uso no PB.....	35
Quadro 4 - Trabalhos sobre a expressão de P2 no PB.....	64
Quadro 5 - Trabalhos sobre a Expressão pronominal de P2 no Amazonas.....	70
Quadro 6 - Perfil social dos informantes.....	77
Quadro 7 - Fatores da variável independente <i>referenciação</i>	84
Quadro 8 - Fatores da variável independente <i>paralelismo linguístico</i>	85
Quadro 9 - Fatores da variável independente <i>concordância verbal com o ‘tu’</i>	86
Quadro 10 - Fatores da variável independente <i>preenchimento do sujeito</i>	86
Quadro 11 - Fatores da variável independente <i>tipo de frase</i>	87

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os pronomes de acordo com Lima (2011).....	31
Figura 2 - Distribuição diatópica de ‘tu’ e ‘você’ no PB.....	67
Figura 3 - Mapa da localização de Manaus (AM).....	80
Figura 4 - Zona urbana de Manaus (AM).....	81
Figura 5 - Teatro Amazonas em Manaus.....	83

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	14
<u>CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA</u>	16
<u>1.1 Sociolinguística Variacionista: contextualização histórica</u>	17
1.1.2 A importância de controlar grupos de fatores externos.....	22
1.1.3 Avaliação e percepção linguísticas.....	28
1.2 Fenômeno em estudo: a tradição gramatical e a trajetória da mudança de P2	30
1.2.1 Expressão de P2 na tradição gramatical.....	30
1.2.2 A trajetória da mudança da expressão de P2 no Português.....	34
1.2.3 A gramaticalização de 'o senhor' no PB.....	39
<u>1.3 Fenômeno em estudo: expressão pronominal de P2 nos estudos variacionistas, uso, avaliação e percepção</u>	41
1.3.1 A expressão pronominal de P2 no Amazonas.....	69
1.4 Objetivos, Questões e Hipóteses	72
1.4.1 Objetivo Geral.....	72
1.4.2 Objetivos Específicos.....	73
1.4.3 Questões norteadoras e Hipóteses	73
1.5 Síntese	77
<u>CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</u>	77
2.1 Corpus da pesquisa	77
2.1.2 Coleta de dados	78
2.1.3 Perfil Sócio-histórico de Manaus (AM).....	81
<u>2.2 A variável dependente e as variáveis independentes</u>	85
2.3 Síntese	88
<u>CAPÍTULO 3 – RESULTADOS</u>	89
3.1 O uso linguístico de P2 no Amazonas (interações e <i>podcasts</i>)	90
3.2 As variáveis selecionadas	91
3.2.1 A variável <i>tipo de gênero oral</i>	92
3.2.2 A variável <i>faixa etária/série escolar</i>	94
3.3 As variáveis linguísticas não selecionadas	97

3.3.1 A variável <i>preenchimento do sujeito</i>	98
3.3.2 A variável <i>tipo de frase</i>	99
3.3.3 A variável <i>paralelismo linguístico</i>	100
3.3.4 A variável <i>referenciação</i>	101
3.3.5 A variável <i>concordância verbal com o tu</i>	102
3.4 As variáveis extralinguísticas não selecionadas	103
3.4.1 A variável <i>sexo/gênero</i>	103
3.4.2 A variável <i>tipo de relações</i>	104
3.5 A avaliação linguística sobre P2 em Manaus (AM): entrevista sociolinguística	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
<u>REFERÊNCIAS</u>	110
ANEXOS	114
CRONOGRAMA	115
TERMO DE ANUÊNCIA	116
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)	117
Ficha social do informante	118
Roteiro de Entrevista Sociolinguística	119
Parecer aprovado pelo Comitê de Ética	120
Transcrições e codificações do fenômeno	126

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca investigar, à luz da Sociolinguística Variacionista (WLH, 2006 [1968]; TARALLO, 2007; LABOV, 2008 [1972]; MOLLICA e BRAGA, 2015; COELHO *et al.*, 2010, 2015, dentre outros), o fenômeno variável “a expressão pronominal de P2”¹ na posição de sujeito na fala manauara, especificamente na fala de estudantes do ensino fundamental (anos finais) e do ensino médio de quatro escolas, sendo duas públicas e duas privadas.

Essa variável dependente se expressa por meio das três variantes, a seguir ilustradas com dados coletados nesta pesquisa, identificados pelos códigos definidos por suas características sociais: i) Como **você** gostaria de ser lembrada? (VA9CRED////FQ²), ii) Mano para de rir... Ei papo reto se **tu** ficar rindo **tu** vai sentar mano (TA9CRED/S/NFJ³) e iii) **A senhora** vai cortar né e vai sair todo bonitinho né não? (SO9BED////LQ⁴). Dessa maneira, procuramos, nesta pesquisa, verificar de que forma as variantes deste fenômeno variável “a expressão pronominal de P2”⁵ – ‘tu’, ‘você’ e suas variações ‘cê’ e ‘ocê’, e ‘o (a) senhor (a)’ – se realizam na fala manauara.

No que diz respeito ao fenômeno, esse já vem sendo estudado no Português Brasileiro (PB) por alguns pesquisadores. Destacamos os seguintes: i) Loremi Loregian (1996) estudou a concordância verbal com a forma ‘tu’ no Sul do Brasil; ii) Loregian-Penkall (2004) investigou a alternância entre as formas ‘tu’ e ‘você’ no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Ribeirão da Ilha; iii) Modesto (2007) investigou a alternância entre o ‘tu’ e o ‘você’ em Santos (SP); iv) Martins (2010) investigou a alternância entre ‘tu’, ‘você’ e ‘senhor’ no município de Tefé (AM); v) Andrade (2010) estudou a variação entre ‘você’, ‘cê’ e ‘tu’ no falar de crianças de 7 a 15 anos da Vila Planalto, em Brasília; vi) Martins e Babilônia (2011) estudaram a influência dos fatores sociais na alternância entre ‘tu’ e ‘você’ na fala manauara; vii) Martins e Martins (2014) estudaram a alternância entre os pronomes ‘tu’ e ‘você’ na fala manauara; viii) Rocha (2015) estudou a expressão pronominal de segunda pessoa (‘tu’, ‘você’ e ‘senhor’) no falar florianopolitano, por meio de testes de percepção e de produção; ix) Costa (2016) estudou a alternância entre as formas ‘tu’, ‘você’ e ‘senhor (a)’ na função de sujeito na fala dos habitantes

1 Neste estudo, destacaremos a variável dependente entre aspas duplas e as variáveis independentes em itálico.

2 Código usado para identificar a fala de uma menina do 9.º do EF II de uma escola particular.

3 Código usado para identificar a fala de uma menina do 9.º do EF II de uma escola particular.

4 Código usado para identificar a fala de um menino do 9.º do EF II de uma escola particular.

5 Ressaltamos que assumimos a nomenclatura P2 por conta de Câmara Jr. (2015 [1953]). Essa P2 se refere às formas pronominais de segunda pessoa do singular.

de Cametá, no Pará; x) Traesel (2016) investigou a variação entre as formas dos paradigmas de ‘tu’ e de ‘você’ no bairro Ingleses, em Florianópolis; xi) Silva e Gonçalves (2018) investigaram o ‘tu’ e o ‘você’ no falar de habitantes de Ressaquinha (MG); xii) Vítório (2019) investigou as atitudes e crenças de universitários de Alagoas em relação ao ‘tu’; xiii) Franceschini (2021) investigou as formas ‘tu’ e ‘você’ na fala concordense e xiv) Camacho e Silva (2021) estudaram as atitudes e crenças dos moradores de Rio Branco em relação às formas ‘tu’ e ‘você’ a partir da aplicação de testes de avaliação; dentre outros.

De maneira geral, os estudos sobre a expressão pronominal de P2 apontam uma alternância entre as formas ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’. Essa alternância é condicionada: a variante ‘tu’, comumente, é associada ao tratamento íntimo em relações simétricas, além de ser produzido associado a não marcação de concordância e à referência determinada, quando há uma referência direta com o interlocutor; por sua vez, as formas ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’ aparecem em um tratamento menos íntimo, sendo o ‘você’ uma forma que pode alternar com o ‘tu’ também em tratamentos íntimos e se associa, principalmente, a uma referência mais genérica, em tratamento de uma forma geral de se referir às pessoas, não ao interlocutor diretamente. Também, a forma ‘o (a) senhor (a)’ costuma se associar às relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior), como no tratamento dado de jovens às pessoas mais velhas.

Por isso, pretendemos descobrir o que condiciona a escolha de uma ou outra variante para “a expressão de P2” na fala manauara. Verificamos, no cotidiano, uma predileção pelo uso do ‘tu’, principalmente, no tratamento íntimo, além de uma alternância entre o ‘você’ e o ‘o (a) senhor (a)’ para tratamento menos íntimo.

Dessa maneira, o presente trabalho tem como objetivo geral investigar o fenômeno variável “a expressão pronominal de P2” na posição de sujeito na fala de adolescentes de 13 a 18 anos em Manaus, no Amazonas, a fim de contribuir com os estudos descritivos sobre o Português Brasileiro (PB). Tem, ainda, como objetivos específicos os seguintes: a) Descrever as variantes do fenômeno “a expressão pronominal de P2” na posição de sujeito na fala de adolescentes de 13 a 18 anos de Manaus (AM); b) Analisar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam ou não sobre as variantes descritas, particularmente, na fala de adolescentes de 13 a 18 anos da cidade mencionada e c) Verificar qual a avaliação social e estilística os adolescentes de 13 a 18 anos têm acerca da “expressão pronominal de P2”, por meio de perguntas sobre a avaliação linguística.

Ademais, em Manaus (AM), como mencionado, já encontramos alguns estudos a respeito da variação na “expressão pronominal de P2”. Logo, buscamos ampliar os estudos

sobre o referido fenômeno nessa cidade. Para isso, pretendemos descrever a regra variável do fenômeno em questão e evidenciar quais os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, como *referenciação* (direta, indireta ou indeterminada), *paralelismo linguístico* (sujeito e possessivo, sujeito e complementos, entre pronomes em uma série), *concordância verbal com o tu* (marcada, não marcada), *tipo de gênero oral* (interação espontânea e *podcast*), *tipo de frase* (exclamativa, declarativa, imperativa, interrogativa e optativa), *preenchimento do sujeito* (preenchido, não preenchido), *escola* (pública, particular), *faixa etária/série escolar* (13 a 15/9.º ano do ensino fundamental anos finais, 16 a 18/2.^a e 3.^a séries do ensino médio), *sexo/gênero*⁶ (menino, menina) e *relações sociais entre interlocutores* (assimetria e simetria) influenciam o uso de uma ou outra variante da “expressão pronominal de P2” na posição de sujeito. Ainda, ampliaremos as discussões sobre avaliação linguística, no que tange à noção social e estilística das variantes do fenômeno citado. Essa discussão será obtida por meio da entrevista sociolinguística.

Diante disso, esta pesquisa se justifica não só por trazer uma perspectiva de avaliação linguística sobre o fenômeno variável “expressão pronominal de P2”, mas também por propor, através de adaptações dos procedimentos metodológicos adotados por Traesel (2016), uma metodologia de coleta de dados até então não realizada em Manaus (AM). Com essa metodologia, a pesquisa científica e o ensino se entrelaçam, já que nos propusemos a buscar amostras de fala em escolas públicas e privadas, por meio da gravação de três gêneros orais, a saber: *interações sociais*, *podcasts* e *entrevistas sociolinguísticas*. Portanto, este estudo se mostra relevante não só em vista do fenômeno variável observado, mas também dos procedimentos metodológicos adotados.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, esta dissertação está assim organizada: primeiramente, apresentamos o embasamento teórico-metodológico utilizado; em seguida, demonstramos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa e, por fim, os resultados encontrados.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste capítulo, trataremos da Sociolinguística Variacionista, assim como de alguns trabalhos sobre o uso da “expressão pronominal de P2”, no PB e, especificamente, no

6 Adotamos essa terminologia, uma vez que, de acordo com as discussões de Freitag (2015), a coleta em estudos sociolinguísticos, comumente, tem se baseado no *sexo* biológico, mas a análise se baseia no *gênero* do informante. Isso será discutido na seção 1.1.2, no capítulo 1.

Amazonas. Ainda serão discutidos estudos sobre avaliação linguística, já que este trabalho se propõe a investigar essa noção.

1.1 Sociolinguística Variacionista: contextualização histórica

A Sociolinguística, grosso modo, estuda a relação, de acordo com Coelho *et al.* (2015, p. 12), da “língua em que falamos e a sociedade em que vivemos”. A Sociolinguística a qual utilizaremos é chamada Variacionista, também denominada Sociolinguística Laboviana, Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação e Mudança Linguística.

É importante lembrar que os estudos sobre a relação entre língua e sociedade, sob a perspectiva do que denominamos Sociolinguística, começam, oficialmente, a partir da década de 1960, em uma conferência sobre Sociolinguística, em 1964, e em um Simpósio denominado “Direções para a Linguística Histórica”, em 1966. Entretanto, já se falava sobre a relação entre língua e sociedade, como por exemplo, em autores como Meillet e Bernstein, de acordo com Calvet (2002 [1993]).

Em seu livro “Sociolinguística: uma introdução crítica”, Calvet (2002 [1993]) nos traz as primeiras discussões sobre a relação entre língua e sociedade, com Antoine Meillet (1906). Esse autor defendia o caráter social da língua diferentemente da concepção adotada no Estruturalismo. Crítico de Ferdinand de Saussure, Meillet não separa a abordagem interna da abordagem externa dos fatos da língua, mas as associa. Além disso, critica Saussure quando esse separa sincronia de diacronia, argumentando que se deve explicar os fatos da língua por meio da história.

Ainda sobre Meillet, Labov, grande nome da Sociolinguística, ao tratar da concepção linguística da língua como fato social em “Padrões Sociolinguísticos”, coloca-o em uma categoria intitulada por ele de “grupo social”. Isso porque Labov coloca os linguistas em dois grupos: grupo A, que seria o grupo social, e grupo B, que seria o grupo “associal”. De acordo com o autor:

O grupo A, o grupo “social”, presta maior atenção aos fatores sociais para explicar a mudança; vê as funções expressivas e diretivas da língua como intimamente entrecruzadas com a comunicação de informação referencial; estuda a mudança em andamento e vê mudança em andamento refletida nos mapas dialetais; e enfatiza a importância da diversidade linguística, das línguas em contato e do modelo de ondas para a evolução linguística. Os linguistas do grupo B, o grupo “associal”, se concentram em fatores puramente internos – estruturais ou psicológicos – para explicar a mudança; separam a comunicação afetiva ou social da comunicação de “ideias”; acreditam que a mudança sonora em andamento não pode ser estudada diretamente e que os estudos das comunidades e dos mapas dialetais não mostram

mais do que os resultados do empréstimo dialetal; assumem a comunidade homogênea e monolíngue como típica, trabalhando dentro do modelo Stammbaum [árvore genealógica] de evolução linguística (LABOV, 2008 [1972], p. 305-306).

Dessa forma, Meillet estaria no grupo dos linguistas “sociais”, uma vez que já defendia a relação entre os fatores sociais e os fatores linguísticos. De acordo com Labov (2008 [1972]), Meillet, em 1905, esperava que o século XX se voltasse aos estudos sobre as causas da mudança linguística dentro do contexto social, no entanto o que houve foi uma predominância dos estudos dos linguistas do grupo B, os “associais”.

Bernstein (1975), sociólogo inglês, por sua vez, de acordo com Calvet (2002 [1993]), relaciona produções linguísticas reais à situação social dos falantes. O autor analisou produções textuais escritas de crianças consideradas de ambientes favorecidos e de crianças de ambientes menos favorecidos. Os resultados mostraram, segundo o referido sociólogo, que haveria dois códigos: o restrito, caracterizado por um vocabulário limitado, por frases simples e sem subordinação, e o elaborado, caracterizado por frases mais complexas com subordinação. O código restrito seria dominado por crianças menos favorecidas, já o código elaborado por crianças mais favorecidas que também dominam o código restrito. É certo que, posteriormente, Labov critica essas denominações, já que não seriam códigos, mas sim estilos. No entanto, é interessante mostrar como esse trabalho de Bernstein foi importante no sentido de que discutiu a relação entre produções linguísticas reais e as condições sociais dos falantes que as produzem.

Segundo Calvet (2002 [1993]), a Sociolinguística, propriamente dita, e suas funções como linha de estudo e de pesquisa tem como marco inicial uma conferência a qual reuniu 25 pesquisadores em Los Angeles. William Bright ficou encarregado de sintetizar as discussões feitas pelos pesquisadores por meio da publicação de atas. O autor ressalta que, apesar de a Sociolinguística ser de difícil definição, tem como um de seus deveres mostrar que a variação e a diversidade linguísticas não acontecem de forma aleatória, mas sim são condicionadas por questões sociais. Entretanto, Britgh ainda visualizava a Sociolinguística como subordinada à Linguística, à Sociologia e à Antropologia. Isso mudará a partir dos estudos e discussões de William Labov.

Além dessa conferência, Faraco (2006) explana no livro de WLH (2006 [1968]) sobre o Simpósio intitulado “Direções para a Linguística Histórica” como um marco para o advento da Sociolinguística. Realizado no Texas, em 1966, o Simpósio teve o objetivo de reunir pesquisadores para a discussão acerca dos estudos linguísticos históricos. Os textos apresentados nesse evento foram organizados e publicados por Lehmann e Malkiel, em 1968. Nesse livro, os autores destacam os estudos de Weinreich, Labov e Herzog sobre mudanças

linguísticas observadas em grupos urbanos e acreditam que suas considerações sejam como ponto de partida para as investigações sobre a mudança linguística.

Ademais, destacamos aqui dois estudos importantes de Labov para o estabelecimento da Sociolinguística enquanto ciência e, principalmente, para a definição de uma metodologia própria de pesquisa para lidar, sobretudo, com dados de fala.

Em seu primeiro estudo, “The social history of sound change on the island of Martha’s Vineyard”, em 1962, de acordo com Labov (2008 [1972]), tinha-se o objetivo geral de investigar o fenômeno variável “centralização do primeiro segmento dos ditongos /ay/ e /aw/” na ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts. Esse fenômeno se expressa por meio de duas variantes: a pronúncia centralizada, padrão dos ditongos comumente usada pelos vineyardenses e herdada pelos colonos ianques do século XVII – como [əy], [əw], e a pronúncia não-centralizada da primeira vogal dos ditongos, variante inovadora, como [ay], [aw].

Segundo Labov (2008 [1972]), a ilha é dividida em duas partes: ilha alta e ilha baixa. A primeira é, sobretudo, rural com poucas fazendas e lugarejos, já a ilha baixa é a região mais populosa onde existem mais lugarejos. Em relação aos grupos étnicos residentes da ilha, de acordo com Labov (2008 [1972]), os vineyardenses são divididos em quatro grupos étnicos. São eles: os descendentes de ingleses, os descendentes de portugueses, descendentes de indígenas e, enfim, um grupo constituído por uma miscigenação de diferentes origens (ingleses, franco-canadenses, irlandeses, alemães, poloneses). O autor destaca, ainda, um outro grupo importante para esse estudo: os veranistas os quais chegam à ilha por volta de junho e julho e influenciam no falar dos nativos, o que veremos mais adiante.

Nesse estudo, o autor controlou tanto grupos de fatores linguísticos, como *ambiente fonético; tonicidade; influência estilística (fala espontânea, fala emocionalmente carregada, fala monitorada e leitura)* e *considerações lexicais*, quanto grupos de fatores extralinguísticos, como *ocupação, etnia (descendentes de ingleses, descendentes de portugueses, indígenas e grupo formado por várias origens, como ingleses, franco-canadenses, irlandeses, alemães e poloneses), faixa etária (14-30, 31-45, 46-60, 61-75, 75) e sexo/gênero*. Sobre a coleta de dados, essa foi realizada por meio de três métodos: questionário lexical, perguntas a respeito do juízo de valor dos informantes e a leitura de um texto.

No total, foram 69 entrevistas com falantes nativos da ilha, realizadas em três períodos distintos: agosto de 1961, final de setembro-outubro de 1961 e janeiro de 1962. Eram 40 informantes da ilha alta e 29 da ilha baixa. Desses informantes, 14 eram pescadores, 8

agricultores, 19 comerciantes, 3 profissionais liberais, 5 donas de casa, 14 estudantes e 6 trabalhavam em construção.

De forma geral, foram encontrados 3.500 dados de /ay/ e 1.500 de /aw/. Os resultados mostraram que a centralização dos ditongos era mais realizada por pescadores e descendentes de ingleses sobretudo em áreas da ilha alta. Vale lembrar também que, nesse fenômeno, os condicionadores linguísticos não se mostraram tão relevantes quanto os condicionadores extralinguísticos. Além disso, a faixa etária dos 31 aos 45 anos favoreceu mais a centralização. Para entender como essas forças sociais agem sobre o uso da língua, Labov buscou explicações na estrutura social da ilha. De acordo com o autor, atividades econômicas como a pesca e a agricultura, sobretudo na ilha alta, já não eram suficientes para manter a independência econômica e, por consequência disso, o turismo era necessário além de ser “como uma ameaça à independência pessoal deles” (nativos) (LABOV, 2008 [1972], p. 48). Dessa forma, os nativos, que em sua maioria eram da ilha alta, tinham uma atitude de independência e de pertencimento à ilha e, dessa forma, centralizavam mais os ditongos como uma forma de reafirmarem suas identidades. Por outro lado, os nativos que se mostraram positivos a esse novo cenário socioeconômico não centralizavam tanto os ditongos, adotando, assim, a variante utilizada pelos veranistas.

Portanto, esse estudo mostrou, consoante Labov (2008 [1972]), que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008 [1972], p. 21). Em outras palavras, mostrou-se relevante o controle de grupos de fatores extralinguísticos na análise de um fenômeno variável.

Outro trabalho que vale mencionar é “The social stratification of /r/ in New York city department stores”, em 1962, de William Labov. Nesse estudo, Labov investigou a variação entre duas formas: a presença do [r] em posição pós-vocálica, a qual seria a variante inovadora e de prestígio, e a ausência do [r] em posição de coda silábica, a qual seria a variante conservadora e oriunda da Nova Inglaterra, em palavras como *car*, *fourth*, *card*.

De acordo com Labov (2008 [1972]), esse trabalho partiu de um problema metodológico: ele gostaria de entender se o meio utilizado para coletar os dados interfere nos dados recolhidos. Para isso, investigou o fenômeno variável /r/ em posição pós-vocálica em três lojas de departamento de Nova Iorque, considerando a classe social: Saks Fifth Avenue (prestígio alto), Macy’s (prestígio médio) e S. Klein (prestígio baixo). Teve como um dos objetivos específicos o seguinte: verificar se o uso do /r/ é “um diferenciador social em todos

os níveis de fala de Nova Iorque” (LABOV, 2008 [1972], p. 64). Vale lembrar que o prestígio dessas lojas selecionadas foi baseado nas políticas de publicidade e nos preços das lojas.

No que diz respeito à coleta de dados, Labov (2008 [1972]) buscou coletar o fenômeno variável mencionado a partir de eventos casuais e anônimos. Acontecia da seguinte forma: o entrevistador, no caso o próprio Labov, aproximava-se do vendedor, como se fosse um cliente, e perguntava onde ficava um departamento específico para obter a resposta “*fourth floor*”, classificada como resposta casual. Em seguida, o entrevistador perguntava novamente em busca de uma resposta enfática e mais monitorada. Assim, ele anotava os dados. Para analisar esse fenômeno, foram controladas as seguintes variáveis independentes: *loja, andar da loja, sexo, idade estimada, cargo (encarregado de seção, vendedor, caixa, repositor), raça e sotaque (estrangeiro ou regional)*.

No total, foram realizadas 264 entrevistas: 68 na Sacks, 125 na Macy’s e 71 na Kleins. Os resultados mostraram, segundo Labov (2008 [1972]), que 62% dos empregados da Sacks, 51% da Macy’s e 21% da S. Klein usaram totalmente ou parcialmente o /r/. Concluiu-se que, quanto maior o prestígio de uma loja, mais os vendedores dessa se utilizam do /r/, já que a presença desse é uma variante inovadora e de prestígio. Logo, Labov atestou uma correlação entre variável linguística e macrocategorias sociais, já que o /r/ era usado de maneira estratificada.

No que tange ao método de coleta utilizado, de acordo com Labov (2008 [1972]), entrevistas rápidas e anônimas são uma fonte interessante de coleta, mas é certo que há empecilhos na escolha desse método. Um exemplo disso é a falta de informação social específica sobre os informantes. Além disso, os dados não foram gravados o que, por consequência, poderiam trazer dúvidas na hora da transcrição pelo entrevistador. O autor destaca, ainda, que essa resposta enfática não necessariamente nos traz um estilo de fala formal.

É importante trazer esses trabalhos de Labov para ilustrar a relevância da correlação entre variáveis linguísticas e macrocategorias sociais. Sabendo das limitações do método de coleta de dados utilizado por Labov (2008 [1972]), conforme o último trabalho descrito, escolhemos utilizar a entrevista sociolinguística gravada para coletar nossos dados, além da gravação das interações sociais e *podcasts*, o que será mais bem abordado no capítulo 2 “Procedimentos metodológicos da pesquisa”. Sabemos, também, do que Labov (2008 [1972]) chamou de paradoxo do observador, em se tratando desse método. De acordo com o autor:

Com isso chegamos ao *paradoxo do observador*: o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da

observação sistemática. O problema, evidentemente, não é insolúvel: ou achamos maneiras de suplementar as entrevistas formais com outros dados, ou mudamos a estrutura da situação de entrevista de um jeito ou de outro (LABOV, 2008 [1972], p. 244).

Em outras palavras, precisamos de bons dados de fala espontânea, mas, para coletá-los, é necessária uma observação sistemática gravada por meio de entrevista a qual torna o estilo, consequentemente, mais monitorado. Há soluções para resolver tal paradoxo, segundo Labov (2008 [1972]). São estas: i) definir vários intervalos e pausas da gravação a fim de que o informante pense, em determinado momento, que não está sendo gravado e ii) elaborar perguntas que recriem emoções e experiências passadas do informante, como por exemplo perguntas sobre riscos de vida pelos quais o informante presenciou. Neste estudo sobre o fenômeno “Expressão pronominal de P2”, no intuito de minimizar esse paradoxo, elaboramos um roteiro de perguntas sobre a vivência dos adolescentes, conforme podemos verificar nos Anexos (cf. p. 112).

Em suma, nos dois trabalhos de Labov (2008 [1972]) aqui descritos, observamos que ele correlacionou fenômenos linguísticos à condicionadores internos e externos. Ainda, nesses trabalhos, Labov mostra que questões externas pesam mais do que as internas sobre os fenômenos investigados, no caso fonético-fonológicos. Por esse motivo, destacamos a importância de se considerar no estudo da Sociolinguística, sobretudo, questões extralinguísticas, como as clássicas que Labov considerou: *sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, ocupação, classe social, estilo, etnia, região* etc. A seguir, discutiremos a importância do controle dessas variáveis.

1.1.2 A importância de controlar grupos de fatores externos

Quando falamos de processo de variação e mudança linguísticas, devemos recorrer aos autores WLH (2006 [1968]), em *Fundamentos empíricos para uma teoria da mundana linguística*, livro no qual são discutidos os problemas os quais precisam ser solucionados para o estudo da variação e mudança linguística. São estes: o problema da restrição, o problema do encaixamento, o problema da transição, o problema da avaliação e o problema da implementação.

Sobre o problema da restrição também chamado de problema dos fatores condicionantes, WLH (2006 [1968]) preconizam que esse diz respeito ao conjunto de condições possíveis para a mudança linguística. Em outras palavras, é preciso, em um trabalho Sociolinguístico, que se controlem os condicionadores linguísticos e extralinguísticos, pois eles

são as forças que pressionam o uso de uma ou de outra variante em um processo de variação linguística.

Como descreveremos na seção 1.2.2, o fenômeno variável estudado influencia em outros fenômenos no sistema linguístico do PB. Por isso, no que interessa a este trabalho, é válido discutir o problema do encaixamento o qual WLH (2006 [1968]) discutem como a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística ou social. Controlar e correlacionar grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos podem nos mostrar como a mudança linguística está encaixada, como Labov (2008 [1972]) fez em seu estudo em Martha's Vineyard em que correlacionou variáveis sociais com variáveis linguísticas e atestou a relação entre essas.

No que tange ao problema da implementação, esse pode ser investigado por meio dos resultados das ações dos condicionadores linguísticos e sociais no fenômeno variável. Entretanto, só se pode afirmar a implementação de fato de uma forma depois que essa para de competir com outras na variação linguística e passa pelo processo de mudança linguística. No caso deste trabalho, investigamos variação linguística, não a mudança linguística.

Nesta pesquisa, controlaremos as variáveis clássicas observadas por Labov (2008 [1972]), como *faixa etária* (13 a 15, 16-18), simultaneamente à *escolaridade* (9.º ano do ensino fundamental anos finais e 2.ª e 3.ª séries do ensino médio) e *sexo/gênero* (homem, mulher). Nesta seção, buscamos tratar da importância do controle de cada grupo de fatores escolhido neste estudo.

Em relação à variável *faixa etária*, é importante controlá-la no sentido de que está relacionada à implementação de variantes inovadoras. Apesar da pequena diferença entre as faixas etárias as quais controlamos, é interessante pensar se à medida que a faixa etária aumenta, a preocupação com a formalidade e percepção linguística cresce também.

Interessa-nos aqui refletir sobre o problema da transição o qual preconiza como os estágios de variação linguística acontecem de maneira contínua de acordo com o tempo real (comparação entre várias sincronias) e o tempo aparente (as faixas etárias) numa comunidade linguística. É válido lembrar que, de acordo com WLH (2006 [1968]), “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WLH (2006 [1968]), p. 125). De outra maneira, para que haja uma mudança linguística, são necessários os estágios de variação linguística.

Existem três hipóteses que tratam dessa mudança linguística através das faixas etárias de um indivíduo (a mudança em tempo aparente). A primeira, de acordo com Naro (2015 *In* BRAGA e MOLLICA, 2015), teoriza que o estado de língua de um informante adulto reflete o estado de língua de seu momento de puberdade, por volta dos 15 anos de idade. Em outras

palavras, haveria certa estabilidade no modo de falar depois da puberdade. Dessa forma, “a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos releva a língua de há apenas vinte e cinco anos” (NARO, 2015, p. 45, *In* BRAGA e MOLLICA, 2015). Isto é, haveria uma estabilidade no falar do falante e uma instabilidade na comunidade. Portanto, em uma pesquisa sociolinguística, controlar informantes de diferentes faixas etárias pode nos ajudar a detectar indícios de mudança linguística em tempo aparente em determinada localidade investigada. Logo, é como se observássemos um estágio de mudança linguística em progresso.

Para ilustrar essa mudança linguística em tempo aparente, trazemos o exemplo discutido por Coelho *et al.* (2010): os resultados de Pagotto (2001) sobre a variação na palatalização do /t/ em Florianópolis, expressa por meio das variantes [t], [ts] e [tʃ]. Os resultados demonstraram, observando o controle de três faixas etárias (13-23, 25-50, mais de 50 anos), que a variante considerada inovadora – [tʃ] – teve maior frequência na fala dos mais jovens de 13 a 23 anos com 30%, já a variante considerada conservadora, [t], apresentou uma frequência maior na faixa etária mais velha, com 69%. Dessa maneira, podemos observar uma predileção por variantes inovadoras na faixa etária mais jovem, enquanto a faixa etária mais velha prefere se utilizar de variantes conservadoras, demonstrando-nos indícios de uma mudança linguística em tempo aparente.

Por outro lado, a segunda hipótese presume que não necessariamente há essa estabilidade no modo de falar dos informantes, ou seja, o informante pode mudar sua língua com o passar dos anos, como se houvesse uma instabilidade no falar do informante e uma estabilidade na comunidade na qual ele está inserido, de forma geral.

Para ilustrar esse tipo de mudança, trazemos os resultados de Scherre (1988). A fim de observar a variação na “concordância nominal de número” na fala carioca, a autora investigou a fala de 64 informantes, estratificados de acordo com *faixa etária*, *escolaridade* e *sexo*⁷. Os resultados gerais em relação à *faixa etária* mostraram um padrão curvilíneo, já que a 1ª e a 3ª faixa etária se comportam de maneira semelhante, favorecendo menos a variante “presença de marcas morfológicas de plural” (15-25 anos: 0,50; 49 50-71 anos: 0,49), ao passo que a 2ª favorece mais a referida variante (26-49 anos: 0,56). Esses resultados, num primeiro momento, parecem refletir um estágio de variação sociolinguística estável, ou seja, uma instabilidade no indivíduo e uma estabilidade na comunidade de fala.

7 Terminologia utilizada pela autora.

Por fim, a última hipótese, segundo Naro (2015 *In* BRAGA e MOLLICA, 2015), diz respeito à seguinte premissa: ainda que o indivíduo mude o seu falar com o passar do tempo, ao chegar em uma idade mais avançada, não fala como os mais velhos falam da época.

De qualquer maneira, assumimos, neste trabalho, o controle de duas faixas etárias distintas no intuito de observarmos se há variação linguística no fenômeno investigado, “expressão pronominal de P2”. Assim, poderemos analisar um estágio da variação linguística e detectar pequenos indícios de mudança linguística em tempo aparente. Ressaltamos que essa variável, neste estudo, está sobreposta à variável *escolaridade*.

Ademais, a respeito da variável *escolaridade*, Votre (2015 *In* BRAGA e MOLLICA, 2015) faz algumas discussões interessantes sobre. De acordo com o autor, verificamos na escola um instrumento que influencia na promoção e na resistência aos processos de variação e mudança linguísticas. Primeiramente, o autor faz distinções relevantes como: i) entre forma de prestígio social e forma relativamente neutra; ii) fenômeno socialmente estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização; iii) fenômenos que são objetos de ensino escolar e fenômenos que escapam à visão normativa da escola e iv) fenômenos situados no discurso e fenômenos situados no interior da gramática. Para este estudo, é importante destacar as três primeiras distinções.

Segundo Votre (2015 *In* BRAGA e MOLLICA, 2015), em relação à primeira distinção, de um lado, há formas linguísticas que são socialmente prestigiadas por serem produzidas por informantes com *status* socioeconômico elevado, por outro lado, há formas relativamente neutras por não terem avaliação negativa nem positiva. Seriam, portanto, fenômenos imunes à estigmatização, o que já se relaciona com a segunda distinção. Vale lembrar que o estigma social é, comumente, associado às pessoas desprovidas de *status* socioeconômico e, por consequência, as formas estigmatizadas são avaliadas de maneira negativa. Dessa forma, a escola e o professor de língua materna atuam como inibidores dessas formas desprestigiadas.

Ainda, de acordo com Votre (2015 *In* BRAGA e MOLLICA, 2015), sobre as duas últimas distinções, existem fenômenos variáveis que recebem a atenção normativa da escola assim como existem fenômenos que escapam dessa atenção. Segundo Votre (2015),

Por um lado, a escola controla, evita e pune, com veemência, o uso de formas com supressão e/ou troca de líquidas, como *framengo* e *pobrema*, e os fenômenos sintáticos com resquícios dos casos latinos nos pronomes, como *dá para mim sair*. Por outro lado, é conivente com formas redundantes, do tipo *há anos atrás* (VOTRE, 2015, p. 53).

Em outras palavras, existem fenômenos variáveis, como o rotacismo citado acima, os quais são discutidos e criticados assiduamente no ambiente escolar. Também há fenômenos variáveis os quais não recebem a atenção das escolas. Podemos citar a variação entre ‘nós’ e ‘a gente’ em que o uso de ‘a gente’ não é visto de forma negativa na escola. Além disso, a quarta e última distinção apresenta que fenômenos controlados por fatores gramaticais são mais objetos de pesquisa em relação aos fenômenos discursivos. Isso se reflete, de acordo com Votre (2015 *In* BRAGA e MOLLICA, 2015), na quantidade majoritária de pesquisas envolvendo fatores estruturais da língua em detrimento de fatores discursivos ou funcionais.

Dessa maneira, podemos verificar o quão importante é controlar essa variável. Neste estudo, controlaremos *série escolar*, com isso poderemos atestar e verificar se noções de prestígio e estigma estão relacionados à realização das variantes – ‘tu’, ‘você’ ou ‘o (a) senhor (a)’ – do fenômeno variável “Expressão pronominal de P2”. Acreditamos que o fenômeno mencionado possa não receber atenção prescritiva das escolas. Isso pode ser observado nos resultados de trabalhos sobre o fenômeno, os quais trataremos na seção 1.3.

No que tange à variável *sexo/gênero*, trazemos Paiva (2015 *In* BRAGA e MOLLICA, 2015) e Freitag (2015) para elucidar nossas discussões. Segundo Paiva (2015 *In* BRAGA e MOLLICA, 2015), o grupo de fatores *sexo/gênero* é relevante tanto para a discussão de quem lidera quanto para quem retém processos de mudança linguística. Para chegar a essa conclusão, a referida autora recorreu a alguns estudos. Ela trouxe, por exemplo, os trabalhos de Fischer (1958), no nível fonológico, e Paredes e Silva (1996), no nível discursivo. No estudo de Fischer (1958), investigou-se a variação na pronúncia no sufixo de gerúndio *-ing* no inglês. Para esse fenômeno, há duas variantes: a pronúncia velar e a pronúncia dental. Fischer (1958) atestou que a pronúncia velar, variante prestigiada, era mais produzida por mulheres. Enquanto isso, no trabalho de Paredes e Silva (1996) sobre a alternância entre as formas ‘tu’ e ‘você’ na fala carioca, verificou-se que o ‘tu’, sobretudo sem marcação de concordância com o verbo, aparece mais na fala de homens do que na fala de mulheres.

Com base nesses exemplos, de acordo com Paiva (2015 *In* BRAGA e MOLLICA, 2015), verifica-se uma tendência de mulheres preferirem variantes cultas⁸, enquanto homens produzirem mais variantes populares. A autora discute que, em uma sociedade ocidental especificamente, as mulheres tendem a liderar processos de mudança e se utilizam de variantes

8 Neste estudo, adotaremos os conceitos de norma culta e padrão elucidados por Faraco (2008). De acordo com o autor, norma culta diz respeito aos fenômenos linguísticos, comumente, usados por falantes letrados em situações monitoradas de fala e escrita, em zonas mais urbanas, enquanto a norma padrão se refere a uma variedade abstrata da língua a qual serve de referência para uma sociedade.

mais prestigiadas. Por outro lado, os homens se utilizam mais de variantes não prestigiadas. Isso é devido aos papéis associados a homens e mulheres pela comunidade ocidental.

Quando se relaciona *sexo/gênero* com outras variáveis, como *faixa etária* e *escolaridade*, o cenário muda. Segundo Paiva (2015 *In* BRAGA e MOLLICA, 2015): “Homens e mulheres mais jovens apresentam grande semelhança de comportamento linguístico, enquanto homens e mulheres mais velhos tendem a apresentar diferenças mais notáveis” (PAIVA, 2015, *In* BRAGA e MOLLICA, p. 39). Ou seja, a variável *faixa etária* influencia na variável *sexo/gênero*. Em relação à *escolaridade* e *sexo/gênero*, segundo a autora, as mulheres mais escolarizadas, em sociedades ocidentais, consideram mais o caráter normativo das escolas em relação aos homens.

É claro que vivemos em um cenário distinto do que Paiva (2015 *In* BRAGA e MOLLICA, 2015) elucida em suas discussões. Isso porque as mulheres já estão mais inseridas no mercado de trabalho e circulam em diferentes esferas sociais. Vale ressaltar que, de acordo com Freitag (2015):

a sociedade muda; se a sociedade muda, as explicações do modelo teórico-metodológico deveriam, também, mudar: a explicação de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas, por conta de seu papel como mães e educadoras, talvez fosse válida e pertinente nos anos 1960; hoje, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade. (FREITAG, 2015, p. 18)

Por conta disso, vemos a necessidade de olhar a variável *sexo/gênero* de forma diferente, com base na sociedade e nos valores atuais. Vale lembrar da importância de saber a distinção entre sexo biológico e gênero, como aponta Freitag (2015). O sexo biológico diz respeito a algo com que nascemos, enquanto o gênero é algo socialmente construído. Dito isso, a autora faz uma discussão sobre a terminologia mais adequada para essa variável: *sexo/gênero*, terminologia também adotada neste estudo. A ideia de Freitag (2015) é colocar nessa ordem, porque, nas pesquisas sociolinguísticas, no momento da coleta de dados, analisamos o sexo biológico para a escolha dos informantes, uma vez que se consideram questões biológicas (traços físicos) e não se pergunta com qual gênero o informante se identifica. Então, a escolha do informante é por meio do sexo biológico, mas a análise dos dados é feita por premissas de gênero (papel social). Por isso, é relevante controlar essa variável no estudo da “expressão pronominal de P2”, pois, assim, verificaremos se há uma distinção não só do uso como da avaliação e da percepção linguísticas entre as meninas e os meninos.

Diante da tamanha relevância do controle dos grupos de fatores externos mencionados, em uma pesquisa sociolinguística, na próxima seção, discutiremos sobre avaliação e percepção linguísticas, já que nos propusemos a investigar essas noções na fala manauara.

1.1.3 Avaliação e percepção linguísticas

Nesta seção, trataremos da avaliação linguística. Para elucidar nossas discussões, trazemos algumas noções que envolvem o **problema da avaliação**, um dos problemas empíricos para uma Teoria da Variação e Mudança discutido por WLH (2006 [1968]), como estereótipos, indicadores e marcadores de Labov (2008 [1972]), além do trabalho de Freitag *et al.* (2016) no qual investigaram essa noção no PB.

Como bem mencionamos na seção anterior, WLH (2006 [1968]), no livro “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”, discutem sobre os problemas os quais precisam ser solucionados para o estudo da variação e mudança linguística. Interessa-nos, nesta seção, trazer o problema da avaliação. De acordo com WLH (2006 [1968]):

o estudo do problema da *avaliação* na mudança linguística é um aspecto essencial da pesquisa que conduz a uma explicação da mudança. Não é difícil ver como traços de personalidade inconscientemente atribuídos a falantes de um dado subsistema determinariam a significação social da alternância para esse subsistema e assim seu desenvolvimento ou obsolescência como um todo. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 103)

Em outras palavras, investigar a avaliação de falantes de um determinado sistema linguístico sobre determinado fenômeno variável é importante para o entendimento dos mecanismos de mudança linguística. Assim, a depender de uma avaliação positiva ou negativa sobre determinada variante linguística, essa pode se tornar mais produtiva ou não.

Labov (2008 [1972]) também discute sobre a influência da avaliação social dos informantes, em seu livro “Padrões Sociolinguísticos”, a qual pode acontecer de forma consciente ou inconsciente, definindo os conceitos de estereótipos, indicadores e marcadores. Segundo Labov (2008 [1972]), os estereótipos são traços linguísticos que sofrem estigma e avaliação consciente das pessoas. Um exemplo de estereótipos, segundo Coelho *et al.* (2010), seria a troca do fonema /l/ pelo /r/, a qual é estigmatizada e associada à fala de pessoas menos escolarizadas. Já os indicadores, conforme Labov (2008 [1972]), seriam formas linguísticas sobre as quais não há avaliação social: acontecem abaixo do nível consciente, assim como não há uma estratificação estilística e nem social. Para ilustrar os indicadores, trazemos o exemplo

de Coelho *et al.* (2010) da monotongação do ditongo decrescente, como na variação entre “peixe/peixe”, em que não há avaliação social consciente. No que tange aos marcadores, de acordo com Labov (2008 [1972]), “todos os membros da comunidade reagem de maneira uniforme a seu uso” (LABOV, 2008 [1972], p. 211). Isto é, são traços estratificados tanto social quanto estilisticamente e não têm uma avaliação consciente, consoante Coelho *et al.* (2010).

Neste estudo, esperamos que o fenômeno variável “Expressão pronominal de P2” tenha características de marcadores. Como veremos na seção 1.3, no fenômeno investigado, há uma distinção estilística e social, logo, uma variante pode ser usada em determinados contextos (a qual interlocutor se refere, qual ambiente etc.) e outra variante pode ser realizada em outros contextos.

É importante lembrar, de acordo com Coelho *et al.* (2010), que, de acordo com a região, uma variante pode ser tanto um marcador quanto um estereótipo. Os autores dão o exemplo do “tu foi”. Essa variante, no Rio Grande do Sul, seria um marcador e não um estereótipo, porque, nesse local, não há estigma em relação a não concordância verbal.

Segundo Labov (2008 [1972], p. 248), há diversos “testes formais para isolar atitudes sociais frente à língua e a informação social veiculada pelas formas dialetais”. Podemos citar: testes de antecedentes familiares, testes de reação subjetiva, testes de autoavaliação, testes de correção em sala de aula e testes de correção vernacular.

É válido salientar, como atestou Labov (2008 [1972]) sobre o /R/ em coda silábica em Nova Iorque, que o valor social que atribuímos às variantes podem acelerar ou retardar processos de mudança linguística. Pensemos nos resultados do estudo mencionado de Labov (2008 [1972]), a variante “presença do /r/ em coda silábica” foi considerada nova e de prestígio, já que, por ser mais bem avaliada e associada às classes mais altas, era reproduzida pelos vendedores da loja de maior prestígio, diferente da “ausência do /r/ em coda silábica”, estigmatizada por ter valor social atribuído à classe social mais baixa. Dessa forma, podemos observar que, dependendo do valor social atribuído a uma forma, ela pode ser mais reproduzida, tornar-se de prestígio e “avançar” na competição pela expressão da variável, acelerando, por consequência, o processo de mudança linguística. No que concerne ao fenômeno em estudo “expressão de P2”, atribuir um valor social positivo a uma de suas variantes pode fazer essa se tornar mais prestigiada e, por conseguinte, mais reproduzida, acelerando o processo de mudança linguística.

Por outro lado, atribuir valores positivos ou negativos sobre formas linguísticas e fazer inferências sobre os falantes dessas variantes pode alimentar o preconceito linguístico. Antes de tratarmos desse conceito, é importante distinguir avaliação de percepção linguística. Nos

termos de Oushiro (2021), avaliação e percepção são termos diferentes. O primeiro diz respeito ao discurso metalinguístico dos indivíduos sobre determinadas formas linguísticas. Já o segundo se refere às inferências realizadas pelos usuários de uma língua ao ouvir um falante, podendo ser conscientes ou não. Dessa forma, neste estudo, observaremos, especificamente, a avaliação linguística sobre a variável “expressão pronominal de P2” na fala manauara.

Assim, tendo esses conceitos traçados, a avaliação sobre o ‘tu’, o ‘você’ ou ‘o (a) senhor (a)’ pode desvelar o chamado preconceito linguístico, uma vez que uma avaliação negativa sobre uma variante pode estar associada, principalmente, a quem a reproduz, não propriamente à variante. Por isso a importância ao contraponto do preconceito linguístico: o respeito linguístico de que trata Marta Scherre em palestra no Abralín (2020). De acordo com Scherre (2020), o respeito linguístico diz respeito à convivência harmoniosa entre as diferentes formas de falar, já que essas caracterizam grupos de falantes além de serem traços identitários. Dessa maneira, o respeito linguístico seria a capacidade de não emitir juízos de valor sobre as formas e as pessoas que as reproduzem. Vale lembrar que as inferências e o juízo de valor são inerentes aos seres humanos, mas cabe a esses terem a atitude de não tornar o juízo de valor inconsciente uma realidade irrefutável.

A fim de compreendermos a “expressão de P2”, a seguir, apresentamos a discussão feita pela tradição gramatical a respeito do referido fenômeno, assim como mostramos a trajetória de mudança das variantes de P2 no português.

1.2 Fenômeno em estudo: a tradição gramatical e a trajetória da mudança de P2

Nesta seção, observaremos como a tradição gramatical elucida a segunda pessoa do singular e, por consequência, o quadro pronominal do PB. Além disso, abordaremos a trajetória da mudança das formas que expressam a P2 – ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’, verificando como essas formas se implementaram no PB e se reinventaram através de mudanças linguísticas.

1.2.1 Expressão de P2 na tradição gramatical

Com o intuito de demonstrarmos como é explicitada a expressão de P2 conforme a tradição gramatical, trazemos gramáticos como Castilho (2004), Cegalla (2008), Lima (2011), Bechara (2015) e Cunha e Cintra (2017).

Evocamos, primeiramente, a Gramática do Português Brasileiro na qual Castilho (2004) afirma que estudos têm apontado uma reorganização do quadro pronominal do PB. Por isso, o

gramático nos mostra um quadro no qual divide as formas pronominais pessoais formais e informais. A seguir, observamos, no Quadro 1, essa divisão feita por Castilho (2004, p. 477):

Quadro 1- Pronomes pessoais no PB, de acordo com Castilho (2004)

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	<i>eu</i>	<i>me, mim, comigo</i>	<i>eu, a gente</i>	<i>eu, me, mim, Prep + eu, mim</i>
2ª pessoa sg.	<i>tu, você, o senhor, a senhora</i>	<i>te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora</i>	<i>você/ocê/tu</i>	<i>você/ocê/cê, te, ti, Prep + você/ocê (= docê, cocê)</i>
3ª pessoa sg.	<i>ele, ela</i>	<i>o/a, lhe, se, si, consigo</i>	<i>ele/ei, ela</i>	<i>ele, ela, lhe, Prep + ele, ela</i>
1ª pessoa pl.	<i>nós</i>	<i>nos, conosco</i>	<i>a gente</i>	<i>a gente, Prep + a gente</i>
2ª pessoa pl.	<i>vós, os senhores, as senhoras</i>	<i>vos, convosco, Prep + os senhores, as senhoras</i>	<i>vocês/ocês/cês</i>	<i>vocês/ocês/cês, Prep + vocês/ocês</i>
3ª pessoa pl.	<i>eles, elas</i>	<i>os/as, lhes, se, si, consigo</i>	<i>eles/eis, elas</i>	<i>eles/eis, elas, Prep + eles/eis, elas</i>

Fonte: Elaborado por Castilho (2004)

Diante do Quadro 1, podemos verificar que o gramático coloca como referência de segunda pessoa do singular as formas ‘você’, ‘ocê’ e ‘tu’, no que tange ao PB informal, e as formas ‘tu’, ‘você’, ‘o senhor’, ‘a senhora’ no que se refere ao PB formal. Ao tratar da segunda pessoa, especificamente, Castilho (2004) diz não só que a forma ‘você’ tem substituído a forma ‘tu’, mas também que a forma ‘você’ é fruto de uma gramaticalização da expressão “Vossa Mercê”, que possuiu alterações nos níveis fonológicos, sintáticos e pragmáticos. Discorreremos mais sobre essa mudança na seção seguinte 1.2.2. De acordo com o autor, a luta travada entre o ‘tu’ e o ‘você’ se estabelece assim no Brasil:

Veja como é a roda da fortuna: pois não é que o derivado *você* passou a ser no PB um tratamento de igual para igual? Para o tratamento cerimonioso, inventou-se o *senhor*. Em regiões brasileiras em que o tratamento *tu* continua vigente, o uso de *você* traz de volta o antigo distanciamento. E onde o *tu* bateu com as botas, ele e seus derivados ressuscitam, quando se quer afetar distanciamento [...] alterando o tratamento, seja ele qual for, assinala-se uma mudança no relacionamento. (CASTILHO, 2004, p. 479)

No trecho acima, consoante Castilho (2004), o ‘você’ passa a concorrer com o ‘tu’ nas relações simétricas, enquanto ‘o senhor’ está associado ao tratamento cerimonioso. Vale destacar também que o autor afirma que, em regiões onde o ‘tu’ prevalece, o ‘você’ é cerimonioso. Por outro viés, em regiões onde o ‘você’ se sobressai, as formas derivadas do ‘tu’, a saber *teu/tua*, ressuscitam, segundo o autor. É o que se chama de mistura de tratamento, algo que será observado neste trabalho por meio do controle da variável *paralelismo linguístico*.

Por sua vez, Cegalla (2008 [1964]) nos traz como definição de pronomes a seguinte: “palavras que substituem os substantivos ou os determinam, indicando a pessoa do discurso” (CEGALLA, 2008, p. 179) e, ao tratar dos pronomes investigados neste estudo, coloca o ‘tu’ como de segunda pessoa do singular, classificado como pronome pessoal do caso reto, o ‘você’ e o ‘o (a) senhor (a)’ como formas de tratamento, sendo o ‘você’ para o tratamento familiar e informal e o ‘o (a) senhor (a)’, para o tratamento respeitoso. Além disso, o gramático afirma que essas formas de tratamento se referem à segunda pessoa, mas devem vir acompanhadas de verbos e pronomes possessivos de 3.^a pessoa.

Para definição da classe gramatical pronome, Lima (2011, p. 156), em sua Gramática normativa da Língua Portuguesa, recorre a Said Ali, segundo o qual, é a “palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso”. Ainda sobre pronomes pessoais especificamente, Lima (2011) afirma que são palavras que representam as pessoas do discurso, indicando-as. A seguir, na Figura 1, ilustramos o que o referido gramático apresenta sobre os pronomes:

Figura 1 – Os pronomes de acordo com Lima (2011)

am — O	(eu)
am — a — S	(tu)
am — a	(ele, ela)
am — a — MOS	(nós)
am — a — IS	(vós)
am — a — M	(eles, elas)

Elaborado por Lima (2011)

Dessa forma, Lima (2011) coloca como segunda pessoa do singular a forma ‘tu’. Sobre as formas ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’, o gramático as categoriza como pronomes de segunda pessoa que regem terminações de terceira pessoa e se refere ao ‘você’ como tratamento familiar e ao ‘o (a) senhor (a)’ como tratamento cerimonioso.

Ademais, Bechara (2015), quando trata das pessoas do discurso da classe gramatical pronomes, chama de determinadas duas: a 1.^a *eu* e a 2.^a *tu*. Segundo o gramático, a primeira corresponderia ao falante e a segunda, ao ouvinte. Em nota de rodapé, o autor considera o ‘você’, mas de forma impessoal. De acordo com ele: “Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da

alocução e fazê-la entrar numa variedade de ‘impessoal’ [...] É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que ouvinte esteja presente” (BECHARA, 2015, p. 169). Nesse caso, o gramático trata de contextos nos quais a referência pronominal é indeterminada, ou seja, acontece de forma genérica, desconsiderando, portanto, outros casos em que o ‘você’ pode concorrer com a forma ‘tu’.

O ‘tu’, para o autor, aparece classificado como pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa do singular. Já as formas ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’ aparecem inclusas nas chamadas “formas de tratamento”, as quais seriam “formas substantivas de tratamento indireto de 2.^a pessoa que levam o verbo para a 3.^a pessoa” (BECHARA, 2015, p. 173). ‘Você/vocês’ para o tratamento familiar e ‘o senhor/a senhora’ para o tratamento cerimonioso. Observamos, dessa forma, que ele já faz essa distinção entre proximidade e distanciamento.

Em se tratando de Cunha e Cintra (2017), os gramáticos definem a classe gramatical dos pronomes pelas suas funções equivalentes às exercidas pelos nomes: i) representar substantivos e ii) acompanhar substantivos. Os pronomes com a primeira função mencionada seriam os pronomes substantivos, enquanto os segundos, adjetivos.

Logo em seguida, os autores explanam sobre os pronomes pessoais, caracterizados por três aspectos: i) por referirem às três pessoas coloquiais; ii) por poderem, na 3.^a pessoa, representar uma forma nominal já expressa anteriormente e iii) por variarem de acordo com a função que desempenham e a acentuação que recebem. Dessa forma, demonstramos aqui o quadro pronominal elaborado pelos autores:

Quadro 2 – Quadro pronominal de acordo com Cunha e Cintra (2017)

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1. ^a pessoa	eu	me	mim, comigo
	2. ^a pessoa	tu	te	ti, contigo
	3. ^a pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1. ^a pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2. ^a pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3. ^a pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

Fonte: elaborado por Cunha e Cintra (2017)

Com isso, observamos, no Quadro 2, quanto à 2.^a pessoa do singular, objeto deste estudo, que apenas o ‘tu’ aparece. Em comparação às formas ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’, essas aparecem na seção “Pronomes de Tratamento” da gramática. De acordo com os gramáticos, são formas que, apesar de se referirem à 2.^a pessoa do singular, concordam com verbos na 3.^a pessoa

do singular. É importante atentar uma observação feita pelos autores: “Em princípio, os pronomes de tratamento da 2.^a pessoa devem acompanhar o verbo para evitar confusão com o sujeito da 3.^a pessoa” (CUNHA e CINTRA, 2017, p. 305). Isso nos demonstra um possível favorecimento do preenchimento do sujeito quando esse é ‘você’ ou ‘o (a) senhor (a)’.

Há, ainda, uma seção elaborada por Cunha e Cintra (2017) intitulada “Emprego dos pronomes de tratamento da 2.^a pessoa”. Nessa, os gramáticos mencionam que, no que diz respeito ao português do Brasil, o uso do ‘tu’ se restringe ao sul do país e em alguns pontos do Norte não suficientemente delimitados. Enquanto, nos demais pontos do país, o ‘você’ substituiu o ‘tu’ como forma de intimidade, também empregado como tratamento simétrico ou de superior para inferior. Sobre a forma ‘o (a) senhor (a)’, os gramáticos apontam que essa se opõe ao ‘você’, no Brasil, e é usada como forma de respeito ou de cortesia.

Diante dos fatos mencionados, verificamos que há ainda certos desencontros a respeito da segunda pessoa do singular entre os gramáticos. Enquanto alguns admitem as formas ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’ como expressões pronominais de segunda pessoa do singular, há ainda os que defendem ser as chamadas formas de tratamento. Esses desencontros refletem o processo de variação linguística pelo qual esse fenômeno está passando. Por isso, na seção seguinte, detalhamos como ocorreu a trajetória da mudança linguística da segunda pessoa do singular no PB.

1.2.2 A trajetória da mudança da expressão de P2 no Português

A fim de discorrermos sobre a trajetória de mudança das formas de tratamento no Português Brasileiro, trazemos Menon (1995) para ilustrar o sistema pronominal do PB, Faraco (2017) para explicitar como ocorreram as mudanças nas formas de tratamento historicamente e Lopes (2007) para ilustrar como essas mudanças impactaram no sistema pronominal do português brasileiro.

Em seu texto intitulado “O sistema pronominal do Português do Brasil”, Menon (1995) discorre sobre o sistema pronominal do PB. A princípio, observa o quanto as gramáticas insistem na apresentação do paradigma de pronomes pessoais sujeito (PSUJ) composto por: eu-tu-ele; nós-vós-eles, o que não representa o uso linguístico das pessoas. Adiante, a autora explica que as mudanças relacionadas às segundas pessoas do discurso começam pela forma plural, por ser a menos marcada. A forma ‘vós’, até o século XIV, podia ser usada tanto para o singular, referindo-se a um interlocutor de posição hierárquica elevada ou por questões de idade, quanto para o plural, referindo-se a mais de um interlocutor. Em se tratando do ‘tu’, esse era

usado entre iguais ou de superior para inferior de forma marcada. Menon (1995) explica o que seria essa marcação:

Para se entender a noção de marca, deve-se levar em conta que uma pessoa não podia empregar *tu* ao se dirigir a outra, desconhecida. Isso seria violar as regras de conduta da sociedade da época, por ter a forma *tu* um uso bem específico, em casos bem determinados. Ao contrário, a forma *vós* podia ser empregada mais largamente por não ter restrições de uso, sendo assim menos marcada: não se transgride nenhuma regra social, não se ofende ninguém com um tratamento respeitoso. (MENON, 1995, p. 93)

Diante disso, a autora aponta que já havia não só uma distinção estilística, devido à noção de distanciamento/proximidade, visto que não se poderia usar o ‘tu’ com uma pessoa desconhecida, como também uma distinção social, uma vez que o ‘tu’ era associado às relações mais íntimas de simetria e assimetria descendente, enquanto o ‘vos’, associado ao tratamento respeitoso. É a partir, principalmente, do século XV que são introduzidas formas nominais substantivas para se dirigir ao rei, tais quais Vossa Mercê, Vossa Senhoria, Vossa Alteza, Vossa Excelência, Vossa Majestade, empregadas com verbos na 3.^a pessoa. O Vossa Mercê, que mais no interessa, era usado para o tratamento com o rei e essa função se expandiu para outras parcelas da população, ainda com tratamento cerimonioso, como abordaremos logo mais a partir de Faraco (2017). Por meio de ‘Vossa mercê’ se tem o ‘você’ e sua forma pluralizada ‘vocês’.

Além disso, Menon (1995) nos traz uma discussão a respeito de casos com a forma ‘tu’ sem a marcação de flexão de segunda pessoa, associada, portanto, à terceira pessoa do singular. Para isso, a autora explica que, após a implementação da forma ‘você’, houve uma mudança também em outras partes da gramática da língua: a flexão verbal. Isso é o que WLH (2006 [1968]) chamam de Problema do Encaixamento, abordado em nossa seção 1.1.2, no qual um fenômeno linguístico interfere em outro fenômeno. Assim, o ‘você’, anteriormente ‘Vossa Mercê’, sendo uma forma originalmente nominal concorda com a terceira pessoa e traz essa concordância histórica. Quando passa de nome a pronome, esse é de segunda pessoa, logo a forma verbal, segundo a autora, também seria de segunda pessoa. Dessa forma, o PB passa por um processo de reestruturação verbal no qual a segunda pessoa do singular possui duas formas: {-s} e {-Ø}. De acordo com Menon (1995),

Assim, num dialeto em que os falantes usam consistentemente a forma *tu* é de se esperar que a forma verbal seja produzida com o morfema tradicionalmente atribuído à 2.^a pessoa do singular. Paralelamente, um falante de um dialeto que emprega de maneira consistente (*SIC*) o pronome *você* utilizará a forma verbal portadora do morfema

Ø. E são essas duas formas que coexistem hoje, para a expressão da segunda pessoa. (MENON, 1995, p. 97)

Podemos verificar, diante do exposto, que o paradigma verbal se alterou com a implementação do ‘você’. Agora temos {-s} e {-Ø} para expressar a flexão verbal de segunda pessoa. Não à toa, no que tange ao meu trabalho, investigaremos a variável independente *concordância verbal com o tu*. Trazemos, ainda, de Menon (1995) um quadro elaborado para mostrar o sistema pronominal em uso no PB:

Quadro 3 – Sistema pronominal em uso no PB

PES	PSUJ	POBJ DIR	POBJ IND.	POBJ PREP	PPOS.
1ª. S.	eu	me	me	mim	meu, minha
2ª. S.	tu, você	te, lhe, se	te, lhe, se	você, ti	teu, tua, seu, sua
3ª. S.	ele, ela	ele, ela	ele, ela, lhe	ele, ela, si	seu, sua, dele, dela
1ª.P.	nós	nos	nos	nós	nosso, nossa
2ª. P.	vocês	vocês, lhes, se	vocês, lhes, se	vocês	seus, suas, de vocês
3ª P.	eles, elas	eles, elas	eles, elas, lhes	eles, elas, si	seus, suas, deles, delas

Fonte: elaborado por Menon (1995)

Vejamos, no Quadro 3, como o ‘tu’ e o ‘você’ já aparecem em um quadro elaborado em 1995 e estão associados aos clíticos *te, lhe, se, você, ti, teu, tua, seu, sua*. Esses pronomes ‘seu/sua’ tradicionalmente de 3.ª pessoa são utilizados associados à 2.ª pessoa.

No seu texto, Faraco (2017) discutiu tanto a trajetória de mudança das formas de tratamento condicionadas por mudanças sociais quanto a relação entre essas mudanças e uma cadeia de mudanças internas linguísticas. De acordo com o autor, o sistema latino de tratamento era constituído por dois eixos: o paradigma do ‘tu’ para a referência singular menos formal e o paradigma do ‘vos’ para referência formal no singular e para referência universal a mais de um interlocutor.

Das línguas românicas derivadas do latim, somente o francês herdou esse sistema. Acerca do português, o autor explica que o sistema pronominal dessa língua será reformulado por meio do uso de “expressões de referência ao (s) interlocutor (es) que se combinavam não mais com a segunda pessoa verbal, mas com a terceira” (FARACO, 2017, p. 116). É o que se chama de revolução da terceira pessoa (LUZ, 1957, p. 229 *apud* FARACO, 2017).

De acordo com o autor, a partir do século XIV e, principalmente, no século XV, foram introduzidas na língua as formas de tratamento *Vossa Mercê, Vossa Senhoria, Vossa Alteza, Vossa Excelência, Vossa Majestade*. Formas essas utilizadas, inicialmente, para o tratamento do rei e, posteriormente, algumas delas utilizadas para o interlocutor não íntimo. Esse processo de

mudança linguística se relaciona com as mudanças sociais pelas quais a sociedade portuguesa passou no fim da Idade Média.

A ascensão da burguesia a partir do século XV causou uma reformulação social antes constituída por membros da Corte, nobreza e clero. Com o seu poderio econômico, a burguesia passa a ser a nova aristocracia e é certo que uma reorganização social causaria impactos na língua. Consoante Faraco (2017),

Novos padrões de vestuário, de alimentação e de tratamento do interlocutor foram introduzidos entre a nova aristocracia. Todas essas inovações não eram certamente apenas consequência da enorme quantidade de riqueza que fluiu para Portugal nesse exato momento histórico, mas principalmente consequência da necessidade da nova aristocracia de definir seu novo papel social numa sociedade que estava substituindo sua estrutura feudal por uma nova estrutura caracterizada pelo declínio do poder da velha aristocracia rural, pela ascensão de uma burguesia urbana e pela centralização do poder. (FARACO, 2017, p. 117)

Dessa maneira, as mudanças na língua chegam para reafirmar as mudanças sociais exigidas pelo momento histórico. Assim, a referência formal para o singular e plural ‘vos’ já não tinha mais força para marcar *status* social e surgiram novas formas de tratamento, como Vossa Mercê, a mais antiga com o primeiro registro datado de 1331, além de Vossa Senhoria, datada de 1434; Vossa Majestade, em 1442; Vossa Alteza, em 1450 e Vossa Excelência, em 1455. É bom lembrar que Vossa Mercê e Vossa Senhoria estão relacionadas a instituições medievais: Vossa Mercê relacionada à mercê do rei e Vossa Senhoria, ao senhorio.

Ademais, concernente Faraco (2017), a multiplicação dessas formas se deu em vista da expansão de formas como Vossa Mercê e Vossa Senhoria ao tratamento não íntimo entre iguais da aristocracia e, por consequência, urgiu a necessidade da criação de novas formas. Essa expansão ocorreu nos primeiros anos do século XV e, principalmente, na revolução de 1383, como pode-se observar por meio de cronistas e poetas aristocratas. Isso aconteceu no mesmo instante em que a Corte já se utilizava das formas Vossa Alteza e Vossa Majestade para o tratamento do rei. Segundo Faraco (2017), “pode-se testemunhar um movimento contínuo de redistribuição social das formas: sempre que uma delas começava a ter um uso mais geral, escapando de um círculo restrito de usuários, estas a abandonavam por outra” (FARACO, 2017, p. 119). Logo, vale notar que, à medida que uma forma de tratamento se expandia para o tratamento de outros interlocutores com *status* social abaixo da nobreza ou do rei, surgia uma nova forma. Isso nos lembra as mudanças vindas de baixo de Labov (2008 [1972]) nas quais se um grupo com *status* social inferior começa uma mudança, o grupo com *status* social vigente começa a estigmatizar essa forma e passa a usar outras formas.

Acerca das mudanças pelas quais o Vossa Mercê passou, Faraco (2017) explica que depois de ter se expandindo para a burguesia urbana, nos séculos XVII e XVIII, já concorria com sua forma reduzida ‘você’.

Em se tratando de Brasil, o ‘você’ se tornou um pronome de tratamento íntimo que concorre com o ‘tu’ em algumas regiões, como bem demonstraremos na seção 1.3. Isso aconteceu, haja vista a colonização de povoamento no país ter sido realizada justamente pela população não aristocrática de Portugal no fim do século XV, que já não utilizava o ‘vós’, mas sim o ‘Vossa Mercê’ e suas formas reduzidas como *vosmecê*, *vossuncê*, *vassuncê*, *mecê*, *vancê*, *vacê*, *ocê* e *você*. Diferente de Portugal com nuances sociais, a divisão social era rígida no Brasil entre proprietários de terra e trabalhadores e, por isso, não havia crise de tratamento, como mencionado por Faraco (2017).

Com a implementação da forma ‘você’, o sistema linguístico do PB passou por mudanças, a saber: i) reformulação da referenciação de segunda pessoa do singular e do plural e ii) rearranjos no sistema pronominal, na conjugação verbal e na estrutura sintática. Lopes (2007) ainda associa essas mudanças à implementação não só do ‘você’, mas também do ‘a gente’.

Desse modo, a implementação dessas formas estabeleceu outras maneiras de concordância. Segundo Faraco (2017), como o ‘você’ era ‘Vossa Mercê’, formado por Vossa + sintagma nominal, a sua concordância é com a terceira pessoa do singular, ainda que se refira à segunda pessoa do singular. Ainda por conta da inserção do ‘você’, Lopes (2007, p. 1) destaca: i) a migração do possessivo ‘seu’ de terceira pessoa para o paradigma de segunda pessoa para evitar a ambiguidade do possessivo ‘seu’ (segunda ou terceira pessoa); ii) a flexão no imperativo dos verbos, como em “*Vem pra Caixa você também*” e iii) o paradigma verbal passa de seis a três formas, como em “eu *faço*, tu/você/ele/a gente *faz*, vocês/eles *fazem*”, o que implica a necessidade do preenchimento do sujeito para indicar a categoria de pessoa. Portanto, como podemos observar, a inserção dessas formas embaralhou o sistema linguístico do PB.

Diante disso, é válido trazer esse contexto histórico para que possamos visualizar como o fenômeno variável de que se propõe estudar, a expressão pronominal de P2, passou por mudanças linguísticas até chegar ao que se tem hoje. ‘Tu’ do sistema latino que já funcionava para os íntimos, e o ‘você’ que veio de ‘Vossa Mercê’, anteriormente ‘vos’, que já carregava o aspecto cerimonioso. Nesse estudo, analisamos também como a forma ‘o (a) senhor (a)’ se impõe nessa disputa. Por isso, na seção seguinte, trazemos mais uma carta para esse baralho que se tornou o sistema pronominal do PB: a forma ‘o (a) senhor (a)’ e como ela passou de

nome ‘senhor’ a pronome ‘o (a) senhor (a)’ que referencia também a segunda pessoa do singular em determinados contextos.

1.2.3 A gramaticalização de ‘o senhor’ no PB

No trabalho intitulado “De nome a pronome: um estudo sobre o item *senhor*”, Ramos (2011) explana sobre a pronominalização da forma ‘senhor (a)’⁹. Como buscamos entender como essa variante funciona na fala manauara, recorremos a este trabalho para constatar como um nome se gramaticalizou e funciona como pronome hoje. É bom lembrar que Castilho (2004) e Bechara (2015) trazem-no como formas de referência de segunda pessoa do singular, especificamente, na classe gramatical de pronomes, mas em formas de tratamento.

Ramos (2011) considera também a gramaticalização da forma reduzida de ‘senhor’, o ‘sô’. Para explicar como essas formas se gramaticalizaram, Ramos (2011) lança mão de exemplos para justificar os contextos nos quais essas funcionam como pronomes de segunda pessoa do singular. Primeiramente, para ‘senhor’, apresenta os seguintes:

A: - Posso me assentar ali?
 B’: - Sim, o senhor pode se assentar ali.
 B’’: - *Sim, um senhor pode se assentar ali. (senhor precedido de artigo indefinido)
 B’’’: - *O bom senhor pode se assentar ali. (senhor precedido de adjunto) (RAMOS, 2011, p. 71)

Podemos verificar, com isso, que a formar ‘senhor’ não aceita acompanhamento de artigo indefinido e de adjunto como em B’’ e B’’’ para expressar segunda pessoa do singular. Por outro lado, quando observamos o ‘senhor’ ao lado do artigo definido, entendemos que nesses casos a forma funciona como segunda pessoa do discurso, de acordo com Ramos (2011). Por isso, no tocante ao meu trabalho, escolhi denominar essa variante como ‘o (a) senhor (a)’. Em seguida, para ‘sô’, ele nos apresenta os seguintes:

A: - Posso me assentar ali?
 B’: - Sim, sô pode se assentar ali.
 B’’: - *Sim, o sô pode se assentar ali. (senhor precedido de artigo definido)
 B’’: - *Sim, um sô pode se assentar ali. (senhor precedido de artigo indefinido)
 B’’’: - *O bom sô pode se assentar ali. (senhor precedido de adjunto) (RAMOS, 2011, p. 72)

9 Ramos (2011) se refere à forma como ‘senhor (a)’ sem o artigo.

Diante disso, verificamos que a forma reduzida ‘sô’ não aceita artigo definido, diferente da forma plena ‘senhor’. No que tange a esse, especificamente, um dos nossos objetos de estudo, o item ‘o (a) senhor (a)’ passa a funcionar como um sintagma nominal que não aceita adjunto, como o “o bom senhor” do exemplo citado anteriormente. Isso porque, segundo Ramos (2011), a forma *o (a) senhor (a)* deixa de ser adjunto e passa a ser núcleo, tal qual demonstrado em: “(16) Adjunto > especificador > núcleo nominal > núcleo de determinante” (RAMOS, 2011, p. 80). E, como núcleo de determinante, funciona como expressão de segunda pessoa do singular.

Socialmente, a forma também passou por mudanças. De acordo com a autora:

Senhor designava inicialmente filho mais velho de proprietários de terra, não sendo ainda o item *senhor* usado como forma de tratamento. Posteriormente o título de *senhor* também foi atribuído a nobres e fidalgos, devido à posse de terras que era tida como privilégio. Tal situação demarca distanciamento social entre os interlocutores. *Senhor*, enquanto título, foi um nome, mais exatamente, uma expressão honorífica. (RAMOS, 2011, p. 73)

Dessa forma, ‘senhor’ era um sintagma que nomeava filho mais velho de um proprietário de terra. Com o passar do tempo, ele passa a designar nobres e fidalgos. Como podemos ver, sempre associado ao distanciamento social entre interlocutores. De nome, ele passa a pronome e persiste em marcar tal distanciamento.

Para ilustrar a presença dessa forma, Ramos (2011) traz os trabalhos de Moreira e Alkmin os quais analisam a frequência de ‘senhor’ em vocativos por meio de peças de teatro dos séculos XIX e XX; de Batista (2008) o qual investigou a forma em diálogos de balcão de atendimento de órgão público e de Mota (2011) que analisou a forma através de entrevistas sociolinguísticas. No primeiro *corpus*, verificou-se um aumento do uso da forma ‘senhor’ do século XIX ao século XX, de 63% a 76%, isoladamente no vocativo. Já no segundo, é bom lembrar que os interlocutores eram, geralmente, pessoas idosas com pouca instrução, e os resultados mostraram que a forma ‘senhor’ acompanhada do artigo obteve frequência de 94,8%. Destaca-se também a forma *sô*, que apareceu com uma frequência de 5,2%

Quanto ao terceiro *corpus* constituído através de entrevistas sociolinguísticas com informantes naturais de Lontra, em Minas Gerais, Ramos (2011) destaca especificamente a realização do ‘sô’ em posição argumental, desacompanhado de qualquer outro material, como em: “(14) E as coisa que *sô* planta na roça *sô* traz para vender em Lontra?” (MOTA, 2011 *apud* RAMOS, 2011, p. 79).

Diante dos estudos observados, Ramos (2011) conclui que a forma ‘senhor’ passa por um processo de pronominalização. Dessa forma, a trajetória da forma ‘senhor’ mostra um caminho pelo qual a forma passa de sintagma nominal a núcleo. Além disso, sua forma reduzida, a saber ‘sô’, também aumenta, mas não aparece associada a artigo definido. É importante lembrar que as formas ‘senhor’ e ‘sô’ foram favorecidas sobretudo pela posição sintática de vocativo em que ocorriam, demonstrando, portanto, segundo a autora, a relevância da posição de vocativo para o processo de pronominalização da forma ‘senhor’.

Portanto, a partir de Ramos (2011) pudemos visualizar como o nome ‘senhor’ passou a pronome ‘o (a) senhor (a)’ e, por consequência, se tornou uma das formas de expressão de segunda pessoa do singular.

A seguir, apresentamos os trabalhos sociolinguísticos realizados sobre a expressão pronominal de P2 em todas as regiões do Brasil, destacando resultados e grupos de fatores controlados para que não só possam nos auxiliar na construção deste trabalho, como também para que possamos analisar as diferenças do comportamento linguístico entre as regiões.

1. 3 Fenômeno em estudo: expressão pronominal de P2 nos estudos variacionistas, uso, avaliação e percepção

Alguns trabalhos já foram realizados sobre a “expressão pronominal de P2” no PB e atestam a sistematicidade variável desse fenômeno. A seguir, apresentamos resenhas de alguns desses estudos, considerando sua distribuição diatópica.

No Norte do Brasil, temos a pesquisa intitulada “A alternância das formas pronominais tu, você e o(a) senhor (a) na função de sujeito no português falado em Cametá – estado do Pará”, de Costa (2016), que investiga, a partir dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e da perspectiva discursivo-pragmática, a alternância entre as formas ‘tu’, ‘você’ e ‘senhor (a)’¹⁰ na função de sujeito na fala de moradores da zona urbana de Cametá, no Pará. Para isso, foram controlados os seguintes grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos: *tipo de frase* (interrogativa, declarativa afirmativa, declarativa negativa, exclamativa), *tempo do verbo*, *referência do pronome* (genérica, específica para um grupo, específica para um indivíduo, específica para o falante), *sexo/gênero*¹¹ (feminino, masculino), *faixa etária* e

10 A autora usa a forma ‘senhor (a)’ sem o artigo.

11 Terminologia adotada pela autora.

relações hierárquicas (assimétrico 01, assimétrico 02 e simétrico). O *corpus* foi constituído por 8h de gravações de situações de interação formadas por um grupo de 4 sujeitos-informantes em que 1 seria o informante-base. Os interlocutores com quem o informante-base interagiu foram escolhidos por meio de uma rede de relações sociais entre eles e o informante-base. Isso para que fosse estudado o grupo de fatores *relações hierárquicas*. Vale lembrar que todos os informantes possuíam ensino superior completo.

Os dados foram submetidos ao programa de análise estatística GoldVarbX. Por meio do programa, Costa (2016) realizou duas rodadas binárias nas quais em cada uma colocava ‘tu’ ou ‘você’ como aplicação da regra. No total, foram 223 ocorrências, sendo 47,1% de realizações do ‘tu’, 49,5% de realizações do *você* e 3,2% de realizações de *senhor (a)*. Na primeira rodada em que foi adotado o ‘tu’ como aplicação da regra, as seguintes variáveis foram relevantes: *referência do pronome*, *tipo de frase*, *sexo/gênero* e *tipo de relação entre os interlocutores*. No que se refere à *referência do pronome*, o fator ‘específica para um indivíduo’ favoreceu a realização do ‘tu’, com peso relativo de 0,84, o que nos diz que interação face a face favorece a escolha pela forma ‘tu’. Sobre o *tipo de frase*, a forma ‘tu’ foi mais favorecida pelos fatores ‘exclamativa’, ‘declarativa afirmativa’ e ‘declarativa negativa’. Sobre o fator *tipo de frase* ‘exclamativa’, apesar de o peso relativo ter dado 0,74, este fator não possuiu significativa frequência, uma vez que foram apenas 5 realizações e dessas 3 favoreceram o uso do ‘tu’. Já os fatores ‘declarativa afirmativa’ e ‘declarativa negativa’ favoreceram a realização da forma ‘tu’, com pesos relativos de 0,55 e 0,54, respectivamente. No que tange à variável *sexo/gênero*, as mulheres realizaram mais o ‘tu’, com peso relativo de 0,59, enquanto os homens desfavoreceram-no, com peso relativo de 0,40. Em relação ao *tipo de relação entre os interlocutores*, este grupo de fatores foi constituído pelos fatores: assimétrico 01 (de inferior para superior), assimétrico 02 (de superior para inferior) e simétrico (igual poder). Os resultados mostraram que o fator ‘simétrico’ favorece mais a realização do ‘tu’, com peso relativo de 0,64. É interessante dizer que Costa (2016) ressaltou que o fator ‘assimétrico 02 (de superior para inferior)’ foi o fator que mais desfavoreceu o emprego do ‘tu’, com peso relativo de 0,08. Segundo a autora, isso nos mostra que o ‘tu’ se apresenta sim como pronome de solidariedade, mas não como pronome de inferioridade, já que foi desfavorecido em relações hierárquicas de superior para inferior.

Na rodada em que foi colocado o ‘você’ como aplicação da regra, os grupos de fatores significativos foram os seguintes: *referência do pronome* e *tipo de relação entre interlocutores*. No que se refere à *referência do pronome*, o fator que mais favoreceu a realização da forma ‘você’ foi ‘específica para um grupo’. Costa (2016) explica que esse tipo de referência acontece

quando um falante se direciona a um grupo de pessoas social e localmente definidas. Este fator favoreceu o ‘você’ com peso relativo de 0,81. Já o que mais desfavoreceu a aplicação da regra foi o fator ‘genérica’. Isso demonstra que a forma ‘você’ foi implementada de maneira genérica, mas está aos poucos se constituindo como referência mais específica. No que tange ao *tipo de relação entre interlocutores*, os resultados mostraram que o ‘você’ foi favorecido pelos fatores ‘assimétrica 02 (de superior para inferior) e ‘assimétrica 01 (de inferior para superior)’, com pesos relativos de 0,90 e 0,61, respectivamente. Isso mostra que a forma ‘você’ ainda marca a ideia de distanciamento social e de tratamento menos íntimo.

No Norte, ademais, encontramos um outro estudo sobre o fenômeno em questão intitulado “Atitudes e crenças sobre o uso de tu e você na variedade do Rio Branco”, de Camacho e Silva (2021), que teve como objetivo geral investigar atitudes e crenças dos moradores de Rio Branco em relação aos pronomes ‘tu’ e ‘você’, por meio da aplicação de testes de avaliação. Tiverem como objetivos específicos: i) verificar a possibilidade de atribuir um prestígio encoberto ao uso do ‘tu’ em oposição ao prestígio expresso da forma ‘você’ e ii) observar se as reações subjetivas estão relacionadas a um grau de formalidade ou informalidade. Para tanto, o referencial teórico do estudo se baseou em trabalhos já realizados como os de Lambert *et al.* (1960) e Labov (2008 [1972]). O primeiro se utilizou de uma técnica denominada “matched guise technique” por meio da qual o avaliador acredita que as gravações ouvidas são de pessoas diferentes, quando, na verdade, são realizadas por um mesmo falante o qual varia certo fenômeno linguístico. Já Labov utilizou a mesma técnica para investigar a presença ou ausência do [r] em posição pós-vocálica na variedade de Nova Iorque, o que o fez perceber atitudes de prestígio em relação à presença do [r]. No Brasil, os autores utilizaram como base teórica os seguintes: Mendes e Oushiro (2012), Oushiro (2014) e Vassoler e Camacho (2016).

Para desenvolver esse trabalho, Camacho e Silva (2021) se utilizaram de amostras gravadas de fala do *corpus* do Grupo de Estudos Linguísticos do Acre (GELAC) organizadas em trechos de seis falantes, distribuídos em *sexo/gênero*, *escolaridade* e *classe social*. Os avaliadores, por sua vez, foram 30, distribuídos em *escolaridade* (fundamental, médio e superior) os quais foram 10 de cada nível de escolaridade divididos em *sexo/gênero* (5 homens e 5 mulheres). De acordo com Camacho e Silva (2021), os testes de avaliação de atitude foram elaborados a partir dos de Cyranka (2007) em que se utilizou a técnica do diferencial semântico. Esta técnica se constitui em uma distribuição de uma série de escalas bipolares de sete pontos com adjetivos de valores opostos colocados em uma espécie de *continuum*. Nesse trabalho, os adjetivos escolhidos relacionam-se a valores de poder, representado pelos adjetivos “inteligente”, “competente” e “rico”, e solidariedade, representado pelos adjetivos “honesto”,

“simpático” e “boa pessoa”. No que tange aos testes de crença, foram feitas perguntas como: “Você acha que essa pessoa está em que faixa etária?”, “Você acha que esta pessoa estudou até que nível de escolaridade?”, se a pessoa pertence a alguma classe social, se a pessoa fala bem, se a forma de uso é adequada, se mora em perímetro urbano de Rio Branco. Além disso, ao final, foram apresentados dois enunciados, um com a forma ‘tu’ e um com a forma ‘você’ e foi perguntado qual seria a forma mais adequada e qual seria a forma mais usada pelo avaliador.

A escolha pelos testes mencionados teve como objetivo estatístico o seguinte: confirmar ou refutar hipótese nula (H_0), na qual não há associação entre o conteúdo das respostas e a natureza social dos avaliadores, ou hipótese inicial (H_1), na qual há associação entre conteúdo das respostas e natureza social dos avaliadores. Os dados obtidos nos testes foram submetidos ao programa denominado *Statistical Package for Social Sciences*. Sobre a análise estatística dos testes de atitude, essa foi conduzida pela Análise de Variância, a qual seria uma ferramenta utilizada para comparação de vários grupos envolvidos, como no caso desta pesquisa cujos informantes pertencem a três diferentes níveis de escolaridade, tendo como variáveis independentes valores de 1 a 7 para cada fator, como ‘inteligente’, ‘competente’, ‘rico’, ‘honesto’, ‘simpático’, ‘boa pessoa’, de acordo com Camacho e Silva (2021).

Em relação aos resultados dos testes de atitudes, sobre o atributo ‘inteligente’, as notas mais baixas em relação ao uso do ‘tu’ foram atribuídas pelos avaliadores com ensino médio e fundamental, enquanto, em relação à forma ‘você’, os valores mais altos foram atribuídos pelos avaliadores com ensino superior. Sobre o atributo ‘competente’, os valores baixos foram atribuídos ao uso do ‘tu’ por avaliadores de nível médio de escolaridade e os valores mais altos atribuídos ao uso de ‘você’ por avaliadores com ensino superior. Sobre o atributo ‘rico’, os avaliadores de nível superior de escolaridade atribuem os valores mais altos aos falantes que usam o ‘tu’, já os avaliadores de nível fundamental atribuem os valores mais altos aos falantes que usam o ‘você’. No que se refere ao atributo ‘honesto’, os avaliadores de nível médio e superior atribuem as notas mais baixas aos informantes que se utilizam do ‘tu’, já os de nível fundamental são indiferentes à distinção entre as formas ‘tu’ e ‘você’. No que tange ao atributo ‘simpatia’, os avaliadores de nível fundamental e superior atribuíram os valores mais altos aos falantes que utilizaram ‘você’, enquanto os valores mais baixos foram atribuídos ao uso do ‘tu’ por avaliadores de todos os níveis de escolaridade, apesar dos avaliadores do ensino médio não fazerem essa distinção entre ‘tu’ e ‘você’. Por fim, sobre o atributo ‘boa pessoa’, os avaliadores dos três níveis de escolaridade atribuíram os valores mais elevados à realização do ‘você’ e os mais baixos à realização do ‘tu’. Em suma, os resultados apontam: i) que os atributos que denotam solidariedade, tais como ‘honesto’, ‘simpático’ e ‘boa pessoa’, apresentam valores

elevados atribuídos tanto ao uso do ‘tu’ quanto ao uso do ‘você’, pelos avaliadores de ensino fundamental e ii) que os avaliadores de nível superior atribuem valor mais alto à forma ‘você’ em todos os atributos que denotam poder, tais como ‘inteligente’, ‘competente’ e ‘rico’.

Em relação aos testes de crença, os resultados relativos à resposta à pergunta “Você acha que esta pessoa estudou até que série?” mostraram que informantes de nível superior atribuem o uso de ‘você’ a informantes com o nível mais elevado de escolaridade. Sobre a pergunta “Você acha que essa pessoa pertence à que classe social?”, os resultados mostraram que os avaliadores de nível fundamental não fazem distinção entre as formas pronominais estudadas, enquanto os de nível médio e superior atribuem o uso da forma ‘você’ a falantes de classe média. No que se refere à pergunta “Essa pessoa fala bem?”, os resultados mostraram que os avaliadores de nível fundamental não fazem distinção entre o uso das formas, enquanto os de nível médio e superior atribuem o uso de ‘você’ ao ‘falar bem’ e o uso de ‘tu’ ao ‘não falar bem’. Por fim, em relação à pergunta “Essa forma de uso é adequada?”, os avaliadores de nível superior atribuem o uso mais adequado aquele que se realiza com a forma ‘você’, enquanto os de nível médio avaliam como mais adequado o uso da forma ‘tu’. Os de nível fundamental fazem uma distribuição homogênea entre as formas pronominais.

Outrossim, encontramos, no que tange ao Nordeste, o trabalho intitulado “Percepções sociolinguísticas de estudantes universitários em relação ao uso do pronome tu”, no qual Vitório (2019) investigou, a partir dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, a percepção linguística de estudantes universitários no que se refere ao uso do pronome ‘tu’, no estado de Alagoas. Para verificar se o uso dessa forma é realizado de forma consciente e se é valorado positivamente ou negativamente, Vitório (2019) adotou uma abordagem na qual é perguntado diretamente aos informantes sobre suas percepções, crenças, atitudes e usos em relação à forma ‘tu’, por meio de um questionário. É válido lembrar que esse questionário, baseado no de Araújo e Mendonça (2018), considerou os seguintes aspectos, de acordo com Vitório (2019):

- (i) percepção de uso na comunidade, (ii) crenças em relação ao próprio uso linguístico, (iii) avaliação quanto ao uso do pronome tu, (iv) percepção quanto à variação diatópica, (v) percepção quanto à pessoa com quem se fala, (vi) percepção quanto ao nível de escolarização e (vii) percepção quanto ao preconceito linguístico. [...]
 - 1. Onde você mora é comum falar tu ou você?
 - 2. Você fala *tu*? Em que tipo de situação?
 - 3. O que você acha de falar o pronome *tu*?
 - 4. Você acha que o pronome *tu* é típico de algum lugar do Brasil? E aqui em Alagoas?
 - 5. Você acha que o uso do *tu* tem a ver com a pessoa com quem se fala? Por quê?
 - 6. Você acha que o uso do *tu* tem a ver com o nível de estudo da pessoa? Por quê?
 - 7. Você acha que as pessoas que usam o pronome *tu* sofrem preconceito? Por quê?
- (VITÓRIO, 2019, p. 442)

A partir desses aspectos, foram elaboradas as perguntas do questionário. Ademais, a coleta de dados foi realizada na Universidade Federal de Alagoas, com 72 estudantes, nascidos e criados na região. Feita a coleta, foi realizada a análise quantitativa dos dados, por meio do *RStudio*, além da análise qualitativa das respostas obtidas.

No que tange à primeira pergunta, os resultados mostraram que a percepção de uso na comunidade mostra uma predileção pela forma ‘você’, com 53%, ainda que a forma ‘tu’ apareça com 36% e a alternância entre ‘tu/você’ apareça com 11%. Já, no que se refere à segunda pergunta sobre crenças em relação ao próprio uso, 83% das pessoas afirmam usar a forma ‘tu’, enquanto 17% afirmam não usar a forma. Vitória (2019), ainda, atestou que as pessoas, quando perguntadas sobre os tipos de situações nos quais se usa a forma ‘tu’, associam essa forma à informalidade, intimidade e, ainda, à falta de marcação de concordância verbal. No que diz respeito à avaliação sobre ‘tu’, no geral, não há avaliação negativa. A forma foi associada a palavras como “informal”, “íntimo”, “normal”, “popular”, “correto”, “padrão”.

Sobre a percepção quanto à variação diatópica, os resultados mostraram que 71% dos estudantes acreditam que o uso do ‘tu’ é típico de algum lugar do Brasil, enquanto 18% não acreditam nisso e 11% não souberam responder. Diante disso, observou-se também as regiões as quais os estudantes associam a forma ‘tu’: regiões sul e nordeste. No que tange à percepção da forma ‘tu’ quanto à relação entre interlocutores, os resultados mostraram que 80% dos estudantes acreditam que há relação entre o uso do ‘tu’ com a pessoa com quem se fala, 17% acreditam que não, e 3% não souberam responder. No que diz respeito à percepção dos estudantes de que há relação entre o uso da forma ‘tu’ e o nível de escolaridade da pessoa, os resultados mostraram que 79% acreditam que não há, 10% acreditam que sim, 7% acreditam que talvez, e 4% não souberam responder. Os argumentos são os seguintes: i) que a forma ‘tu’ está mais relacionada à intimidade e à variação geográfica e ii) que o ‘tu’ não estaria incorreto, já que faz parte da norma padrão’. Por fim, sobre a última pergunta a respeito da crença de que quem fala ‘tu’ pode sofrer preconceito, 67% dos estudantes acreditam que não, 15% acreditam que sim, 17% acreditam que depende, e 1% não soube responder. Os argumentos demonstram, de forma geral, que a forma ‘tu’ é associada à norma padrão e, por isso, não sofreria avaliação nem preconceito linguístico.

Sobre a região Centro-oeste, destacamos a dissertação intitulada “Tu e mais quantos? A segunda pessoa na fala brasiliense”, de Andrade (2010), a qual teve como objetivo geral investigar a alternância entre as formas ‘você’, ‘cê’ e ‘tu’, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, em Brasília. O *corpus* foi

constituído por uma amostra de dados de fala casual de crianças de 7 a 15 anos da escola pública da Vila Planalto. Sobre a amostra de fala das crianças de 12 a 15 anos, os dados foram coletados por meio da seguinte metodologia: uma professora selecionou alguns alunos, de acordo com o grau de responsabilidades por eles demonstrado durante as aulas, e emprestava um aparelho MP4 a esses alunos que ficavam com o instrumento por três a quatro dias a fim de gravarem conversas casuais com seus amigos. Realizadas as gravações, os alunos entregavam à professora e a professora entregava à pesquisadora Andrade (2010). Já, com as crianças de 7 a 11 anos, a metodologia foi outra: Andrade (2010) se reuniu com um grupo de alunos, por volta de uma hora, no final das aulas, e ainda levou sua filha de 10 anos para tornar o ambiente mais confortável. Ela lia um livro e, em seguida, discutia esse livro com os alunos. A autora ressaltou que adicionou à amostra gravações realizadas com crianças de seu convívio, mas pertencentes a outras localidades.

No total, foram realizadas 14 transcrições de dados. Esses dados foram produzidos por 24 meninas e 18 meninos da faixa etária de 7 a 15 anos, além de uma menina de 5 anos, uma mulher em torno de 50 anos e um rapaz de 20 anos, mas esses dois últimos não foram analisados. Vale ressaltar que 70% dos dados são de moradores da Vila Planalto e 30% de outras localidades. Foram controladas as seguintes variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas: *função sintática*, *presença ou ausência de vocativo*, *entonação* (frases interrogativas, frases não interrogativas), *polaridade da sentença* (afirmativa, negativa), *referencialidade* (genérica, específica), *paralelismo formal*, *faixa etária* (7 a 11, 12 a 15), *tipo de relação* (simétrica, assimétrica), *localidade* (região administrativa), *origem dos pais*, *tipo de fala* (relatada, original) e *sexo*¹². Obtidos, transcritos e codificados os dados foram submetidos ao programa de análise estatística GoldVarbX, sendo que a análise passou por rodadas enéurias, com todas as variantes e com seleção de fatores, e por rodadas binárias em três fases: ‘tu’ *versus* ‘você’, ‘tu’ *versus* ‘cê’ e ‘cê’ *versus* ‘você’.

Em relação aos resultados sobre as variáveis independentes extralinguísticas, temos os seguintes. Sobre a variável *faixa etária*, essa foi descartada na análise estatística por conta de uma sobreposição em relação à variável *tipo de relação*. No que tange ao *tipo de relação entre os interlocutores*, sobre os dados da Vila, o ‘tu’ aparece mais em relações do tipo simétricas, com peso relativo de 0,47. Apesar de estar abaixo do ponto neutro (0,5), o peso é maior em relação às formas ‘você’, com 0,27, e ‘cê’, com 0,26. Além disso, o ‘cê’ parece ser favorecido em relações assimétricas com peso relativo de 0,40. Ressaltamos que, apesar de estar abaixo do

12 Terminologia adotada pela autora.

ponto neutro, é um valor superior aos encontrados em ‘você’, com 0,38 de peso relativo, e ‘tu’, com 0,22 de peso relativo. A respeito da *origem dos pais*, a origem que mais favorece a produtividade do ‘tu’ é a nordestina em ambos os pais, com 0,57 de peso relativo, enquanto a forma ‘você’ é mais favorecida pelas origens Brasília e Mato Grosso, com 0,82 de peso relativo e, por fim, o ‘cê’ é favorecido por informantes cujos pais têm origem mineira, com 0,70 de peso relativo. Sobre a variável *sexo*, o ‘você’ aparece mais na fala feminina, com 0,44 de peso relativo, enquanto o ‘tu’ aparece mais na fala masculina, com 0,41 de peso relativo. No que diz respeito à variável *tipo de fala*, o ‘tu’ aparece mais na fala original, com 0,47 de peso relativo, já o ‘cê’ é mais produtivo na fala reportada, com 0,42 de peso relativo.

Em relação aos resultados a respeito das variáveis linguísticas, temos os seguintes: a respeito da variável *função sintática*, na função de sujeito, as três formas ‘você’, ‘cê’ e ‘tu’ possuíram resultados parecidos, com 36%, 28,5% e 35,4% dos dados, isto é, as variantes estão concorrendo de forma estável. Sobre os fatores ‘sentenças sem verbo’, ‘objeto indireto’ e ‘objeto direto’, a forma ‘você’ aparece com maior frequência (58,6%, 66,7%, 71,4%, respectivamente), já a forma ‘tu’ aparece mais na função de predicativo, com 52% dos dados, concorre com ‘você’ nessa função, com 48% dos dados. No que tange *tipo de referência*, a variante ‘tu’ é mais produtiva na referência específica, com 0,49 de peso relativo, enquanto a variante ‘você’, na referência genérica, com 0,45 de peso relativo. Ainda, a variável *presença ou ausência de vocativo* não foi selecionada, visto que apareceu pouco nos dados. Sobre a variável *entonação*, frases do tipo interrogativas favorecem tanto o ‘tu’, com 0,38 de peso relativo, quanto o ‘cê’, com 0,39 de peso relativo, e as não interrogativas favorecem o ‘você’, com 0,46 de peso relativo. Por fim, sobre *paralelismo linguístico*, os resultados mostraram que, quando as formas são precedidas entre elas mesmo, como em “eles ensinam VOCÊ a driblar, a fazer finta, ensinam VOCÊ a dar o chapeuzinho” (ANDRADE, 2010, p. 109), as formas se favorecem; quando isoladas, possuem distribuição estável.

Na região sudeste, por sua vez, destacamos o artigo científico intitulado “Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos -SP”, no qual Modesto (2007) teve como objetivo geral investigar a variação entre as formas ‘tu’ e ‘você’ na cidade de Santos, em São Paulo, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos do funcionalismo de Halliday (1974, 1975, 1976) e da Sociolinguística Variacionista de William Labov. O autor explica os motivos pelos quais se abrigou nas duas teorias mencionadas: i) utilizou-se do funcionalismo de Halliday, visto que essa perspectiva considera que as escolhas de um falante sobre o sistema linguístico são influenciadas pelo sistema social, isto é, no fenômeno investigado, o informante seleciona uma forma linguística em detrimento de outra,

pois tem uma intenção comunicativa com o interlocutor e ii) utilizou-se da Sociolinguística de Labov, sobretudo no que tange à variação estilística, uma vez que um falante escolhe as formas linguísticas adequadas à ocasião em que está inserido, considerando contexto, relação com o interlocutor e suas características sociais (escolaridade, sexo, entre outras).

Para o desenvolvimento desse trabalho, Modesto (2007) optou por constituir seu *corpus* através de gravações secretas e gravações não-secretas. Além disso, foram controlados os seguintes grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos: *gênero*¹³, *faixa etária* (15 a 20 anos e 21 anos ou mais), *escolaridade* (Ensino médio ou Ensino superior), *função sintática da forma de tratamento* (função subjetiva, função objetiva), *referenciação* (direta, indireta, indeterminada), *monitoramento* (gravações secretas, gravações não-secretas), *expressividade do ato comunicativo* (maior expressividade, menor expressividade).

No total, foram 10 gravações secretas e 10 gravações não-secretas. Os dados obtidos dessas gravações foram submetidos ao programa de análise estatística GoldVarb 2001. De maneira geral, foram 708 dados, sendo 67% da forma ‘você’ e 32% da forma ‘tu’. Dessa forma, o programa selecionou, por ordem de relevância, os seguintes grupos de fatores: i) *Monitoramento*; ii) *Expressividade*; iii) *Função sintática*; iv) *Referenciação* e v) *Escolaridade*. Vale destacar que os grupos de fatores *gênero* e *faixa etária* não foram selecionados.

Sobre o *monitoramento da fala*, variável apontada como mais relevante, os resultados mostraram que a forma ‘tu’ é mais produtiva em situações de menos monitoramento, com 0,61 de peso relativo, enquanto a forma ‘você’ é mais produtiva em situações de maior monitoramento, com peso relativo de 0,62. A respeito da variável *expressividade*, medida em função da ênfase dada às formas linguísticas, o fator [+ expressividade] favoreceu mais a realização da forma ‘tu’, com 0,65 de peso relativo, enquanto o fator [- expressividade] desfavoreceu o uso do ‘tu’, com 0,39 de peso relativo, enquanto a forma ‘você’ aparece pouco produtiva com o fator [+ expressividade], com peso relativo de 0,34, e mais produtiva com o fator [- expressividade], com peso relativo de 0,34. No que tange à *função sintática*, essa foi constituída pelos fatores “subjetiva”, quando aparecem as formas em posição de sujeito, e “objetiva”, quando aparecem as formas em função de objeto (correspondentes clíticos das formas ‘tu’ e ‘você’), a forma ‘tu’ foi mais produtiva na função objetiva, com peso relativo de 0,77, enquanto a forma ‘você’ foi favorecida pela função subjetiva, apesar de estar próximo ao ponto neutro com peso relativo de 0,54. Em relação à *referenciação*, a variante ‘tu’ é mais produtiva na referenciação direta ao interlocutor, com 0,61 de peso relativo, já a variante ‘você’

13 Terminologia adotada pelo autor.

aparece com mais frequência nas referências indeterminada e indireta, com 0,67 e 0,52 de peso relativo, respectivamente. Por fim, os resultados em relação à variável *escolaridade* demonstraram que falantes menos escolarizados se utilizam mais do ‘tu’, com 0,60 de peso relativo, em relação aos mais escolarizados, com 0,40.

Destacamos, ainda, na região sudeste, o artigo científico intitulado “A variação tu e você no falar ressaquinense”, no qual Silva e Gonçalves (2018) investigaram a variação entre as formas ‘tu’ e ‘você’, no falar ressaquinense, em Minas Gerais, a partir dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Esse estudo teve como objetivo específico não só verificar qual variante é mais frequente, mas também verificar quais grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam na realização de uma ou de outra variante. Para isso, o perfil dos informantes foi estratificado de acordo com *faixa etária* (20 a 35 anos, 36 a 50 anos e 51 anos ou mais), *sexo*¹⁴ (feminino e masculino), *área geográfica* (zona urbana e zona rural), além disso os informantes deveriam *ter nascido em Minas Gerais e serem nativos e/ou residentes de Ressaquinha por 10 anos ou mais*. Sobre a coleta de dados, essa foi realizada através de entrevista sociolinguística guiada por um roteiro de perguntas cujas temáticas eram variadas, como receitas, aconselhamentos e exemplificações.

No total, foram 24 pessoas entrevistadas, sendo 12 homens (6 da zona urbana e 6 da zona rural) e 12 mulheres (6 da zona urbana e 6 da zona rural). Silva e Gonçalves (2018), ademais, controlaram os seguintes grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos: *tipo de referência* (específica, genérica), *tipo de discurso* (direto, relatado), *contexto sintático* (sujeito, complemento com preposição e complemento sem preposição), *contexto frasal* (afirmativa, interrogativa e negativa), *faixa etária* (20 a 35 anos, 36 a 50 anos e 51 anos ou mais), *sexo* (feminino, masculino) e *área geográfica* (zona urbana, zona rural). Assim que coletados, os dados foram submetidos ao programa de análise estatística GoldVarb X.

Vale destacar que formas como ‘cê’, ‘ocê’ e ‘você’ foram consideradas como uma única variante linguística: a forma ‘você’. De forma geral, foram produzidas 579 ocorrências das formas ‘tu’ e ‘você’, sendo que a forma ‘você’ aparece em 61,5% dos dados, enquanto a forma ‘tu’ aparece com uma frequência de 38,5% dos dados. Essa predominância da variante ‘você’ seguiu a tendência já apontada por outros estudos na região sudeste (MODESTO, 2006; MOTA, 2008; LOPES *et al.*, 2009; SANTOS, 2012).

O programa GoldVarbX não selecionou como relevantes na realização do fenômeno variável investigado os grupos de fatores *área geográfica*, *contexto frasal* e *sexo*. Entretanto,

14 Terminologia adotada pelos autores.

Silva e Gonçalves (2018) nos mostram, quanto à influência sobre a realização do ‘tu’, que o programa selecionou, por ordem de relevância, os seguintes grupos de fatores: i) *tipo de referência*; ii) *contexto sintático*; iii) *tipo de discurso* e iv) *faixa etária*. Sobre a variável *tipo de referência*, os resultados apontaram para um favorecimento da forma ‘tu’ em referência do tipo específica, com peso relativo de 0,60, e para um desfavorecimento dessa forma em referência do tipo genérica, com peso relativo de 0,21. Quanto ao *contexto sintático*, a variante ‘tu’ foi mais favorecida em contextos de sujeito, com 0,54 de peso relativo. Sobre o tipo de discurso, a forma ‘tu’ é mais produtiva no discurso ‘direto’, com peso relativo de 0,54, em relação ao discurso ‘relatado’, com peso relativo de 0,36. Por fim, no que tange à *faixa etária*, o ‘tu’ é mais produtivo na fala dos mais jovens (20 a 35 anos) com peso relativo de 0,62, enquanto as demais faixas (36 a 50 anos e 51 anos ou mais) apresentaram peso relativo de 0,52 e 0,45, respectivamente.

Já no Sul do Brasil, trazemos agora o estudo fruto de uma dissertação intitulado “Concordância verbal com o pronome tu na fala do Sul do Brasil”, de Loremi Loregian (1996), cujo objetivo geral foi a investigação da concordância verbal com a forma ‘tu’, à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística. O fenômeno estudado se realiza por meio de duas variantes: i) verbos com a presença da flexão de segunda pessoa, como em “...**tu alimentas** o que tu tens dentro de ti durante oito meses... (FLN35COLCF)” (LOREGIAN, 1996, p. 29) e ii) verbos sem a referida flexão de segunda pessoa, como em “...pai, **tu sabe** que a professora fala em moral e cívica... (POA01PRIBM)” (LOREGIAN, 1996, p. 29).

É importante trazermos esta pesquisa, uma vez que está intimamente relacionado à referenciação de segunda pessoa do singular a qual nos propomos a investigar. Em nossa pesquisa, a *concordância verbal com o tu* é variável independente e a “referenciação de segunda pessoa do singular”, a variável dependente. Em Loregian (1996), observamos o contrário.

Para a constituição de seu *corpus*, a autora recorreu a amostras de fala do Projeto VARSUL, compostas por entrevistas de 4 cidades de cada estado da região Sul, a saber: Santa Catarina (Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages), Paraná (Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati) e Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja).

Durante a constituição da amostra, a autora verificou, a princípio, quais formas de tratamento seriam utilizadas nas referências à segunda pessoa no falar dos informantes. Com isso, Loregian (1996) observou o seguinte: i) informantes de Curitiba usaram categoricamente a forma ‘você’; ii) em Porto Alegre, de 24 informantes, 18 se utilizaram do ‘tu’, 4 alternaram entre o ‘tu’ e o ‘você’, 1 informante usou categoricamente o ‘você’ e 1 alternou entre as formas

‘tu’, ‘você’ e ‘senhor/senhora¹⁵’ e iii) informantes de Florianópolis apresentaram certa distribuição, sendo dos 24 analisados, 11 utilizaram o ‘tu’, 7 alteram entre ‘tu’ e ‘você’, 1 alternou entre ‘tu’ e ‘senhor/senhora’ e 5 alternaram entre as formas ‘tu’, ‘você’ e ‘senhor/senhora’. Diante do que foi observado, a autora decidiu não investigar o fenômeno nos dados de Curitiba e analisar os dados de Florianópolis e de Porto Alegre. Como a variação foi mais observada em Florianópolis, Loregian (1996) ampliou os dados, adicionando um *corpus* coletado por mestrados da UFSC, que era constituído por informantes moradores da área urbana da cidade, com faixa etária de 15 a 24 anos. Foi incluído também um *corpus* de Ribeirão da Ilha, coletado por Brescancini, e constituído por 12 informantes. No total, o *corpus* analisado foi constituído por 72 informantes.

É importante observar que, durante a análise, Loregian (1996) excluiu dados que pudessem enviesar os resultados. São estes: i) contexto no qual não se podia recuperar a marca de segunda pessoa; ii) contexto em que havia neutralização e iii) contexto em que o verbo aparecia no gerúndio. Em nosso estudo, pode ser cabível excluir alguns contextos como os mencionados.

Vale lembrar que, nesse estudo, foram controladas as seguintes variáveis linguísticas independentes: *paralelismo formal* (verbo de uma sequência com todas as marcas de concordância, verbo de uma sequência sem marcas de concordância, primeiro de uma série, verbo em construção isolada, mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é marcado, mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é não marcado), *interação emissor/receptor* (falante dirige-se ao entrevistador, falante dirige-se a um interveniente, falante repete a fala de outra pessoa, falante dirige-se a um interlocutor genérico, função fática), *explicitação do pronome* (pronome explícito imediatamente antes do verbo; pronome explícito com material interveniente, sem pronome explícito), *tempo verbal* (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo, infinitivo pessoal), *saliência fônica* (nível 1 – acréscimo de -s; nível 2 – acréscimo de -es, nível 3: acréscimo de -ste/-sse), *tonicidade do verbo* (oxítono, paroxítono), *número de sílabas do verbo* (monossílabo, dissílabo, trissílabo, polissílabo) e *contexto fonológico seguinte* (pausa, consoante, vogal). No que tange às variáveis sociais controladas, foram as seguintes: *região* (Porto Alegre, Florianópolis, Ribeirão da Ilha), *grau de escolarização* (primário, ginásial, colegial), *faixa etária* (15-24, 25-49, mais de 50) e *sexo* (masculino, feminino).

15 A autora utiliza a forma ‘senhor/senhora’ sem o artigo.

No total, foram produzidos 2100 dados que, depois de categorizados, foram submetidos ao programa de análise VARBRUL 2S. O programa selecionou como relevantes para a realização do fenômeno investigado as seguintes variáveis linguísticas e extralinguísticas por ordem: *paralelismo formal*, *região*, *tempo verbal*, *explicitação do pronome*, *interação emissor/receptor*, *tonicidade do verbo*, *número de sílabas do verbo*, *grau de escolarização*, *faixa etária*, *contexto fonológico seguinte*, *saliência fônica* e *sexo*.

No que tange ao *paralelismo formal*, os resultados demonstraram que “marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros” (LOREGIAN, 1996, p. 48). Ilustrando em números, o fator ‘verbo de uma sequência com todas as marcas de concordância’ foi o que mais favoreceu a variante “presença de flexão de segunda pessoa” e obteve peso relativo de 0,94 em contraste com os resultados do fator ‘verbo de uma sequência sem marcas de concordância’ que obteve de 0,19 de peso relativo.

No que tange à segunda variável selecionada *região*, os resultados mostraram que informantes de Ribeirão da Ilha e de Florianópolis realizam mais a marcação de concordância verbal, com pesos relativos de 0,81 e 0,71, respectivamente. Já, em Porto Alegre, a concordância é baixa, com 0,12 de peso relativo.

A respeito do *tempo verbal*, o fator ‘pretérito perfeito do indicativo’ foi o que mais favoreceu a marcação de concordância com peso relativo de 0,92, seguido do ‘pretérito imperfeito do indicativo’ e do ‘presente do indicativo’, com 0,54 e 0,51, mais próximos do ponto neutro. Os fatores que mais desfavoreceram a flexão de concordância foram o infinitivo pessoal, com 0,03 de peso relativo, e o futuro do subjuntivo, com 0,27.

No que diz respeito à variável *explicitação do pronome*, essa merece nossa atenção, uma vez que tem relação com esta pesquisa a qual intitula essa variável como *preenchimento do sujeito*. Sobre aquela, Loregian (1996) analisou três fatores: pronome explícito imediatamente antes do verbo, como em “...TU FICÔ boazinha mays o que TU FEYZ TU VAI pagá...” (LOREGIAN, 1996, p. 52); pronome explícito com material interveniente, como em “...Tu nunca te METESSE em briga, TU sempre FOSSE um camarada...” (LOREGIAN, 1996, p. 52) e sem pronome explícito, como em “... Ø TENS alguma pergunta pra me fazê?” (LOREGIAN, 1996, p. 52). Os resultados mostraram que o fator ‘sem pronome explícito’ favorece a marcação de concordância, já que teve peso relativo de 0,72, enquanto os fatores ‘pronome explícito imediatamente antes do verbo’ e ‘pronome explícito com material interveniente’ tiveram 0,42 e 0,33 de peso relativo, respectivamente. De acordo com Loregian (1996), isso mostra que a presença do pronome é suficiente para a referência de segunda pessoa do singular, mas, quando esse não está preenchido, a flexão verbal é necessária para reconhecer tal função.

Sobre a *interação emissor/receptor*, essa se assemelha ao grupo de fatores controlado nesta pesquisa como *referenciação*. Em Loregian (1996), o fator ‘dirigindo-se ao entrevistador’ favoreceu a flexão de concordância, com peso relativo de 0,65, enquanto a ‘função fática’ – a saber, quando o informante tenta assegurar e manter a interação se utilizando de “tu entende?” – desfavoreceu a flexão com 0,22 de peso relativo.

Sobre a *tonicidade do verbo*, os resultados mostraram um favorecimento da marcação de concordância verbal em verbos ‘oxítonos’, com peso relativo de 0,77, enquanto verbos ‘paroxítonos’ apresentaram 0,37. No que tange ao *número de sílabas do verbo*, verbos ‘polissílabos’ e ‘dissílabos’ favoreceram a aplicação da regra – marcação de concordância – com 0,67 e 0,59 de peso relativo, respectivamente, enquanto os verbos ‘monossílabos’ foram os que mais desfavoreceram com 0,30.

No que se refere ao *grau de escolarização*, os resultados mostraram que, à medida que a escolaridade aumenta, a marcação de concordância verbal também aumenta. Assim, informantes do ‘colegial’ tiveram 0,60 de peso relativo no favorecimento da aplicação da regra, enquanto informantes do ‘ginásio’ e do ‘primário’ aparecem com 0,49 e 0,38, respectivamente. Sobre a *faixa etária*, informantes mais velhos foram os que mais favoreceram a flexão de concordância verbal, com 0,60 de P.R., enquanto as faixas de ‘15 a 24 anos’ e de ‘25 a 49 anos’ tiveram resultados semelhantes, com pesos relativos de 0,44 e 0,45, respectivamente, isto é, não favoreceram a marcação de concordância.

A respeito do grupo de fatores *contexto fonológico seguinte*, os fatores ‘pausa’, ‘consoante’ e ‘vogal’ tiveram 0,51, 0,49 e 0,46 de peso relativo, respectivamente, ou seja, obtiveram valores próximos ao ponto neutro. Dessa forma, essa variável não se mostrou relevante para o fenômeno. Assim como aconteceu com os grupos de fatores *saliência fônica*, o qual interferiu nos resultados da variável *tempo verbal*, e com o *sexo*, que foi avaliado como não significativo pelo programa VARBRUL.

Ainda no Sul, recorremos também à tese intitulada “(Re) análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul”, de Loregian-Penkall (2004), cujo objetivo geral foi, à luz da Sociolinguística Variacionista, investigar duas regras variáveis: i) a alternância entre as formas ‘tu’ e ‘você’ no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Ribeirão da Ilha, e ii) uma reanálise de sua dissertação, a saber Loregian (1996), na qual estudou a concordância verbal com a forma ‘tu’ em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha e, neste estudo, adicionou as cidades de Chapecó, Blumenau, Lages, em Santa Catarina, e Flores da Cunha, Panambi e São Borja, no Rio Grande do Sul. Para tanto, a amostra dessa pesquisa foi constituída por 195 informantes distribuídos em *faixa etária* (25-49, mais de 50 anos), *escolaridade* (primário, ginásio, colegial)

e *sexo* (masculino, feminino). É, portanto, importante para o meu trabalho, verificar os resultados desse estudo para observarmos uma diferença ou semelhança no comportamento linguístico entre as regiões Norte e Sul.

Para a análise da variável dependente “alternância tu/você”, esse estudo controlou os seguintes grupos de fatores linguísticos: *tipo de interlocução* (discurso para o entrevistador, discurso para o interveniente, discurso genérico, discurso relatado de terceira pessoa (DR3), discurso relatado do próprio falante (DRF), marcador discursivo, marcador discursivo relatado do DR3, marcador discursivo relatado do DRF), *determinação do discurso* (determinado, indeterminado), *gênero de discurso* (segmentos predominantemente narrativos, segmentos predominantemente argumentativos, explicações, receitas), *explicitação do pronome* (com pronome explícito, sem pronome explícito), *alternância de pronomes* (pronome tu usado anteriormente ao você no mesmo período/turno, pronome você usado anteriormente ao tu no mesmo período/turno) e *tempo e modo verbal* (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, infinitivo pessoal, futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo, imperativo, imperativo mitigado, futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo e verbos: marcadores discursivos). Por sua vez, para a análise da variável “concordância verbal com o pronome *tu*”, foram controladas as seguintes variáveis independentes linguísticas: *tipo de interlocução* (discurso para o entrevistador, discurso para o interveniente, discurso genérico, discurso relatado de terceira pessoa (DR3), discurso relatado do próprio falante (DRF), marcador discursivo, marcador discursivo relatado do DR3, marcador discursivo relatado do DRF), *determinação do discurso* (determinado, indeterminado), *gênero de discurso* (segmentos predominantemente narrativos, segmentos predominantemente argumentativos, explicações, receitas), *explicitação do pronome* (com pronome explícito, sem pronome explícito), *tempo e modo verbal* (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, infinitivo pessoal, futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo, imperativo, imperativo mitigado, futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo e verbos: marcadores discursivos), *paralelismo formal no nível discursivo* (primeiro de uma série, verbo de uma sequência com todas as marcas de concordância, verbo de uma sequência sem marcas de concordância, casos mistos, verbo em construção isolada). Sobre os extralinguísticos, esses foram os mesmos para as duas variáveis dependentes. São eles: *localidade* (Florianópolis, Porto Alegre, Ribeirão da Ilha, Flores da Cunha, Panambi, São Borja, Chapecó, Blumenau, Lages), *faixa etária* (25-49, mais de 50), *grau de escolaridade* (primário, ginásio, colegial), *sexo* (feminino, masculino) e *informantes*.

No total, foram 6234 dados de alternância entre ‘tu’ e ‘você’ e 4090 dados de ‘concordância verbal com o pronome tu’. Esses dados foram levantados, codificados e, posteriormente, submetidos ao programa computacional VARBRUL.

A autora, primeiramente, apresentou a análise da alternância pronominal entre ‘tu’ e ‘você’ na comunidade e, em seguida, no indivíduo. Isso foi feito também em relação à variável dependente ‘concordância verbal com o pronome tu’. No que diz respeito às localidades, há um comportamento pronominal semelhante em Porto Alegre e em Florianópolis. Os resultados mostraram: 14 informantes usam só o ‘tu’ naquele e 13 usam só o ‘tu’ nesse, 1 informante em cada local usa só o ‘você’, 9 informantes de Porto Alegre e 10 em Florianópolis alternam entre o ‘tu’ e o ‘você’. No que diz respeito às três cidades do interior de Santa Catarina, há mais informantes alternando o ‘tu’ e o ‘você’: 17 em Lages, 17 em Blumenau e 16 em Chapecó. Em Ribeirão da Ilha, 4 alternam entre o ‘tu’ e o ‘você’, 7 se utilizam só do ‘tu’ e nenhum informante se mostrou categórico na realização do ‘você’. Em se tratando das cidades do Rio Grande do Sul, em Flores da Cunha e Panambi, não houve informantes que usassem categoricamente o ‘você’, e, em São Borja, há apenas um informante que usa só ‘você’. Por sua vez, no que tange ao uso categórico do ‘tu’, Flores da Cunha registrou 13 informantes com esse comportamento linguístico, Panambi registrou 7 e São Borja, 14. Sobre a alternância ‘tu/você’, os resultados mostraram: 14 em Panambi, 10 em Flores da Cunha e 6 em São Borja.

Sobre a análise do indivíduo em si, Loregian-Penkall (2004) explica que pretende observar se o comportamento do grupo se reflete no comportamento do indivíduo e vice-versa. Da amostra, 92 informantes foram categóricos, sendo que 77 utilizaram só o ‘tu’ e 15 só o ‘você’. Os informantes restantes, a saber 103, alternaram entre o ‘tu’ e o ‘você’.

Em relação aos resultados sobre as variáveis, a autora explica que, devido ao grande número de células e por exigência do programa computacional VARBRUL, não foi possível realizar uma rodada geral com todas as localidades. Por isso, essas foram agrupadas de 3 a 3: a) Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha; b) Chapecó, Blumenau e Lages e c) Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Sobre o primeiro grupo, as variáveis independentes selecionadas, por ordem, foram: *sexo, localidade, explicitação do pronome, escolaridade, gênero de discurso, determinação do discurso e faixa etária*. No que tange ao segundo grupo de localidades, foram as seguintes também por ordem de seleção: *localidade, gênero de discurso, faixa etária, sexo e escolaridade*. Enfim, no terceiro grupo, foram selecionados os seguintes grupos de fatores: *sexo, escolaridade, alternância de pronomes, localidade, gênero de discurso, faixa etária e determinação do discurso*. Vale lembrar que, nas rodadas efetuadas, foi estipulado como aplicação da regra a realização do ‘tu’.

Interessa-nos perceber que, em todas as rodadas, as variáveis independentes extralinguísticas (*localidade, sexo, escolaridade e faixa etária*) foram selecionadas como relevantes, o que nos mostra como as forças externas à língua podem influenciar em um fenômeno variável. De forma geral, no que tange ao grupo de fatores *localidade*, Porto Alegre, Ribeirão da Ilha, São Borja, Blumenau e Chapecó favoreceram a realização do ‘tu’, com pesos relativos de 0,61, 0,78, 0,76, 0,61 e 0,82, respectivamente. Sobre *sexo*, mulheres foram as que mais favoreceram o uso do ‘tu’ em Florianópolis, Porto Alegre, Blumenau, São Borja e Panambi. A autora observou, ainda, quando cruzou as variáveis *sexo e localidade*, que as mulheres do interior de Santa Catarina apresentaram um comportamento mais conservador em relação ao uso do ‘tu’, com uma frequência menor de uso. No que tange à *faixa etária*, os mais jovens de 25 a 49 anos favoreceram mais o uso do pronome ‘tu’ em todas as localidades. Com o intuito de observar a influência da educação formal no fenômeno variável, foi controlada a variável *escolaridade* que teve sua relevância: há uma maior realização do ‘tu’ na mesma proporção ao aumento de escolarização nas capitais e no Ribeirão da Ilha. Assim, informantes do ‘primário’ tiveram peso relativo de 0,34, do ‘ginásio’, de 0,41, e do ‘colegial’, de 0,75. Por outro lado, no interior do Rio Grande do Sul, foram os informantes do primário que favoreceram o uso do ‘tu’, com 0,72 de peso relativo, seguidos dos informantes do ‘ginásio’, com 0,38, e ‘colegial’, com 0,28. Nas cidades do interior de Santa Catarina, os resultados demonstraram um favorecimento ainda que leve do ‘tu’ por informantes do ‘ginásio’, com 0,59, seguidos dos informantes do ‘colegial’ com 0,47 e do ‘primário’, com 0,42.

A respeito das variáveis linguísticas, no que tange à *determinação do discurso*, o fator ‘determinado’ favoreceu mais o uso do ‘tu’, com 0,62 de peso relativo nas capitais e no Ribeirão da Ilha e com 0,58 nas cidades do interior do RS, enquanto o fator ‘indeterminado’ desfavoreceu a aplicação da regra, com 0,47 em Flores da Cunha, Panambi e São Borja, e com 0,39 em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha. Isso confirmou a hipótese da autora que a forma ‘você’ entra no sistema linguístico por meio da indeterminação, o que buscamos atestar também no que se refere ao meu estudo.

Relevante também para o meu estudo e intitulada como *preenchimento do sujeito*, a variável *explicitação do pronome* foi considerada a partir de contextos traçados pela autora. São eles: i) o fator ‘com pronome explícito’ é considerado quando as formas aparecem junto ao verbo, como em “o pessoal aqui reclama quanto tu vai fazê uma injeção ou tu vai fazê um curativo” (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 99) e ii) o fator ‘sem pronome explícito’ é considerado a partir de verbos com marca canônica de segunda pessoa e casos em que o verbo, mesmo sem a marca, possa ser recuperado pelo contexto o pronome referente como em: “é um

palanque assim grande aí *tu bota* um pedaço de corda em cima, Ø prende direitinho e joga em quatro pessoas” (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 100). Os resultados mostraram, de forma geral, que a ausência do pronome favorece o uso de ‘tu’, observado o caso de que essa variável só foi selecionada com as capitais e Ribeirão da Ilha, locais onde a flexão verbal é canônica.

No que tange aos resultados acerca da “concordância verbal com o pronome tu”, as localidades foram agrupadas em dois grupos: 1) localidades de Florianópolis, Ribeirão da Ilha, Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja e 2) Cidades do interior de SC, Chapecó, Blumenau e Lages. No primeiro grupo de locais, as variáveis selecionadas como relevantes foram: *localidade*, *tipo de interlocução*, *explicitação do pronome*, *tempo verbal*, *paralelismo*, *faixa etária*, *gênero do discurso* e *escolaridade*. Já no segundo grupo, foram as seguintes: *localidade*, *tipo de interlocução*, *paralelismo*, *explicitação do pronome*, *gênero do discurso*, *sexo* e *escolaridade*.

No que tange à *localidade*, Ribeirão da Ilha, Florianópolis, Blumenau e Lages apresentaram maior concordância canônica com peso relativo de 0,91, 0,85, 0,82 e 0,74, respectivamente. Sobre *faixa etária*, os mais velhos favoreceram mais a flexão canônica de segunda pessoa, com 0,59 de peso relativo, contra os 0,44 dos mais jovens. A respeito da *escolaridade*, essa não se mostrou tão relevante para o fenômeno variável. Além disso, o *tipo de interlocução* mostrou que o fator ‘discurso direto ao entrevistador’ foi o que mais favoreceu a marcação de concordância em todas as localidades, uma vez que, de acordo com a autora, o tipo de situação comunicativa provoca um maior monitoramento do indivíduo em relação à sua fala. Sobre *explicitação do pronome*, a ausência do pronome favoreceu a concordância canônica de segunda pessoa em todas as localidades, com 0,85 no primeiro e 0,92 no segundo. No que diz respeito ao *tempo verbal*, variável selecionada nas capitais, em Ribeirão e nas três cidades de SC, os tempos ‘pretérito perfeito do indicativo’ e ‘futuro do pretérito do indicativo’ favoreceram a aplicação da regra, com 0,81 e 0,63 de peso relativo, respectivamente. A respeito do *paralelismo*, o princípio de que marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros se reafirmou nos resultados. No que diz respeito ao *gênero do discurso*, os fatores ‘narrativo’, ‘argumentativo’ e ‘explicações’ se destacaram nas cidades do Rio Grande do Sul com 0,66, 0,64 e 0,63 de peso relativo, respectivamente, no que tange à marcação de concordância, enquanto o fator ‘argumentativo’ favoreceu mais a marcação no primeiro grupo de localidades, com 0,59. Enfim, em relação ao *sexo*, selecionado como relevante apenas no interior de SC, mulheres fizeram mais a flexão canônica com 0,58 de peso relativo.

Tendo em vista nossa proposta de estudo de observar a avaliação linguística, exploramos

também, na região Sul, o “Qual forma você costuma usar para se dirigir a um amigo? A escolha de tratamento nas relações simétricas em Florianópolis/SC”, de Rocha (2015). Nesse estudo, objetivou-se verificar qual expressão pronominal de segunda pessoa (‘tu’, ‘você’ ou ‘senhor’¹⁶) que os florianopolitanos afirmam usar em relações simétricas e assimétricas a partir de dados de testes de percepção e testes de produção linguística. Esses testes foram aplicados em escolas de Educação Básica, na Universidade Federal de Santa Catarina, no Instituto Federal de Santa Catarina, nas ruas e em estabelecimentos comerciais. Controlaram-se os seguintes grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos: *paralelismo sujeito e clítico*; *paralelismo sujeito e possessivo*; *preenchimento do sujeito*; *paralelismo sujeito e oblíquo tônico*; *sexo*¹⁷ (homem/mulher); *faixa etária* (1-10, 11-20, 21-30, 31-40), *escolaridade* (ensino fundamental, ensino superior) e *tipo de relação entre interlocutores*. Para a análise dos testes de percepção, foi aplicada a regra de três para tirar a porcentagem de cada resposta e de cada variável. Já, para os testes de produção, os dados foram categorizados e submetidos ao programa de análise estatística GoldVarb 2001. No total, foram 212 questionários respondidos, sendo 127 de informantes nascidos em Florianópolis.

Sobre os testes de percepção, verificou-se que a forma ‘tu’ é a mais usada em relações simétricas, com 65%. No que se refere aos informantes: i) 14% afirmam usar tanto o ‘tu’ quanto o ‘você’ e ii) 20%, somente o ‘você’. Vale lembrar que nenhum dos informantes afirmou usar a forma ‘senhor’ ao se dirigir a um amigo, atestando que essa forma pronominal denota maior formalidade. Ainda, somente a variável extralinguística *faixa etária* foi considerada relevante: os mais jovens usaram o ‘tu’ em 85% dos casos e os mais velhos, em 55% dos casos. Já no que se refere aos testes de produção, o programa GoldVarb 2001 selecionou cinco grupos de fatores como os favorecedores da realização do ‘tu’: *tipo de relação entre os interlocutores*, *paralelismo sujeito e clítico*, *sexo*, *faixa etária* e *paralelismo sujeito e possessivo*. Rocha (2015) focou sua análise no mais relevante: o *tipo de relação entre os interlocutores* (simétrica, assimétrica descendente e assimétrica ascendente). Os tipos de relação que mais favoreceram o uso do ‘tu’ foram: i) relação simétrica (0,63) e ii) relação assimétrica descendente (0,63). Já a relação assimétrica ascendente desfavoreceu a realização da forma ‘tu’, com 0,25 de peso relativo.

Destacamos também a dissertação intitulada “As formas variáveis de tratamento ao interlocutor na ilha de Santa Catarina: estudo da fala de adolescentes dos ingleses”, de Traesel

16 A forma ‘senhor’ é utilizada sem o artigo pelo autor.

17 Terminologia adotada pela autora.

(2016). Esse estudo foi importante para definirmos nosso protocolo metodológico de coleta de dados. Esse trabalho, à luz da Teoria da Variação e Mudança linguística, teve como objetivo geral investigar a variação entre as formas dos paradigmas de ‘tu’ e as formas do paradigma de ‘você’, especificamente, na fala de um grupo de adolescentes entre 16 e 18 anos, no bairro Ingleses, em Florianópolis. Teve, ainda, como objetivos específicos os seguintes: i) identificar as formas dos paradigmas de ‘tu’ e ‘você’ na fala dos adolescentes; ii) identificar quais dessas formas são mais frequentes na fala desses informantes, considerando não só seus locais de nascimento como também o local de nascimento de seus pais; iii) verificar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam na realização do fenômeno; iv) investigar como se constituem as relações de poder e solidariedade segundo as premissas de Brown e Gilman (1960) e v) verificar se o tipo de texto contribui na realização do paradigma do ‘tu’ ou do ‘você’.

Para a realização desse estudo, Traesel (2016) analisou a fala de uma turma de alunos composta por 27 adolescentes de etnias diferentes, no bairro Ingleses, sendo 18 meninos e 9 meninas, com idade entre 16 e 18 anos. Para a coleta de dados, foram traçadas duas maneiras: realização de um debate (situação formal) nos padrões de um debate político e a realização de entrevistas individuais (situação menos formal). Sobre o debate, a turma foi dividida em cinco grupos, contendo no mínimo 5 e no máximo 6 integrantes, e cada grupo deveria sugerir, pelo menos, dois temas para discussão, totalizando 10 temas. Esses, depois de sugeridos, foram expostos à turma e cada equipe deveria se reunir para discutir sobre os temas e organizar o debate. No dia do debate, os temas foram sorteados e cada equipe numerada de 1 a 5. De acordo com Traesel (2016):

As discussões foram gravadas e seguiram padrão de debate político com Pergunta → Resposta → Réplica → Tréplica. O primeiro tema foi sorteado, após foi realizado o sorteio da primeira equipe, esta escolheu para qual equipe desejava fazer a pergunta. As rodadas posteriores seguiram desta forma: aquela equipe que respondeu primeiro perguntou para outra equipe e assim sucessivamente até que a última perguntou para a primeira. Logo tivemos 5 temas discutidos na primeira etapa. No segundo momento tudo se repetiu e os outros 5 temas restantes foram debatidos também com uma nova equipe sendo sorteada para começar. A interação durou aproximadamente 1h45min (TRAESSEL, 2016, p. 105).

Essa foi, portanto, a metodologia adotada por Traesel (2016) para coletar o debate da turma. Além do debate, também foram realizadas entrevistas individuais com 10 dos alunos que haviam participado do debate, sendo 5 meninos e 5 meninas. Vale lembrar que, como critério de seleção, pelo menos a metade desses informantes deveria ter nascido em Florianópolis e a outra metade deveria ter nascido em outros locais.

Com a amostra de dados constituída, Traesel (2016) controlou os seguintes grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos: *função sintática* (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento oblíquo, possessivo, imperativo), *preenchimento do sujeito pronominal* (sujeito nulo, sujeito expreso), *concordância verbal com pronome Tu*, *paralelismo estrutural* (primeira menção, sujeito e sujeito iguais, sujeito e sujeito diferentes, sujeito e objeto/ objeto e sujeito iguais, sujeito e objeto/ objeto e sujeito diferentes, sujeito e possessivos iguais, sujeito e possessivo diferentes), *pessoa do discurso reportado* (não reportado, pessoa próxima, pessoa não próxima), *relações simétricas e assimétricas entre os interlocutores* (superior para inferior e inferior para superior, entre iguais, relação entre o entrevistado e o entrevistador), *tipo de texto* (diálogo com o entrevistador, narrativa com envolvimento, receita, conselho, outro), *local de nascimento dos informantes* (Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Goiás, Bahia), *sexo*¹⁸ *do informante* (feminino, masculino), *local de nascimento dos pais* (SC/SC, SC/UY, RS/RS, PR/PR, SP/SP, GO/GO, BA/BA), *tempo em que o informante mora na Ilha de Santa Catarina* (até 3 anos, de 3 a 6 anos, mais de 6 anos, sempre morou) e *indivíduo*.

Os dados foram analisados de maneira quantitativa e submetidos ao programa de análise estatística Goldvarb 2001. Vale lembrar que os dados considerados foram os coletados nas dez entrevistas individuais realizadas.

No total, foram 544 ocorrências das formas dos paradigmas de ‘tu’ e ‘você’. Os resultados, de maneira geral, mostraram uma preferência pelas formas do paradigma de ‘tu’, com 61%, enquanto as formas do paradigma de ‘você’ apareceram com uma frequência de 38% dos dados.

No que tange às variáveis linguísticas controladas, sobre *função sintática*, as formas dos paradigmas de ‘tu’ e ‘você’ aparecem mais na função de sujeito, tendo um total de 87% do total dos fatores controlados. Distinguindo as duas formas nessa função, as formas de ‘tu’ aparecem mais no sujeito, com 61%, em relação às formas de ‘você’, com 38%. Sobre o *preenchimento do sujeito*, a forma ‘tu’ é produzida mais com sujeito nulo, com 74%, enquanto, no fator sujeito expreso, há pouca diferença de frequência, sendo 50% para ‘você’ e 49% para ‘tu’. No que se refere à *concordância verbal com o tu*, das 291 ocorrências de ‘tu’ como sujeito, 285 são de não concordância e 6 com a concordância verbal marcada. No que diz respeito ao *paralelismo estrutural*, de maneira geral, as formas de um paradigma influenciam na produtividade das seguintes, isto é, a primeira menção ao ‘tu’, por exemplo, influencia na realização de formas do seu paradigma. Entretanto, os resultados mostraram, ainda, casos não paralelos em que

18 Terminologia adotada pelo autor.

informantes alternam as formas ‘tu’ e ‘você’. No que tange à *pessoa do discurso reportado*, no discurso não reportado, houve uma predileção pelo paradigma de ‘tu’, enquanto no discurso para pessoa não próxima, uma predileção pela forma ‘você’. Destacou-se também que, no discurso reportado para pessoa próxima, houve uma distribuição de 50% para cada paradigma, isso porque, segundo Traesel (2016), a informante de Goiânia produziu muito a forma ‘você’ e isso influenciou nos resultados. Sobre a variável *relações simétricas e assimétricas entre os interlocutores*, as relações simétricas e para o entrevistador favoreceram o uso do paradigma de ‘tu’, com 64% e 72% de frequência, respectivamente. Enquanto as formas do paradigma de ‘você’ apareceram com mais frequência nas relações assimétricas superior para inferior e inferior para superior com 61% e 55%, respectivamente. Por fim, sobre o *tipo de texto*, as formas do paradigma ‘tu’ se mostraram mais frequentes em receitas, com 78%, e diálogo com entrevistador, com 65%, enquanto as formas do paradigma ‘você’ se mostraram mais frequentes em conselhos, com 53%.

No que diz respeito aos resultados sobre as variáveis independentes extralinguísticas, o autor ressalta que essas se mostraram relevantes para o estudo. Sobre o *local de nascimento do informante*, o paradigma de ‘tu’ se mostrou mais frequente nas cidades de Santa Catarina (85%), Rio Grande do Sul (100%), São Paulo (69%) e Bahia (74%), enquanto o paradigma de ‘você’ se mostrou mais frequente no Paraná (85%) e em Goiás (93%). Sobre o *sexo do informante*, o paradigma de ‘tu’ foi mais frequente na fala dos meninos, com 77% dos dados, enquanto o paradigma do ‘você’ apareceu com 51% de frequência na fala das meninas, alternando com 49% do paradigma de ‘tu’. No que tange ao *local de nascimento dos pais* (mãe e pai), os fatores SC/SC, SC/UY, RS/RS, SP/SP, BA/BA influenciaram mais o paradigma de ‘tu’, com 74%, 90%, 93%, 69% e 74%, respectivamente, enquanto os fatores PR/PR e GO/GO influenciam o paradigma de ‘você’, com 85% e 93%, respectivamente. No que se refere ao *tempo de residência em Florianópolis*, informantes que residem até 3 anos se utilizaram mais do paradigma de ‘você’, com 93%, enquanto informantes que residem de 3 a 6 anos e os que sempre moraram apresentaram frequência maior do paradigma de ‘tu’, com 73% e 85%, respectivamente. Isto é, em Florianópolis, há uma preferência pelo uso do ‘tu’. Por fim, sobre o *indivíduo*, foram 10 informantes de 6 estados diferentes. Isso é relevante destacar, porque a origem influenciou na produção dos paradigmas de ‘tu’ e ‘você’: informantes que nasceram e residem em Florianópolis preferem o paradigma de ‘tu’.

Ainda no Sul, a partir dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, de WLH (2006 [1968]), o trabalho “A alternância dos pronomes tu e você na fala concordiense”, de Lucelene Teresinha Franceschini (2021), teve como objetivo geral investigar

a alternância entre as formas ‘tu’ e ‘você’ na fala concordiense, em Santa Catarina. O *corpus* foi constituído de uma amostra de fala de 24 informantes (FRANCESCHINI, 2011) distribuídos de acordo com *sexo* (feminino e masculino), *faixa etária* (26 a 45, mais de 50 anos) e *escolaridade* (fundamental I, fundamental II e ensino médio). Em relação às variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas controladas, foram as seguintes: *determinação do referente*, *tipo de discurso*, *tipo de verbo*, *tipo de texto*, *tipo de ocorrência*, *tempo verbal*, *faixa etária*, *sexo*¹⁹ e *escolaridade*.

Os dados foram analisados pelo programa de análise estatística Varbrul. No total, foram 926 ocorrências das variantes ‘tu’ e ‘você’, sendo 512 (55%) ocorrências de ‘tu’ e 414 realizações de ‘você’ (45%). Os resultados mostraram um predomínio no uso do ‘tu’. As variáveis selecionadas e apresentadas nesse artigo, fruto de uma tese de doutoramento, foram: *determinação do referente* (determinada, indeterminada), *tipo de verbo* (epistêmicos [saber, achar, conhecer, pensar], de estado, de ação e *dicendi* [dizer, falar, perguntar]), *escolaridade* (ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio), *sexo* (masculino, feminino) e *faixa etária* (26-45, 50 anos ou mais).

Os fatores da variável ‘*determinação do referente*’ foram considerados da seguinte maneira: referência determinada quando o uso dos pronomes é realizado em uma referência direta ao interlocutor, enquanto a referência indeterminada diz respeito ao uso das formas pronominais para falar de uma forma genérica de pessoas no geral, como nos exemplos abaixo:

(1) Tu tá vendo aquele topo lá que aparece, só aquele topinho lá em cima, no meio do mato? É a igreja, aquela é a igreja, pra baxo ali é deles. (FS2j)

(3) – E, e que nem a pessoa tem que se dá bem com tudo mundo que amanhã tu não sabe se tu vai precisá dessa pessoa ou não vai, né? (...) (MP1d) (FRANCESCHINI, 2021, p. 75)

O exemplo (1) seria uma referência determinada, já que está se referindo diretamente ao interlocutor. Já o exemplo (3) seria uma referência indeterminada, pois está falando de uma forma geral das pessoas. Os resultados mostraram que, quando se tem um referente determinado, há uma predileção pela forma ‘tu’, com peso relativo de 0,72, e, quando se trata de uma referência indeterminada, os informantes preferem usar a forma ‘você’, com peso relativo de 0,57. Isso mostra que a inserção da forma inovadora ‘você’ acontece pela indeterminação.

19 Terminologia utilizada pela autora.

No que tange ao *tipo de verbo*, os resultados mostraram que ‘verbos epistêmicos’ favorecem a realização do ‘tu’, com peso relativo de 0,58; ‘verbos de ação’ e de ‘estado’ apresentam uma neutralidade em relação ao uso do ‘tu’, com pesos relativos de 0,51 e 0,52, respectivamente, e os ‘verbos dicendi’ favorecem o uso da forma ‘você’, com peso relativo de 0,54. De acordo com Franceschini (2021), a influência dos ‘verbos *dicendi*’ na realização do ‘você’ estaria relacionada também a uma estratégia de indeterminação para se distanciar da responsabilidade daquilo que foi dito.

No que diz respeito às variáveis independentes sociais, sobre a *escolaridade*, a realização do ‘tu’ acontece mais com falantes dos níveis fundamental II, peso relativo de 0,68, e nível fundamental I, peso relativo de 0,57. Os informantes de nível médio favorecem, por sua vez, a realização da forma ‘você’, com peso relativo de 0,58. Para Franceschini (2021), isso mostra um certo prestígio associado à forma inovadora ‘você’, já que esse é mais utilizado por informantes de escolaridade mais elevada. Além disso, observou-se que a realização do ‘tu’ foi usada categoricamente com a não marcação verbal. Isso fez com que Franceschini (2021) supusesse que a escolha pelo uso de ‘você’ pelos mais escolarizados seria para evitar o uso do ‘tu’ com a não marcação verbal, visto de forma negativa.

Houve, ainda, para visualizar melhor os resultados, o cruzamento das variáveis *escolaridade* com *faixa etária* e *escolaridade* com *sexo*. No primeiro, os resultados mostraram que os mais jovens com nível fundamental I e ensino médio utilizaram-se mais do ‘você’, com 45% e 60%, respectivamente. Já o comportamento dos velhos mostrou ser mais homogêneo: houve uma predileção pela forma ‘tu’ nos três níveis de escolaridade, mas uma redução leve no uso do ‘tu’ à medida que se eleva o nível da escolaridade. No que tange ao segundo cruzamento, as mulheres com nível de escolaridade fundamental I e II se utilizaram mais do ‘tu’, já as de ensino médio realizaram mais o ‘você’, com 60%. Por outro lado, os homens realizaram mais a forma ‘você’ nos níveis fundamental I e II, com 61% e 53%, respectivamente. Nos falantes masculinos de nível médio, há uma predileção leve pelo uso da forma ‘tu’, com 54%.

Em relação à rodada geral sobre a variável *sexo*, as mulheres favoreceram mais o uso do pronome ‘tu’, com peso relativo de 0,56. Enquanto os homens favoreceram mais o uso do pronome ‘você’, com peso relativo também de 0,56. De acordo com Franceschini (2021), isso mostra certo conservadorismo das mulheres na manutenção do ‘tu’.

Por fim, no que tange à *faixa etária*, os mais velhos, referente à faixa etária de 50 anos ou mais, favoreceram o uso da forma ‘tu’, com peso relativo de 0,55, enquanto os mais jovens favoreceram o uso da forma ‘você’. O argumento de Franceschini (2021) é que os mais jovens se utilizam mais do ‘você’, pois são mais influenciados pelos meios de comunicação os quais

demonstram maior prestígio a essa forma. Outrossim, no cruzamento entre *faixa etária* e *sexo*, notou-se uma homogeneidade no uso das formas ‘tu’ e ‘você’ pelos homens. Quanto às mulheres, na faixa etária mais jovem, há uma alternância de certa forma homogênea entre as formas ‘tu’ e ‘você’, no entanto, na faixa etária mais velha, as mulheres se utilizaram mais do ‘tu’, mostrando o conservadorismo na manutenção desse pronome.

Como pudemos observar, existem diversos trabalhos sobre o fenômeno investigado no PB. A seguir, no Quadro 4, sintetizamos os trabalhos descritos:

Quadro 4 – Trabalhos sobre a expressão de P2 no PB

Região	Cidade investigada	Autor (es)	Variante investigadas	Perfil dos informantes	Variáveis linguísticas controladas	Variáveis extralinguísticas controladas	Resultados gerais
NORTE	Cametá (PA)	Costa (2016)	‘Tu’, ‘você’ e ‘senhor(a)’	4 moradores da zona urbana	<i>Tipo de frase, tempo do verbo e referência do pronome</i>	<i>Sexo/gênero, faixa etária e relações hierárquicas</i>	Houve uma distribuição homogênea das formas (‘tu’ com 49,5% e ‘você’ com 47,1%).
	Rio Branco (AC)	Camacho e Silva (2021)	‘Tu’ e ‘você’	6 informantes distribuídos em <i>sexo/gênero, escolaridade e classe social</i> foram avaliados por 30 falantes distribuídos em <i>sexo/gênero e escolaridade</i>	Não foram controladas	<i>Sexo/gênero, escolaridade e classe social</i>	Não há uma avaliação negativa sobre a forma ‘tu’, mas sim uma associação à intimidade/proximidade de aos interlocutores.
NORDESTE	Alagoas	Vitório (2019)	‘Tu’	72 estudantes nascidos e criados em Alagoas	Não foram controladas	Não foram controladas	Sobre a percepção de uso, há uma predileção pela forma ‘você’, com 53%, em detrimento do ‘tu’, com 36%. Sobre crença em relação ao próprio uso, 83% afirmam usar o ‘tu’. A respeito da percepção acerca da variação diatópica, o ‘tu’ é associado às regiões sul e nordeste. Além disso, 80% acreditam que há relação entre o uso do ‘tu’ com a pessoa com quem se fala e 79% acreditam que não há relação com escolaridade.
CENTRO-OESTE	Brasília	Andrade (2010)	‘Você’, ‘cê’ e ‘tu’	42 crianças de 7 a 15 anos da Vila Planalto	<i>Função sintática, presença ou ausência de vocativo, entonação, polaridade da sentença, referencialidade</i>	<i>Faixa etária, tipo de relação, localidade, origem dos pais, tipo de fala e sexo</i>	A origem nordestina influenciou na implementação da forma ‘tu’, além disso o <i>tipo de referência</i> específica favorece a forma ‘tu’, enquanto o ‘você’, pela referência genérica. Vale

					<i>, paralelismo formal</i>		destacar que o ‘cê’ é favorecido por informantes cuja origem dos pais é mineira.
SUDESTE	Santos (SP)	Modesto (2007)	‘Tu’ e ‘você’	20 informantes distribuídos em gênero, faixa etária e escolaridade	<i>Função sintática da forma de tratamento e referência</i>	<i>Gênero, faixa etária, escolaridade, monitoramento e expressividade do ato comunicativo</i>	A forma ‘você’ foi mais frequente, com 67% dos dados, enquanto a forma ‘tu’ obteve 32% dos dados.
	Ressaquinha (MG)	Silva e Gonçalves (2018)	‘Tu’ e ‘você’	24 informantes distribuídos de acordo com faixa etária, sexo, área geográfica e deveriam ter nascido em MG e serem nativos e/ou residentes de Ressaquinha por 10 anos ou mais	<i>Tipo de referência, tipo de discurso, contexto sintático e contexto frasal</i>	<i>Faixa etária, sexo e área geográfica</i>	A forma ‘você’ foi a mais frequente, com 61,5% dos dados, enquanto a forma ‘tu’ aparece com 38,5% dos dados.
SUL	Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha	Loremi Loregian (1996)	‘Concordância verbal com o tu’	72 informantes distribuídos por região, grau de escolarização e sexo.	<i>Paralelismo formal, interação emissor/receptor, explicitação do pronome, tempo verbal, saliência fônica, tonicidade do verbo, número de sílabas do verbo e contexto fonológico seguinte</i>	<i>Região, grau de escolarização e sexo</i>	O estudo mostrou que marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros, por meio da variável <i>paralelismo formal</i> . Mostrou, ainda, que: i) Ribeirão da Ilha e Florianópolis realizam mais a marcação de concordância; ii) que o ‘pretérito perfeito do indicativo’ favorece a marcação da flexão; iii) os fatores ‘sem pronome explícito’, ‘dirigindo-se ao entrevistador’, ‘verbos oxítonos’, ‘colegial’ são alguns que favorecem a marcação de concordância.
	Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Ribeirão da Ilha	Loregian-Penkall (2004)	‘Tu’ e ‘você’	195 informantes distribuídos por localidade, sexo, faixa etária e escolaridade	<i>Tipo de interlocução, determinação do discurso, gênero de discurso, explicitação do pronome, alternância de pronomes e tempo e modo verbal.</i>	<i>Localidade, sexo, faixa etária e escolaridade.</i>	Dos informantes, 77 usaram só o ‘tu’, ‘15’ só o ‘você’ e 103 alternaram entre as formas. Em todas as rodadas, as variáveis extralinguísticas foram selecionadas como relevantes. Além disso, os fatores ‘determinação do discurso’ e ‘sem explicitação do pronome’ favoreceram o uso do ‘tu’.
					<i>Paralelismo sujeito e clítico; paralelismo sujeito e possessivo;</i>	<i>Sexo, faixa</i>	Acerca dos testes de percepção, o ‘tu’ parece ser mais usado em relações simétricas, com 65%. Sobre os testes de

	Florianópolis	Rocha (2015)	‘Tu’, ‘você’ ou ‘senhor’	127 informantes nascidos em Florianópolis	<i>preenchimento do sujeito; paralelismo sujeito e oblíquo tônico</i>	<i>etária, escolaridade e tipo de relação entre interlocutores.</i>	produção, o ‘tu’ se mostrou mais favorecido pela variável <i>tipo de relação entre os interlocutores</i> , principalmente em relações simétricas e assimétricas descendentes.
	Florianópolis	Traesel (2016)	‘Tu’ e ‘você’	Grupo de adolescentes entre 16 e 18 anos do bairro Ingleses, em Florianópolis	<i>Função sintática, preenchimento do sujeito pronominal, concordância verbal com pronome Tu, paralelismo estrutural, pessoa do discurso reportado, relações simétricas e assimétricas entre os interlocutores, tipo de texto</i>	<i>Local de nascimento dos informantes, local de nascimento dos pais, tempo em que o informante mora na Ilha de Santa Catarina e indivíduo</i>	As formas do paradigma de ‘tu’ foram mais frequentes, com 61%, em relação às formas do paradigma de ‘você’.
	Concórdia	Franceschini (2021)	‘Tu’ e ‘você’	24 informantes distribuídos em <i>sexo, faixa etária e escolaridade</i>	<i>Determinação do referente, tipo de discurso, tipo de verbo, tipo de texto, tipo de ocorrência e tempo verbal</i>	<i>Faixa etária, sexo e escolaridade.</i>	Há uma predileção pela forma ‘tu’, com 55%, enquanto a forma ‘você’ aparece com 45%.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da resenha e comparação entre os trabalhos apresentados nesta seção, podemos observar, especificamente quanto ao uso linguístico, que as cidades descritas da região Norte se caracterizam pelo uso de ‘tu’ (embora com uma frequência não muito alta). Em relação à região Nordeste, especificamente no trabalho de Vitorio (2019), quanto à percepção e à crença linguísticas, as pessoas afirmaram usar mais o ‘tu’ e o associaram às regiões Sul e Nordeste. No que tange à região Centro-oeste, especificamente no trabalho de Andrade (2010), a origem nordestina dos informantes influenciou na frequência da forma ‘tu’, apesar da alternância entre ‘você’ e ‘cê’.

Na região Sudeste, podemos observar, quanto ao uso linguístico, uma preferência pela forma ‘você’ em relação à forma ‘tu’, com uma frequência relativamente alta. Por fim, na região Sul, quanto à avaliação linguística, observamos que o ‘tu’ foi favorecido em relações simétricas e assimétricas descendentes (de superior para inferior), já, em relação ao uso linguístico, as

formas do paradigma de ‘tu’ apresentaram uma frequência relativamente alta em relação aos resultados de ‘você’.

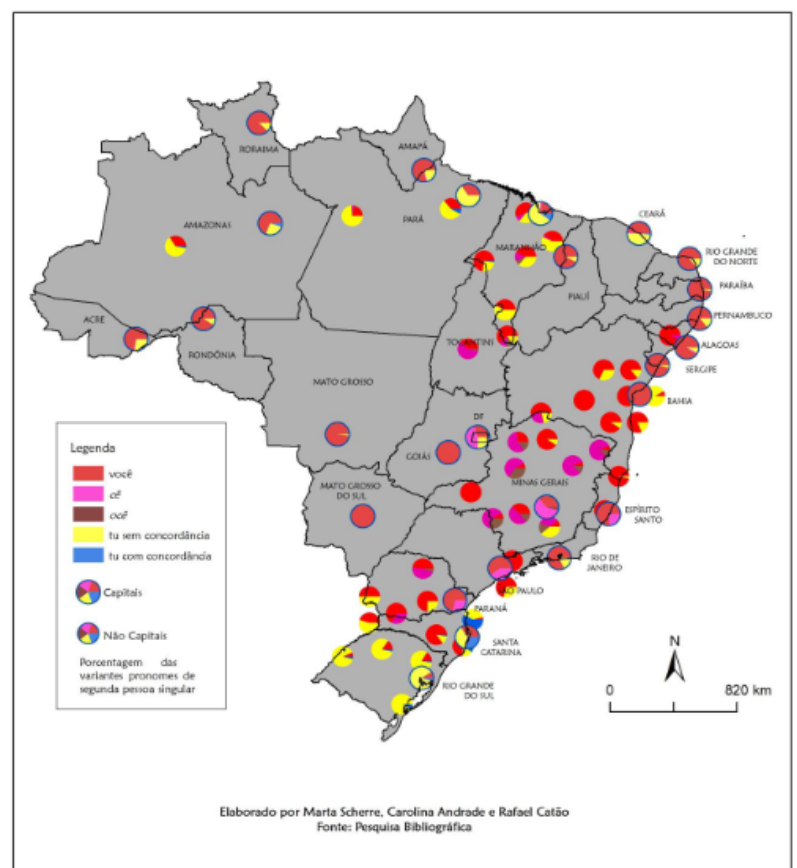
Para ilustrarmos, resumidamente, a distribuição diatópica, principalmente, sobre as formas ‘tu’ e ‘você’, trazemos, para concluir esta seção, os dados elaborados e apresentados por Marta Scherre (2020), segundo o livro Mapeamento Sociolinguístico do português brasileiro (MARTINS e ABRAÇADO, 2015). Primeiramente, é importante salientar que Scherre (2020) faz uma distribuição entre as formas de segunda pessoa do singular no PB em posição de sujeito. São as seguintes: ‘você’ associado à morfologia verbal não expressa, considerada de terceira pessoa, ‘cê’ associado à morfologia verbal não expressa, considerada de terceira pessoa, ‘ocê’ associado à morfologia verbal não expressa, considerada de terceira pessoa, ‘tu’ sem concordância associado à morfologia verbal não expressa, considerada de terceira pessoa e ‘tu’ com concordância verbal, associado à morfologia verbal expressa de segunda pessoa, e ‘tu’, sem concordância verbal, associado à morfologia não expressa de terceira pessoa. Observemos, na Figura 2, a seguir, a distribuição dessas variantes no Brasil:

Figura 2- Distribuição diatópica de ‘tu’ e ‘você’ no PB

Redesenhando...

Cinco variantes de pronomes de segunda pessoa do singular no português brasileiro: capitais e não capitais

(SCHERRE; ANDRADE; CATÃO, 2019; a sair em 2020)



Fonte: SCHERRE, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W4XqhsiB9I0&t=1458s>. Acesso em: 19/05/2023.

Conforme a Figura 2 acima, podemos observar uma predileção pela forma ‘você’ na região Centro-oeste, uma alternância entre as formas ‘você’, ‘cê’ e ‘ocê’ no Sudeste, um certo predomínio da forma ‘tu’ sem concordância nas regiões Nordeste e Sul, havendo alternância em algumas localidades com as formas ‘você’ e ‘cê’. Em se tratando da região Norte, há uma alternância entre as formas ‘você’ e ‘tu sem concordância’, consideradas, é claro, as localidades onde há o predomínio de uma forma em detrimento da outra. No Amazonas, especificamente, aparece uma alternância entre o ‘tu sem concordância’ e a forma ‘você’.

Na seção a seguir, apresentamos, especificamente, resenhas de trabalhos realizados no Amazonas acerca do fenômeno “expressão pronominal de P2”.

1.3.1 A expressão pronominal de P2 no Amazonas

No Amazonas, particularmente, encontramos os trabalhos de Martins (2010), Babilônia e Martins (2011) e Martins e Martins (2014) os quais investigam o fenômeno “expressão pronominal de P2”. A seguir, apresentamos esses trabalhos.

A dissertação de mestrado intitulada “A alternância tu, você e senhor no município de Tefé”, de Martins (2010), teve como objetivo geral investigar a alternância entre as formas ‘tu’, ‘você’ e ‘senhor²⁰’ na cidade de Tefé, à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística, de Weinreich, Labov e Herzog, e da Sociolinguística Interacional. Foram analisadas 19 entrevistas, no total, sendo 4 feitas sem o conhecimento prévio do informante. Nesses casos, os informantes foram avisados posteriormente e concordaram com a inserção de suas entrevistas no *corpus*. Os 30²¹ informantes foram distribuídos em: *faixa etária* (7-10, 20-35, mais de 50), *sexo/gênero*²² (homem/mulher) e *escolaridade* (níveis fundamental e superior). Foram controlados estes grupos de fatores, linguísticos e extralinguísticos: *tipo de referência* (genérica, específica); *tipos de discurso* (direto, relatado), *parallelismo* (isolado não precedido de forma pronominal, isolado precedido de ‘tu’, isolado precedido de ‘você’, isolado precedido de ‘senhor’, primeiro da série não precedido de forma pronominal, primeiro da série precedido de ‘tu’, primeiro da série

20 A autora usa a forma ‘senhor’ sem o artigo.

21 Vale ressaltar que, em algumas entrevistas, havia mais de um informante, por isso, foram 19 entrevistas, no total.

22 Terminologia adotada pelo autor.

precedido de ‘você’, primeiro da série precedido de ‘senhor’, não primeiro da série), *sexo/gênero* (feminino, masculino), *escolaridade* (fundamental, superior), *faixa etária* (7-10, 20-35, mais de 50), *tipo de relação entre interlocutores* (simétrica, assimétrica), *tipo de gravação* (oculta, consciente) e *grau de intimidade com o interlocutor* (íntimo, não íntimo).

Para isso, utilizou-se o programa Varbrul o qual selecionou como favorecedores da aplicação da regra (realização da forma ‘tu’) os seguintes grupos de fatores: *grau de intimidade com o interlocutor*, *faixa etária*, *tipo de gravação*, *sexo/gênero*, *paralelismo* e *tipo de referência*. No geral, os resultados mostraram: i) O ‘tu’ é a forma mais usada e que a concordância com a forma verbal canônica é baixa; ii) As mulheres e a faixa etária mais jovem favoreceram a realização da forma ‘tu’ e iii) O pronome ‘você’ foi considerado mais formal. Os resultados, ainda, indicaram uma possível mudança de ‘senhor’ para ‘tu’ em relações assimétricas íntimas.

Um outro estudo sobre o fenômeno em questão é intitulado “A influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes tu/você na fala manauara”, artigo científico, de Babilônia e Martins (2011), que teve como objetivo geral descrever os grupos de fatores sociais que condicionam a variação das formas ‘tu’ e ‘você’ em situações discursivas de elocuições formais (EF), dialógicas (D2) e entrevistas (DID), no *corpus* retirado do banco digital do Projeto Fala Manauara Culta (FAMAC)²³. No total, foram 30 inquéritos analisados. Os informantes foram estratificados pelas seguintes variáveis sociais: *gênero*²⁴ (masculino/feminino), *faixa etária* (20-35, 36-5, mais de 56), *escolaridade* (ensino superior completo), e deveriam *ser nascidos e residentes em Manaus há pelo menos 20 anos*. Durante a análise de dados²⁵, os autores encontraram as formas ‘senhor’²⁶, em contextos muito formais, e o ‘sujeito nulo’, mas focaram nas realizações de ‘tu’ e ‘você’. No total, a forma ‘você’ foi a mais frequente com 65% e ‘tu’, com 35%. Entretanto, vale dizer, que a forma ‘você’ foi a mais usada em situações discursivas mais formais como nas *entrevistas* (94%) e em *elocuições formais* (90, 5%), já o ‘tu’ foi mais usado em situações de *diálogo* (70, 5%). Sobre as variáveis independentes sociais *gênero* e *faixa etária*, essas não foram consideradas relevantes na alternância entre as formas ‘tu’ e ‘você’. Portanto, os autores concluíram que a variação foi determinada pelo *contexto conversacional*. Verificou-se que o ‘tu’ é indicativo de mais envolvimento, menos monitoramento e mais expressividade, já o ‘você’ marca um distanciamento social.

23 Projeto Fala Manauara Culta (FAMAC) está disponível no site: <https://projetofoamac.wixsite.com/projetofoamac>

24 Terminologia adotada pelos autores.

25 Os autores não utilizaram programa estatístico.

26 Os autores utilizam a forma ‘senhor’ sem o artigo.

No artigo “Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português do Brasil”, por sua vez, de Martins e Martins (2014), estudou-se a alternância entre as formas ‘tu’ e ‘você’, a partir de 40 inquéritos. Para a coleta de dados, a seleção dos informantes obedeceu aos seguintes critérios: *gênero*²⁷ (homem, mulher), *faixa etária* (20-35, 36-55, 56 em diante), *grau de escolaridade* (ensino fundamental incompleto, ensino fundamental, ensino médio, ensino superior) e *ser nascido e residente em Manaus há pelo menos 20 anos*. Foram 40 inquéritos registrados em três situações de enunciação: *diálogo entre informantes* (D2), *entrevistas entre informante e documentador* (DID) e *elocuções formais* (EF). Dessa forma, foram controladas as seguintes variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas: *tipo de registro*, *concordância verbal*, *grau de escolaridade*, *faixa etária* e *gênero*.

Os resultados²⁸ mostraram que a variável mais relevante foi o *tipo de registro*. Concluíram o seguinte: i) O pronome ‘você’ foi mais utilizado em situações mais formais, como em *entrevistas*, com 96%, e *elocuções formais*, com 90,7%, já o ‘tu’ foi mais usado em contextos informais, com 70,5%; ii) As variáveis *faixa etária* e *grau de escolaridade* não foram relevantes e iii) O ‘tu’ se realizou com menos marcação de concordância, a não ser quando está diante de verbo irregular sobretudo quando esse está no pretérito perfeito, e o *você* ocorreu mais em contextos de indeterminação do sujeito.

Como pudemos observar, existem já alguns trabalhos sobre o fenômeno investigado no Amazonas. A seguir, no Quadro 5, sintetizamos os trabalhos já descritos:

Quadro 5 – Trabalhos sobre a Expressão pronominal de P2 no Amazonas

Autores	Cidade Investigada	Variantes investigadas	Perfil dos Informantes	Tipo de Coleta de dados	Variáveis linguísticas controladas	Variáveis extralinguísticas controladas	Resultados gerais
Martins (2010)	Tefé	‘Tu’, ‘você’ e ‘senhor’	Informantes distribuídos em <i>faixa etária</i> , <i>sexo/gênero</i> e <i>escolaridade</i>	Entrevista sociolinguística	<i>Tipo de referência</i> , <i>tipo de discurso</i> e <i>paralelismo</i>	<i>Sexo/gênero</i> , <i>escolaridade</i> , <i>faixa etária</i> , <i>tipo de relação entre interlocutores</i> , <i>tipo de gravação</i> e <i>grau de intimidade com o interlocutor</i>	Há uma predileção pela forma ‘tu’, sobretudo associado à concordância verbal não canônica. Além disso, a forma ‘você’ foi considerada mais formal.
Babilônia e Martins	Manaus	‘Tu’ e ‘você’	Informantes distribuídos em <i>gênero</i> , <i>faixa etária</i> , <i>escolaridade</i> e devem ser	Elocuções formais (EF), dialógicas (D2) e entrevistas (DID)	<i>Não houve controle</i>	<i>Gênero</i> , <i>faixa etária</i> , <i>escolaridade</i> , <i>Contexto</i>	A forma ‘você’ foi a mais usada, principalmente em situações discursivas mais formais, enquanto o ‘tu’ foi

27 Terminologia adotada pelos autores.

28 Os autores não utilizaram programa estatístico.

(2011)			<i>nascidos e residentes em Manaus há pelo menos 20 anos</i>			<i>conversacional</i>	mais usado em situações informais, como em diálogo.
Martins e Martins (2014)	Manaus	‘Tu’ e ‘você’	Informantes distribuídos em gênero, faixa etária, grau de escolaridade e deveriam ser nascidos e residentes em Manaus há pelo menos 20 anos	Inquéritos registrados em três situações: diálogo entre informantes (D2), entrevistas entre informante e documentador (DID) e elocuições formais (EF)	<i>Tipo de registro e concordância verbal</i>	<i>Grau de escolaridade, faixa etária e gênero</i>	A variável <i>tipo de registro</i> foi a mais relevante. Além disso, a forma ‘você’ foi mais produzida em contextos formais como os de “entrevistas” e “elocuições formais”, já o ‘tu’ foi mais produzido em contextos informais.

Fonte: Elaborado pela autora.

De forma geral, no Amazonas, pudemos observar um predomínio da forma ‘tu’, como verificado em Martins (2010), Babilônia e Martins (2011) e Martins e Martins (2014), principalmente no que tange a contextos de informalidade. Apesar da forma ‘você’, nos resultados de Babilônia e Martins (2011) e Martins e Martins (2014), ter prevalecido, devemos observar que, dos tipos de registro analisados, dois exigiam formalidade, as ‘entrevistas’ e as ‘elocuições formais’. Isso deve ter influenciado na predileção geral pela forma.

No que diz respeito às variáveis independentes extralinguísticas, essas não foram relevantes nos estudos de Babilônia e Martins (2011) e Martins e Martins (2014), o que não aconteceu com Martins (2010). Nesse, verificou-se uma predileção pelo ‘tu’ por jovens e por mulheres.

Quando consideramos as variáveis independentes extralinguísticas, podemos verificar um ponto em comum, principalmente, quanto ao ‘grau de intimidade com o interlocutor’ em Martins (2010), ao ‘contexto conversacional’ em Babilônia e Martins (2011) e ao ‘tipo de registro’ em Martins e Martins (2014). Essas são variáveis que, de certa forma, se relacionam, já que expressam questões de formalidade/informalidade e proximidade/distanciamento. Os resultados de todos os autores demonstraram um ‘tu’ associado à informalidade e proximidade e um ‘você’, à formalidade/distanciamento.

Enfim, no que tange à concordância verbal, observada em Martins (2010) e controlada por Martins e Martins (2014), o ‘tu’ aparece predominantemente associado à concordância não canônica.

Na seção seguinte, apresentaremos os objetivos, as questões e as hipóteses deste estudo, elaborados a partir da discussão realizada neste Capítulo 1.

1.4 Objetivos, Questões e Hipóteses

1.4.1 Objetivo geral

- Investigar o fenômeno variável a “Expressão pronominal de P2” na posição de sujeito na fala de adolescentes de 13 a 18 anos em Manaus, no Amazonas.

1.4.2 Objetivos específicos

- Descrever as variantes do fenômeno “Expressão pronominal de P2” na fala de adolescentes de 13 a 18 anos em Manaus (AM);
- Analisar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam ou não sobre as variantes descritas na fala de adolescentes de 13 a 18 anos em Manaus (AM);
- Verificar qual a avaliação social e estilística os adolescentes de 13 a 18 anos têm acerca da “expressão pronominal de P2”, por meio de perguntas sobre a avaliação linguística.

1.4.3 Questões norteadoras e hipóteses

- a) Como é realizada a expressão de segunda pessoa do singular na fala manauara?

Hipótese: Esperamos encontrar três variantes as quais expressam a segunda pessoa do singular que podem aparecer preenchidas ou não. São elas:

- i) Tu;
- ii) Você e suas variações (‘cê’ e ‘ocê’);
- iii) O (a) senhor (a).

- b) Quais grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos atuam ou não na realização das variantes descritas do fenômeno “expressão de P2” na fala manauara?

Hipótese: Esperamos que os grupos de fatores linguísticos *referenciação* (direta, indireta ou indeterminada), *paralelismo linguístico* (sujeito e possessivo, sujeito e complementos, entre pronomes em uma série), *concordância verbal com o tu* (marcada, não marcada), *tipo de frase* (exclamativa, declarativa, imperativa, interrogativa e optativa) e *preenchimento do sujeito* (preenchido, não preenchido), e os extralinguísticos *faixa etária/série escolar* (13 a 15/9.º ano do ensino fundamental anos finais; 16-18/2.ª e 3.ª séries do ensino médio), *sexo/gênero* (menino, menina), *tipo de gênero oral* (interação espontânea, podcast), *escola* (pública, particular) e *tipos de relações* (simétricas, assimétricas ascendentes e assimétricas descendentes) sejam relevantes para a realização do fenômeno.

No que diz respeito ao grupo de fatores *referenciação*, assumimos aqui, a partir dos trabalhos resenhados, os seguintes contextos de uso para os fatores controlados:

- a) Referenciação direta: é quando o informante se refere diretamente ao interlocutor.
- b) Referenciação indireta: é quando o informante conta uma história e se utiliza das formas dentro de um contexto de fala.
- c) Referenciação indeterminada: é quando o informante se refere às pessoas de uma maneira genérica.

Conforme apontaram os resultados dos trabalhos resenhados (ANDRADE, 2010; MODESTO, 2007; MARTINS, 2010; COSTA, 2016; SILVA e GONÇALVES, 2018; FRANCESCHINI, 2021), esperamos que a referenciação direta favoreça a realização da forma pronominal ‘tu’ e, ainda, que as referenciações indireta e indeterminada favoreçam a escolha das formas ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’.

Sobre o *paralelismo linguístico*, esse abrange três fatores: entre sujeito e possessivo, entre sujeito e complementos e entre pronomes em uma série. Portanto, traçamos a hipótese de que o paralelismo linguístico, de forma geral, favoreça o uso das três formas pronominais (LOREGIAN-PENKAL, 2004; MARTINS, 2010; ANDRADE, 2010; TRAESEL, 2016). Isso porque, de acordo com os autores, as marcas conduzem às marcas e zeros conduzem a zeros. Já sobre o paralelismo entre o sujeito e seu possessivo, esperamos que a forma ‘teu/tua’ seja mais realizada tanto com a forma ‘tu’ quanto com a forma ‘você’.

Em relação à *concordância verbal com o tu*, buscamos compreender como essa condiciona a produtividade da variante ‘tu’. Sobre essa variável, abrange dois fatores: com marca morfológica de concordância e sem marca morfológica de concordância, o que comumente aparece com a variante ‘tu’.

Esperamos, com isso, que os resultados sejam semelhantes aos de Martins e Martins (2014) nos quais a concordância canônica entre o ‘tu’ e o verbo se mostrou mais produtiva “junto a verbos irregulares, principalmente no pretérito perfeito, os quais possuem maior saliência fônica quanto à sua marcação morfológica. Também se mostrou frequente junto aos verbos regulares, no pretérito perfeito do modo indicativo” (MARTINS e MARTINS, 2014, p. 189). Por outro lado, os resultados de Martins (2010) e de Traesel (2016) mostraram que a concordância canônica com a forma ‘tu’ é baixa. Dessa forma, esperamos uma distribuição entre marcação e não marcação da concordância verbal em relação à forma ‘tu’.

Ainda sobre essa variável controlada também por Loregian (1996) e Loregian-Penkal (2004), os resultados mostraram que pronomes implícitos favorecem a marcação de flexão verbal, enquanto os explícitos desfavorecem a marcação de concordância verbal. Como controlaremos *concordância verbal com o tu*, será relevante observar se, na fala manauara, esse comportamento linguístico se assemelha aos resultados da autora.

Com base em Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004) e Traesel (2016), controlaremos a variável *preenchimento do sujeito*, intitulada como *explicitação do pronome* em Loregian (1996) e Loregian-Penkal (2004). Para tanto, consideraremos os seguintes contextos de uso:

- i) Pronomes ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’ aparecem de forma explícita junto ao verbo, como em: “Você faz alguma coisa da vida? (VA9CREI///LQ²⁹);
- ii) Pronomes ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’ aparecem de forma implícita, isto é, são detectados ou por meio do contexto, quando se referem a uma forma já mencionada, ou por meio da flexão verbal, como em: “Aí tu vai ser rica é? Ø **Vai** ganhar 60 mil por mês (TO9CRED/N/NLQ³⁰).

No que concerne ao fenômeno “expressão de P2”, os resultados de Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004) apontam para um favorecimento do uso do ‘tu’ quando esse aparece implícito. O mesmo aconteceu com o estudo de Traesel (2016) no qual também se controlou essa variável por meio dos fatores ‘sujeito nulo’ e ‘sujeito expresso’. Em seus resultados, a forma ‘tu’ foi mais produzida com sujeito nulo, enquanto o fator ‘expresso’ favoreceu de forma homogênea as duas formas ‘tu’ e ‘você’. Por isso, esperamos que as formas não preenchidas apareçam mais associadas ao ‘tu’, enquanto as formas ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’ devem aparecer mais preenchidas.

29 O código se refere à fala de uma menina do 9.º ano do Ensino Fundamental II de escola particular.

30 Os códigos se referem a um menino do 9.º ano do Ensino Fundamental II de escola particular.

Sobre a variável *tipo de frase* (exclamativa, declarativa, imperativa, interrogativa e optativa), escolhemos controlá-la por ter sido selecionada em segundo lugar como mais relevante e favorecedora da realização do ‘tu’ em Costa (2016), embora Silva e Gonçalves (2018) tenham controlado a variável e essa não tenha sido selecionada como relevante. Em Costa (2016), os fatores que mais favoreceram o uso do ‘tu’ foram ‘exclamativa’, ‘declarativa afirmativa’ e ‘declarativa negativa’. Portanto, esperamos que o ‘tu’ seja favorecido pelos fatores mencionados, além de ser favorecido pelo fator ‘interrogativa’, já que, como a proposta metodológica é de que os informantes produzam *podcasts* com algumas entrevistas, as perguntas se farão presentes.

No que diz respeito ao tipo de gênero oral, esperamos uma predileção pelo uso da forma ‘tu’, durante as ‘interações sociais’, e pelo uso da forma ‘você’, durante os ‘podcasts’, quando os informantes estiverem em relações simétricas (entre iguais), e ‘o (a) senhor (a)’, quando os estudantes se referem à professora. Nas perguntas sobre avaliação linguística, durante a entrevista, esperamos a associação entre o ‘tu’ com intimidade/proximidade, entre o ‘você’ e distanciamento e entre o uso do ‘o (a) senhor (a)’ e relações de hierarquia e de faixa etária mais alta.

No que tange à *faixa etária/série escolar*, esperamos que, como se trata de adolescentes, isso favoreça a realização da forma ‘tu’ (MARTINS, 2010; SILVA e GONÇALVES, 2018). Além disso, esperamos que, quanto mais elevada a série escolar, menor será o uso do ‘tu’, conforme apontaram Modesto (2007) e Franceschini (2021). Em relação ao *sexo/gênero*, esperamos que haja certa distribuição entre os meninos e as meninas, mas também esperamos que as meninas favoreçam a realização do ‘tu’, enquanto os meninos desfavoreçam essa forma pronominal (MARTINS, 2010; COSTA, 2016; FRANCESCHINI, 2021).

c) Qual a avaliação social e estilística os adolescentes de 13 a 18 anos têm acerca do fenômeno a “expressão de P2”?

Hipótese: No que se refere à forma ‘tu’, esperamos que seja associado à intimidade/proximidade, além de ser produzido em situações de maior informalidade, conforme apontaram não só os estudos realizados no Amazonas (MARTINS, 2010; BABILÔNIA e MARTINS, 2011; MARTINS e MARTINS, 2014) como também estudos que trabalharam com a noção de avaliação linguística (ROCHA, 2015; VITÓRIO, 2019; CAMACHO e SILVA, 2021).

Além disso, acreditamos que os informantes, em sua maioria, apontarão que usam a forma ‘tu’ no seu cotidiano, como em Vitória (2019). Também, esperamos que a forma ‘tu’ seja favorecida em relações simétricas e assimétricas descendentes (ROCHA, 2015).

Sobre o ‘você’, esperamos que seja favorecido em situação de maior formalidade e de menor intimidade/distanciamento (CAMACHO e SILVA, 2021). Ademais, acreditamos que a forma ‘o (a) senhor (a)’ esteja associada ao tipo de relação com os interlocutores mais velhos (ROCHA, 2015).

1.5 Síntese

Neste capítulo, buscamos elucidar a fundamentação teórico-metodológica utilizada neste estudo. Partimos de uma contextualização histórica a respeito da Sociolinguística Variacionista, constituída por autores e trabalhos os quais tiveram sua relevância para os estudos atuais sobre língua e sociedade. Além disso, trouxemos também estudos sobre o fenômeno que investigamos nesta dissertação, não só sobre uso da expressão pronominal de P2, mas também estudos que investiguem atitudes e avaliações sobre o fenômeno mencionado. Por fim, elucidamos nossos objetivos, questões norteadoras e hipóteses. A seguir, no Capítulo 2, descreveremos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

CAPÍTULO 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este capítulo é destinado à descrição dos procedimentos metodológicos que adotamos neste trabalho. Primeiramente, descreveremos o *corpus* juntamente com o perfil dos informantes, em seguida, discutiremos sobre como se deu a coleta de dados. Posteriormente, trataremos do perfil sócio-histórico de Manaus (AM). Por fim, traçaremos quais as variáveis independentes controlamos neste estudo.

2.1 O *corpus* da pesquisa

Para a constituição do *corpus*, adotamos o protocolo de coleta de dados utilizado por Traesel (2016), com algumas adaptações. Seguimos, assim, as seguintes etapas: i) selecionamos

duas escolas particulares e duas escolas públicas em Manaus, no Amazonas, as quais assinaram a autorização da realização da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Anuência (cf. p. 113); ii) escolhemos trabalhar com duas séries distintas, sendo duas turmas do 9.º ano do ensino fundamental anos finais, uma da 3.ª série do ensino médio e outra da 2.ª série do ensino médio, assim controlamos faixas etárias e níveis de escolaridade diferentes; iii) nas primeiras duas coletas de dados, realizadas nas escolas públicas, organizamos a produção de *podcasts* por meio da distribuição de um tema para cada grupo de alunos, o qual foi definido a partir do número total de alunos da turma e, nas duas últimas, propusemos que os alunos gravasse *podcasts* de entrevistas para que o fenômeno fosse mais produtivo; iv) para isso, foi ministrada uma aula sobre o assunto; v) durante a preparação do *podcast*, foram gravadas as interações sociais entre os alunos; v) depois foi gravado o *podcast*; vi) após essa etapa, foram realizadas entrevistas sociolinguísticas com 4 alunos de cada ano, distribuídos de acordo com *sexo/gênero* (2 meninos e 2 meninas). No roteiro elaborado para essa entrevista, há perguntas que proporcionam a obtenção do uso linguístico, assim como há perguntas sobre avaliação linguística (cf. Anexo 5, p. 117). Para a seleção dos alunos os quais foram entrevistados, houve como critério de seleção de que eles deveriam ser *naturais de Manaus*, assim como seus pais. Para isso, foi solicitado o preenchimento de uma ficha social antes da realização da coleta de dados (cf. Anexo 4, p. 116). No total, somando as quatro escolas, foram entrevistados 16 informantes. A seguir, no Quadro 6, ilustramos a estratificação social dos informantes:

Quadro 6: Perfil social dos informantes

Escola	Escola Pública		Escola Particular	
Sexo/gênero	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Faixa etária/Série escolar				
9.º ano do ensino fundamental anos finais (13 a 15 anos)	2	2	2	2
2.ª e 3ª séries do ensino médio (16-18 anos)	2	2	2	2

Fonte: elaborado pela autora.

A seguir, descreveremos com detalhes nosso protocolo da coleta de dados em cada escola selecionada.

2.1.2 Coleta de dados

Inicialmente, pensamos na realização de entrevistas sociolinguísticas com vendedores manauaras. Vale ressaltar que realizamos duas entrevistas para verificar como se daria a realização do fenômeno variável estudado. Entretanto, essa metodologia não se mostrou eficaz, uma vez que os informantes não produziam o fenômeno. Quando produziam, era categoricamente de maneira genérica, como no exemplo extraído de uma entrevista feita: “Ela é uma roupa que quando **tu** veste **tu** veste bem” ou “É uma roupa que **tu** vai usar anos, depende do **teu** cuidado também”. Talvez isso tenha acontecido, porque o informante se refere à segunda pessoa de uma maneira geral, já que não é uma situação de interação real de uso. Portanto, a nossa metodologia de coleta de dados teve que ser alterada.

Como já foi mencionado, a coleta de dados seguiu o protocolo de coleta de dados adotado por Traesel (2016), mas com algumas adaptações. Em Traesel (2016), o autor trabalhou com dois gêneros orais, a saber o debate e a entrevista sociolinguística no bairro Ingleses na cidade de Florianópolis. Além disso, para sua análise, o autor se utilizou dos dados coletados na entrevista. No que é tocante ao meu trabalho, coletamos os dados de duas turmas de adolescentes do 9.º ano do ensino fundamental anos finais, de uma turma da 3.ª série do ensino médio e de uma turma da 2.ª série do ensino médio, totalizando 4 escolas, duas públicas e duas privadas.

Dessa maneira, definidas as escolas e turmas, precisamos de, no máximo, 3 aulas de 50 minutos em cada turma. No que se refere à primeira aula, essa foi importante para eu conhecer os alunos e para me apresentar como professora e pesquisadora. Também, nessa primeira aula, foi aplicada a ficha social (cf. Anexo 4, p. 117) e foram entregues os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (para os maiores de idade) e o Termo de Assentimento (para os menores de idade) (cf. Anexo 3, p.115) para que os alunos lessem e devolvessem na aula seguinte assinados por seus pais e/ou responsáveis. Ainda, orientamos (esta pesquisadora e a professora da sala), através da utilização de *slides*, os alunos a respeito do gênero oral *podcast*, ressaltando suas características como gênero discursivo oral e seus diferentes formatos – entrevista, debate sobre um tema, resenha de um livro ou filme – e dividimos a sala em grupos a depender da quantidade de alunos em uma turma. Depois de dividida a turma, sorteamos sobre os formatos de *podcast* (entrevista, debate sobre um tema, resenha de um livro ou filme) os quais deveriam ser seguidos por cada grupo.

É importante ressaltar que, após as duas primeiras coletas realizadas com uma turma do 9.º ano do ensino fundamental anos finais e com uma turma da 3.ª série do ensino médio de

duas escolas públicas, observamos que a forma melhor de fazê-los produzir o fenômeno variável investigado, além das interações sociais, seria se propuséssemos o formato entrevista. Então, a partir da terceira coleta, foi proposto que todos os grupos de alunos fizessem entrevista. Assim, um grupo deveria selecionar uma pessoa para ser entrevistada, enquanto os demais colegas fariam as entrevistas. Poderíamos, com isso, verificar se haveria diferença entre as formas usadas durante as ‘interações sociais’, as quais explanaremos a seguir, e os *podcasts*.

Na aula seguinte, foram recolhidos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento com as respectivas assinaturas dos alunos e de seus pais e/ou responsáveis. O objetivo dessa segunda aula era fazer com que os alunos se organizassem para a realização da atividade proposta: o *podcast*. Então, solicitei que se organizassem em grupos para definir entrevistadores, entrevistados, caso o formato fosse entrevista, um nome para o *podcast* e um roteiro para se basearem do que iriam tratar. Depois de organizados os grupos, passei de grupo em grupo e deixei o gravador de voz na cadeira disposta ao centro do grupo para registrar pelo menos 15 minutos de interação e disse que essa gravação é para que eu pudesse ver como eles se prepararam para a atividade. Esse momento é um dos mais relevantes para esta pesquisa, pois acreditamos que fosse o momento em que os informantes produziram o vernáculo. Vale lembrar que esta pesquisadora passava de grupo em grupo para também observar qual forma de tratamento os alunos se utilizariam para se referirem a mim. Sobre esse momento da interação ainda, os alunos se demonstraram desconfiados, mas pelas minhas observações, esqueceram, posteriormente, da presença do gravador e já estavam tendo conversas espontâneas.

Por fim, na terceira e última aula, foi realizada a devida produção desse gênero. Assim, os alunos se organizaram em seus grupos e coloquei o gravador para que gravassem os seus *podcasts*.

Além dessa preparação e da gravação dos *podcasts*, realizamos entrevistas sociolinguísticas com 4 estudantes de cada turma (2 meninas e 2 meninos), todas realizadas após a produção dos *podcasts* em lugares silenciosos, como as bibliotecas e salas das instituições anuentes. Para tanto, elaboramos um roteiro de entrevistas, conforme Anexo 3 (cf. p. 114), de maneira que se estimule a realização do vernáculo e da variável dependente estudada. Foram feitas perguntas sobre a vivência dos estudantes na escola e fora da escola. Para Labov (2008), “a única maneira de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual, gravada” (LABOV, 2008 [1972], p. 244). Por isso, optamos pela entrevista também como instrumento de coleta de dados.

Ainda, ao final da entrevista, foram feitas perguntas de avaliação linguística para verificarmos a avaliação que os estudantes têm sobre as formas estudadas ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’. Consoante Labov (2008), “quando indagadas sobre quais dentre várias formas são características de sua própria fala, as respostas das pessoas refletem a forma que elas acreditam gozar de prestígio ou ser a ‘correta’, mais do que a forma que elas realmente empregam” (LABOV, 2008, p. 248). Diante disso, foram feitas perguntas como: “Acha que o manauara tem uma forma de falar diferente da forma de falar de outra cidade?”, “No seu dia a dia, faz distinção entre as formas ‘tu’, ‘você’ ou ‘o (a) senhor (a)’”, entre outras.

Dessa forma, nesta pesquisa, obtivemos três estilos na seguinte escala:



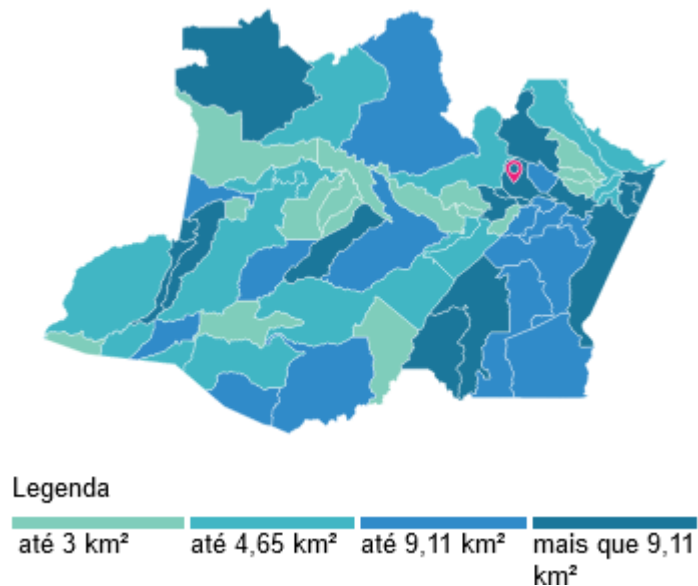
É bom lembrar que, no que se refere à análise dos dados coletados (cf. Capítulo 3), só foi possível observarmos o uso linguístico a partir das interações e *podcasts*, tendo em vista que no gênero *entrevista* não obtivemos dados do fenômeno aqui em foco, "a expressão de P2". As entrevistas realizadas nesta pesquisa serão utilizadas para analisarmos a avaliação linguística, ou seja, serão analisadas de maneira qualitativa, enquanto os dados obtidos nas interações e nos *podcasts* serão analisados de forma quantitativa.

A seguir, observaremos o perfil sócio-histórico da cidade onde ocorreu a investigação, Manaus, no Amazonas.

2.1.3 Perfil Sócio-histórico de Manaus (AM)

A cidade de Manaus é a capital do Estado do Amazonas, localizada na região Norte do Brasil. De acordo com os dados do IBGE (2022), Manaus possui uma área de unidade territorial de cerca de 11.401,092 km². Na Figura 3, a seguir, extraído do IBGE, observamos o município de Manaus:

Figura 3: Mapa da localização de Manaus (AM)



Fonte: Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama>. Acesso em: 30/04/2023.

De acordo com a Prefeitura de Manaus (2014), a cidade de Manaus, antes chamada de cidade da Barra de São José do Rio Negro, foi criada no século XVII para reafirmar o domínio português na região amazônica. Vale destacar que o nome “Manaus” é relacionado a tribo indígena dos Manaós. Além disso, a zona urbana em Manaus teve início com a construção do Forte de São José da Barra do Rio Negro, em 1669. A foto a seguir, na Figura 4, retirada do *site* da prefeitura de Manaus, apresenta um pouco da zona urbana de Manaus:

Figura 4: Zona urbana de Manaus (AM)



Fonte: Disponível em: <https://www.manaus.am.gov.br/turismo/historia/>. Acesso em: 30/04/2023

A história econômica de Manaus, segundo a Prefeitura de Manaus (2014), foi marcada sobretudo pelo Ciclo da Borracha, a partir de 1870. De acordo com Nascimento Figueiredo (2011), com o avanço da industrialização na Europa assim como com o descobrimento do processo de vulcanização da borracha, o que a torna mais maleável para usá-la em nível industrial, a economia da Amazônia girou em torno, principalmente, da produção e comercialização da borracha.

A produção e extração dessa borracha, segundo Nascimento Figueiredo (2011), eram, de certa forma, rudimentares, uma vez que exigia muita mão de obra e muitos processos, como: i) seleção das árvores para o corte transversal de seus caules; ii) coleta do líquido em tigelas e transporte desse ao defumador; iii) no defumador, eram produzidos os fardos de borracha os quais, posteriormente, eram levados até os rios para serem recolhidos pelos patrões. Como podemos observar, era um processo trabalhoso que exigia mão de obra. Sobre essa, consoante Nascimento Figueiredo (2011):

Inicialmente, o componente humano empregado na extração e beneficiamento da borracha era o indígena, pelo domínio que este possuía dos conhecimentos da floresta e do processo produtivo. O caboclo, que já representava expressivo contingente demográfico, também era utilizado nesse trabalho. Mas a resistência dos índios, associada à insuficiência populacional dos “caboclos”, tornou necessária a “importação” de outros braços suplementares para realizar tais tarefas. (NASCIMENTO FIGUEIREDO, 2011, p. 105)

Por conta disso, ocorreu, segundo o autor, a migração de cerca de 350 mil nordestinos para o Amazonas. Como havia um histórico de prolongadas secas além da miséria, os nordestinos migraram em busca de melhores condições de vida. Além disso, foram vítimas de uma propaganda enganosa financiada pelas grandes firmas comerciais de borracha. Prometiam-se melhores condições de vida, trabalho, instrumentos, remédios, roupas. Entretanto, tudo isso era cobrado depois, o que se tornava um ciclo de endividamento o qual devia ser pago através do trabalho. Era o chamado sistema de aviamento, segundo Nascimento Figueiredo (2011). Vieram também portugueses, chineses, americanos, e, em pequena quantidade, ingleses, franceses, belgas, alemães, suíços, argentinos, italianos e judeus. É importante trazermos isso para observarmos como se constituiu a população no Amazonas.

De acordo com Nascimento Figueiredo (2011), Manaus foi a cidade em que mais se investiu com o crescimento da economia da borracha. Foi nessa época que recebeu reformas urbanísticas por meio da construção de prédios, instalação de energia elétrica e de serviços de transportes. Uma das mais representativas construções foi o Teatro Amazonas, inaugurado em 1896. A seguir, na Figura 5, uma foto do Teatro Amazonas:

Figura 5: Teatro Amazonas em Manaus



Fonte: Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/teatro-amazonas-e-eleito-o-201cmonumento-mais-bonito201d-do-brasil>. Acesso em: 20/05/2023.

Além dele, foram construídos também os prédios do Palácio da Justiça, da Biblioteca Pública, do Mercado Adolpho Lisboa, entre outros. De acordo com Nascimento Figueiredo (2011):

Manaus era uma cidade cara. Como quase tudo o que se consumia era importado, os preços eram elevados, acessíveis apenas para os abastados que esbanjavam suas fortunas construindo uma cidade para si mesmos. [...] Em contrapartida, uma massa miserável de trabalhadores nordestinos, índios destribalizados e caboclos pobres morava na periferia da cidade, ocupando terrenos baldios e alagadiços, vivendo em palhoças de taipa e chão batido, de um só cômodo, abrigando numerosas famílias de sete a nove pessoas, a dormirem em redes, amontoados uns sobre os outros (NASCIMENTO FIGUEIREDO, 2011, p. 108-109).

Assim, de um lado, temos uma cidade com grandiosos prédios e muitas modernizações. De outro lado, temos a classe trabalhadora, constituída pelos indígenas, caboclos e nordestinos, a qual vivia em péssimas condições de vida. Isso nos mostra a concentração de renda que ocorria em Manaus.

Sobre a educação nesse contexto histórico, era restrita a uma parcela da população. Com o apogeu da borracha, houve uma necessidade de oferecer educação à parcela menos favorecida, como Nascimento Figueiredo (2011) trata, “não no sentido de dar instrução plena para a integração do indivíduo como ser social participante, mas, sobretudo, para dar utilidade à massa trabalhadora sem habilitação” (NASCIMENTO FIGUEIREDO, 2011, p. 118). Em outras palavras, o intuito era qualificar a massa trabalhadora para mão de obra especializada. Assim, cabia ao Estado a promoção de políticas públicas para o desenvolvimento dessa educação. Surgiram, então, o Instituto Amazonense de Educandos Artífice, o Ginásio Pedro II e o Instituto Benjamin Constant.

Atualmente, de acordo com o último censo do IBGE (2010), estima-se que a população de Manaus tenha cerca de 1.802.014 pessoas. Dessa população, é importante destacar, estima-se, segundo o censo (2010), que 94,2% de crianças de 6 a 14 anos de idade são escolarizadas. Ademais, conforme o IBGE, em 2020, o salário médio mensal era de 3 salários-mínimos. Sobre a economia do município, Manaus acumula um PIB per capita de R\$ 41.345,11. De acordo com o *site* Caravela Dados e estatísticas, Manaus possui, em média, 532,3 mil empregos com carteira assinada, sendo a maior parte dos trabalhadores assistentes administrativos, faxineiros e vendedores de comércio varejista.

Como observamos, Manaus caracteriza-se, historicamente, por concentração de renda. Não só isso, mas também pela constituição de sua população, formada por meio de indígenas, caboclos, africanos, além da imigração de muitos nordestinos, portugueses, chineses e americanos. Sobre a educação, há sim muita escolaridade na faixa de 6 a 14 anos de idade.

Na seção seguinte, descrevemos a variável dependente assim como as variáveis independentes as quais foram controladas neste estudo.

2.2 A variável dependente e as variáveis independentes

Uma variável dependente é denominada dessa forma, uma vez que diz respeito a um fenômeno variável que não acontece aleatoriamente, isto é, este fenômeno é influenciado por grupos de fatores, de acordo com Mollica (2015). Neste estudo, buscamos investigar a variável dependente “Expressão pronominal de P2” que se realiza, no PB, através das suas variantes ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’.

Em relação às variáveis independentes, segundo Mollica (2015), são essas que influenciam na realização de uma ou de outra variante na disputa pela expressão da variável dependente. Neste trabalho, para escolher os grupos de fatores, usamos como base teórica os trabalhos resenhados na seção 1.3. Por isso, controlamos os seguintes grupos de fatores linguísticos: *referenciação* (direta, indireta ou indeterminada), *paralelismo linguístico* (sujeito e possessivo, sujeito e complementos, entre pronomes em uma série), *concordância verbal com o tu* (marcada, não marcada), *preenchimento do sujeito* (preenchido, não preenchido) e *tipo de frase* (exclamativa, declarativa, imperativa, interrogativa e optativa).

No que se refere à variável independente *referenciação*, pretendemos investigar qual tipo de referenciação (direta, indireta ou indeterminada) influencia mais na realização das formas ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’ preenchidas ou não preenchidas. A seguir, no Quadro 7, ilustramos exemplos para cada um dos fatores:

Quadro 7: Fatores da variável independente *Referenciação*

Fatores	Exemplos
Direta	O que você espera desse novo capítulo de sua vida quando terminar o ensino médio? (VA2CRED//S/FQ) ³¹ Nossa tu é muito chata (TA2CRED///NLX) ³²
Indireta	aí a gente vai perguntar quando você decidiu que queria ser nadadora (VA9CREI/N//LJ) ³³
Indeterminada	Grande parte dos conteúdos a gente não usa pra vida... Eu discordo um pouco disso, eu acho que você precisa ter conhecimentos gerais, porque no geral uma sociedade como intelecto mais avançado sobre vários quesitos é muito bom (VO2CREM////FJ) ³⁴ Cara assim é um momento muito pra você interagir com os teus amigos porque é algo muito complexo leva muito tempo, leva muito esforço também, especialmente o meu, porque eu comando o RPG, eu sou DM, então eu faço muito estudo antes de levar as coisas para eles. Mas também é muito gratificante ver todo o trabalho que tu tá fazendo depois de transformar em algo que é criativo e que os outros podem também aproveitar de uma forma diferente, especialmente ver as infinitas maneiras que os meus companheiros conseguem acabar com o meu jogo (VO2CREM//N/FJ) ³⁵

Sobre o *paralelismo linguístico*, esse abrange três fatores: entre sujeito e possessivo, entre sujeito e complementos e entre pronomes em uma série. Vejamos exemplos no Quadro 8 que segue:

Quadro 8: Fatores da variável independente *Paralelismo Linguístico*

Fatores	Exemplos
Sujeito e possessivo	Então o que tu faz no teu tempo livre? (TA9CRED/SSNLQ) ³⁶ Tem uma agenda bem lotada... O que você faz no seu tempo livre? (VA9CRED/SS/LQ) ³⁷
Pronomes em uma série	É tipo assim tu é atleta né tu faz natação tu::: é... Joga vôlei tu é atleta beleza tu tem muita ocupação porque além de tu fazer a natação tu fazer vôlei tu tem que estudar tu tem o teu inglês... tu faz inglês... Então o que tu faz no teu tempo livre? (TA9CRED/S/NLJ) ³⁸ Roupa escura... Mas você é moreno, você botar roupa preta, você some

31 Código que representa a fala de uma menina da 2.^a série do Ensino Médio de escola particular.

32 Código que representa a fala de uma menina da 2.^a série do Ensino Médio de escola particular.

33 Código que representa a fala de uma menina da 2.^a série do Ensino Médio de escola particular.

34 Código que representa a fala de um menino da 2.^a série do Ensino Médio de escola particular.

35 Código que representa a fala de uma menina da 2.^a série do Ensino Médio de escola particular.

36 Código que representa a fala de uma menina do 9.^o ano do EF II de escola particular.

37 Código que representa a fala de uma menina do 9.^o ano do EF II de escola particular.

38 Código que representa a fala de uma menina do 9.^o ano do EF II de escola particular.

	(VO9CUEDS//LJ) ³⁹
Sujeito e complementos	Conte um pouco sobre você, quais são seus planos para o futuro (VO2CRNDSS/LH) ⁴⁰

Em relação à *concordância verbal com o tu*, buscamos compreender como essa condiciona a produtividade especificamente da variante ‘tu’, já que a variação linguística da concordância verbal não é comum com as formas ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’. Sobre essa variável, abrange dois fatores: com marca morfológica de concordância e sem marca morfológica de concordância. Observemos exemplos no Quadro 9, a seguir:

Quadro 9: Fatores da variável independente *Concordância Verbal com o ‘tu’*

Fatores	Exemplos
Com marca morfológica de concordância	Me pergunta algo que ninguém perguntaria, mano... (TO2CRND///SLH) ⁴¹
Sem marca morfológica de concordância	Sei lá o que tu acha da mesa da escola? (TO2CRED///NLQ) ⁴² Acho que tu gosta de sede. (TO9CUED///NLJ) ⁴³

No que diz respeito à variável *tipo de gênero oral*, essa abrange três fatores os quais foram as formas como coletamos os dados: interações sociais, *podcast* e entrevista sociolinguística. O primeiro provavelmente, de certa forma, terá mais informalidade, já que a discussão não terá mediação por parte da professora tampouco por parte desta pesquisadora. Sobre a gravação dos *podcasts*, apesar de um gênero informal, por ser uma apresentação para a turma, talvez haja um pouco mais formalidade em relação ao fator anterior. Por fim, quanto à entrevista, buscamos observar a avaliação linguística dos informantes a respeito das formas investigadas. Ressaltamos que os dados coletados durante a entrevista não serão submetidos a título de análise quantitativa, mas sim qualitativa.

No que concerne à variável *preenchimento do sujeito*, essa foi controlada por meio de dois fatores: preenchida e não preenchida. Isso porque nos importa observar quais desses fatores mais influencia na realização das variantes investigadas, conforme Quadro 10, a seguir.

39 Código que representa a fala de um menino do 9.º ano do EF II de escola pública.

40 Código que representa a fala de um menino da 2.ª série do Ensino Médio de escola particular.

41 Código que representa a fala de um menino da 2.ª série do Ensino Médio de escola particular.

42 Código que representa a fala de um menino da 2.ª série do Ensino Médio de escola particular.

43 Código que representa a fala de um menino do 9.º ano do EF II de escola pública.

Quadro 10: Fatores da variável independente *Preenchimento do Sujeito*

Fatores	Exemplos
Preenchido	Tu não sabe nem falar (TA9CRED///NJ) ⁴⁴ Você faz alguma coisa da vida? (VA9CREI///LQ) ⁴⁵ A senhora vai cortar né e vai sair todo bonitinho né não? (SO9BED///LQ) ⁴⁶
Não preenchido	Ai tu vai ser rica é? Vai ganhar 60 mil por mês (TO9CRED/N/NLQ) ⁴⁷

Sobre a variável *tipo de frase* (exclamativa, declarativa, imperativa, interrogativa e optativa), escolhemos controlá-la por ter sido selecionada por Costa (2016). Esperamos que o fator ‘interrogativa’ seja relevante, já que, como a proposta metodológica é de que os informantes produzam *podcasts* com algumas entrevistas, as perguntas se farão presentes. No Quadro 11, que segue, ilustramos exemplos dos fatores dessa variável:

Quadro 11: Fatores da variável independente *Tipo de Frase*

Fatores	Exemplos
Exclamativa	Ah não tu fez essa piada (TO2CRED///NFX) ⁴⁸
Declarativa	Não é personagem, você sabe quem é... (VO9CUED///LJ) ⁴⁹
Imperativa	Fala... Fala tu. (TO9CUND/S/SLH) ⁵⁰
Interrogativa	Você tem alguma perspectiva para o futuro, F.? (VO2CRED///FQ) ⁵¹
Optativa	Outra pergunta que mandaram no superchats se fosse no mundo fantasioso, você seria um pirata, um cowboy ou um samurai? (VO2CRED///FY) ⁵²

Por fim, no que tange aos grupos de fatores extralinguísticos, foram controlados os seguintes: *faixa etária/série escolar* (13 a 15/9.º ano do ensino fundamental anos finais, 16 a 18/2.ª e 3.ª séries do ensino médio), *sexo/gênero* (menino, menina) e *tipos de relação* (simétrica

44 Código que representa a fala de uma menina do 9.º ano do EF II de escola particular.

45 Código que representa a fala de uma menina do 9.º ano do EF II de escola particular.

46 Código que representa a fala de um menino do 9.º ano do EF II de escola particular.

47 Código que representa a fala de um menino do 9.º ano do EF II de escola particular.

48 Código que representa a fala de um menino da 2.ª série do Ensino Médio de escola particular.

49 Código que representa a fala de um menino do 9.º ano do EF II de escola pública.

50 Código que representa a fala de um menino do 9.º ano do EF II de escola pública.

51 Código que representa a fala de um menino da 2.ª série do Ensino Médio de escola particular.

52 Código que representa a fala de um menino da 2.ª série do Ensino Médio de escola particular.

e assimétrica) e *escola* (particular, pública), conforme discutido nas hipóteses (cf. Seção 1.3.3, p. 72).

2.3 Síntese

Neste capítulo, pudemos descrever os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, abrangendo como foi feita a constituição do *corpus*, o perfil dos informantes, o perfil sócio-histórico da cidade investigada, como ocorreu a coleta de dados assim como quais foram os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos controlados. No próximo capítulo, discutimos os resultados encontrados nesta investigação.

CAPÍTULO 3: RESULTADOS

Neste capítulo, ilustraremos os resultados referentes à realização da “expressão pronominal de P2” na fala manauara (AM). Os dados coletados foram transcritos, codificados e submetidos ao programa de análise estatística GoldVarbX.

3.1 O uso linguístico de P2 no Amazonas (interações e *podcasts*)

No total, foram transcritas 330 realizações da “expressão pronominal de P2”. Os resultados mostraram que a variante mais frequente entre os estudantes manauaras foi o ‘tu’, com 63,3% (209 dados), seguido do ‘você’, com 36,4% (120 dados) e, por fim, da forma ‘o (a) senhor (a)’, com 0,3% (1 dado). A seguir, ilustramos por meio do Gráfico 1 a distribuição das variantes do fenômeno investigado:

Gráfico 1 – Distribuição da frequência das variantes da “expressão pronominal de P2” em Manaus, no Amazonas



Fonte: elaborado pela autora.

Como podemos observar no Gráfico 1, foram realizadas três variantes para a expressão de P2 na fala manauara. São elas ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’, o que confirma nossa hipótese, a de que esperávamos que fossem realizadas as três formas que poderiam aparecer preenchidas ou não (‘tu’, ‘você’ e suas variações ‘cê’ e ‘ocê’) e ‘o (a) senhor (a)’), que se baseou nos resultados de outros trabalhos sobre o fenômeno no Amazonas (MARTINS, 2010; BABILÔNIA e MARTINS, 2011; MARTINS e MARTINS, 2014). Além disso, é importante observar que apesar de ser maior a realização do ‘tu’ (63,3%), a forma ‘você’ também foi bastante produtiva (36,4%). Talvez o uso elevado de ‘você’ se explique em função do gênero oral utilizado para a coleta de dados desta dissertação. Por exemplo, foi mais perceptível a produção dessa variante no gênero *podcast*, conforme veremos na seção 3.2.

Nesta pesquisa, controlamos os seguintes grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos: *referenciação* (direta, indireta ou indeterminada), *paralelismo linguístico* (sujeito e possessivo, sujeito e complementos, entre pronomes em uma série), *concordância verbal com o ‘tu’* (marcada, não marcada), *tipo de gênero oral* (interação espontânea e *podcast*), *tipo de frase* (exclamativa, declarativa, imperativa, interrogativa e optativa), *preenchimento do sujeito* (preenchido, não preenchido), *faixa etária/série escolar* (13 a 15/9.º ano do ensino fundamental anos finais; 16-18/2.ª e 3.ª séries do ensino médio), *sexo/gênero* (menino, menina), *tipos de relações* (simétricas, assimétricas ascendentes e assimétricas descendentes) e *escola* (pública, particular).

No entanto, ao submetermos os dados na rodada estatística, ocorreram sobreposições⁵³ e *knockouts*, por isso foi necessário eliminar grupo de fatores, eliminar fatores e realizar almálgamas⁵⁴ de fatores de um grupo. Foram excluídos, dessa forma, os grupos de fatores *tipo de frase*, esse por se sobrepor à variável *tipo de gênero oral*, além das variáveis *paralelismo* e *concordância verbal com o ‘tu’*, em vista de *knockouts*. Para além disso, houve amálgama dos fatores assimétrica ascendente e assimétrica descendente em somente um grupo: *relação assimétrica*. Isso em vista do *knockout*⁵⁵ na variável, já que o fator assimétrica ascendente apareceu em somente um caso associado à forma ‘o (a) senhor (a)’.

De antemão, destacamos que o número reduzido de realizações da forma ‘o (a) senhor (a)’ não, necessariamente, nos demonstra uma redução do uso da variante, mas sim que a forma

53 Sobreposição: quando uma variável independente influencia nos resultados de outra variável independente.

54 Amálgama: quando há a junção de fatores que se assemelham.

55 *Knockout*: isso acontece, na análise estatística, quando não há variação, encontrando-se 0 % ou 100% de uma determinada variante.

como os dados foram coletados proporcionou mais a interação em relações simétricas (entre os alunos), o que nos encaminha, ao menos, para olhar a variante ‘o (a) senhor (a)’ como provavelmente favorecida em relações assimétricas ascendentes (inferior para superior). Por isso, é bom lembrar que, depois da rodada de resultados gerais, a variante referida não entrou na rodada estatística. Dito isso, o dado realizado sobre a variante referida nesta pesquisa foi produzido por um menino do 9.º ano do Ensino Fundamental Anos Finais de escola particular. O informante disse: “Mano vamo fazer o seguinte... Acho que ela vai editar né... Então a gente corta tudo e vai pegando as pergunta do zero... **A senhora** vai cortar né e vai sair todo bonitinho né não?”. Nesse momento, o aluno se refere à esta pesquisadora e se utiliza da forma ‘o (a) senhor (a)’, o que pode indicar respeito.

Diante disso, feitas as exclusões das variáveis e fatores mencionados, além de amálgamas, o programa de análise estatística GoldVarbX selecionou as seguintes variáveis como relevantes para a aplicação da regra⁵⁶, a variante ‘tu’, por ordem de seleção: *tipo de gênero oral* e *faixa etária/série escolar*. Verificamos, a princípio, que só foram selecionadas como favoráveis à aplicação da regra os grupos de fatores extralinguísticos. Portanto, não foram selecionadas as variáveis: *escola*, *sexo/gênero*, *referenciação*, *preenchimento do sujeito* e *tipo de relações*.

A seguir, apresentamos, em duas subseções, a análise descritiva e interpretativa das variáveis independentes selecionadas e das que não foram selecionadas.

3.2 As variáveis selecionadas

Nesta seção, tratamos das variáveis independentes que foram selecionadas pelo programa de análise estatística GoldVarbX como relevantes para a produtividade da aplicação da regra – forma ‘tu’.

3.2.1 A variável *tipo de gênero oral*

A variável extralinguística *tipo de gênero oral* foi a primeira selecionada na escala das variáveis que mais favoreceram a aplicação da regra. Na Tabela 1, a seguir, verificamos a frequência da aplicação da regra, variante ‘tu’, quanto à variável *tipo de gênero oral*.

56 Na análise de dados, considerou-se como aplicação da regra a variante ‘tu’. Vale dizer que o programa estatístico utilizado para esta pesquisa somente realiza a análise multivariada a partir de duas variantes (é binário). Ainda, para a leitura da análise estatística dos dados, o peso relativo das variáveis independentes acima de 0,5 significa favorecimento da aplicação da regra e abaixo de 0,5, desfavorecimento da regra.

Tabela 1- Frequência e probabilidade da variante ‘tu’, segundo a variável *tipo de gênero oral*

Fatores	Exemplo	Aplicação/ Total	%	P.R
Interação	Tu não é nem do meu grupo (TA3CUED///NLX) ⁵⁷	131/ 167	78,4	0,64
Podcast	O que tu acha da gravidez na adolescência? (TO3CUED///NFQ) ⁵⁸	78/ 162	48,1	0,35

Significância: 0,000

Input: 0,654

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 1, podemos observar que o fator ‘interação’ favoreceu mais a realização do ‘tu’, com 0,64 de peso relativo e que, por sua vez, o fator ‘podcast’ desfavoreceu a realização da aplicação da regra, com 0,35 de peso relativo, o que confirma nossa hipótese de uma predileção pelo uso do ‘tu’ em situações de interações sociais, nas quais houve um menor monitoramento, e uma predileção pelo ‘você’, durante a gravação dos ‘podcasts’, os quais suscitaram um maior monitoramento.

De certa forma, isso nos demonstra uma variante ‘tu’ ainda ligada a um menor grau de monitoramento, uma vez que se pensarmos nos dois gêneros orais, constatamos que a ‘interação espontânea’ não exigia mediação da professora tampouco da pesquisadora. Era uma preparação dos alunos para o momento mais monitorado, a produção concreta do ‘podcast’. Logo, o que pude observar, durante os dias de coleta, enquanto pesquisadora, foi um certo receio de imediato dos alunos, na gravação dessas interações, por conta da presença do gravador nos primeiros minutos de gravação, mas, à medida que conversavam, “esqueciam” da presença desse.

No que tange aos resultados do desfavorecimento do ‘tu’ quanto ao gênero oral ‘podcast’, é bom lembrar que o referido gênero é como se fosse um produto final de estudo e de avaliação. Por isso, talvez os estudantes tenham associado mais a forma ‘você’ a esse gênero oral por representar certo nível de formalidade. Os alunos estavam preocupados na qualidade do *podcast* produzido por eles, o que exigiu certa formalidade.

Para ilustrarmos, apresentamos alguns exemplos de alunos de todos os segmentos investigados produzindo a forma ‘você’, durante os *podcasts*:

(1) “Tá, **você** é nadadora, mas quando que **você** decidiu ser nadadora?” (trecho da fala de uma Menina, 9.º ano, escola particular);

57 Código indicado para se referir a uma menina da 3.ª série do Ensino Médio de uma escola pública.

58 Código indicado para se referir a um menino da 3.ª série do Ensino Médio de uma escola pública.

(2) “O que **você** tem contra Satã?” (trecho da fala de um Menino, 9.º ano, escola pública);

(3) “E já que **você** já tá terminando quase o terceiro ano pretende fazer alguma faculdade?”; (trecho da fala de um Menino, 3.ª série do Ensino Médio, escola pública);

(4) “Cara **você** é uma pessoa que aparenta gostar muito de falar, uma pessoa que aparenta gostar de fazer mudanças então e se **você** pudesse fazer uma mudança nas estruturas de ensino atual?” (trecho da fala de uma Menino, 2.ª série do Ensino Médio, escola particular).

Em comparação com os trabalhos realizados no Amazonas de Martins (2010), Babilônia e Martins (2011) e Martins e Martins (2014), nossos resultados se encontram, uma vez que a forma ‘você’, nos referidos trabalhos, foi a mais utilizada em situações formais, como em entrevistas, em detrimento do ‘tu’, em situações de diálogo e gravação sem o conhecimento prévio do informante. Vale lembrar dos resultados de Babilônia e Martins (2011) os quais indicaram uma relação entre o ‘tu’ e mais envolvimento menos monitoramento e mais expressividade, em situações de diálogo entre informantes (70,5%), enquanto o ‘você’, um maior distanciamento social, em situações de entrevistas (94%) e elocuções formais (90,5%).

Dessa forma, a variável *tipo de gênero oral* também se mostra relevante nos trabalhos mencionados, mas fora intitulada de outras formas, em Martins (2010) como *tipo de gravação*, em Babilônia e Martins (2011) como *situações discursivas* e, em Martins e Martins (2014), como *situações de enunciação*. Isso nos aponta para o que Labov (2008 [1972]) tratava sobre níveis de atenção à fala, já que a forma de gravar os dados interfere em um *continuum* de maior atenção (formalidade) e menor atenção (informalidade) dos estudantes.

Semelhante ao grupo de fatores *tipo de gênero oral* neste trabalho, podemos relembrar da variável *monitoramento da fala*, de Modesto (2007), em São Paulo, na região Sudeste. Essa variável foi apontada como a mais relevante do trabalho referido e demonstrou que o ‘tu’ é mais favorecido em situações de menos monitoramento nas chamadas ‘gravações secretas’, com peso relativo de 0,61 e que a variante ‘você’ é mais produtiva em situações de maior monitoramento, com peso relativo de 0,62, chamadas ‘gravações não secretas’.

Além disso, podemos rememorar que, em Loregian-Penkal (2004), mesmo com muitas rodadas estatísticas, as variáveis independentes extralinguísticas sempre foram selecionadas como relevantes, assim como aconteceu neste trabalho, o que nos mostra a potência das forças externas quanto à produtividade para a expressão de um fenômeno variável.

Por fim, com o intuito de mostrar a relação entre as variáveis *tipo de gênero oral* e *escola*, efetuamos a correlação entre esses grupos, conforme a Tabela 2, a seguir:

Tabela 2- Frequência da variante ‘tu’, segundo as variáveis *tipo de gênero oral e escola*

Tipo de gênero oral/ Escola	Escola Pública	Escola Particular
Interação	82%	33%
	127/155	4/12
<i>Podcast</i>	51%	44%
	46/90	32/72

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com a Tabela 2, o uso de ‘tu’ é mais frequente na escola pública, especialmente, em momentos de interação (82%), ao passo que essa forma é menos produtiva em escolas particulares, tanto em momentos de ‘interação’ (33%) quanto na gravação dos ‘podcasts’ (44%). Por um lado, podemos pensar em um caminho de prestígio associado à forma ‘você’, por ser produtiva em escolas particulares, no entanto a noção de prestígio é muito ampla para se afirmar isso, envolvendo muito mais que uma matrícula em escola particular.

Dessa maneira, para além do prestígio, podemos pensar no gênero oral ‘interação’ como um ambiente propício para a produtividade do vernáculo dos informantes. Ainda que haja a presença do gravador, como foi mencionado, os estudantes interagiam entre iguais. Por isso, podemos associar a variante ‘tu’ a uma possível forma vernacular, uma vez que é produtiva em relações simétricas e em situações de ‘interação’.

A seguir, abordamos a produtividade e peso relativo do ‘tu’ quanto à segunda variável extralinguística selecionada como relevante pelo programa de análise estatístico, *série escolar/faixa etária*.

3.2.2 A variável *faixa etária/série escolar*

Na Tabela 3, a seguir, verificamos a frequência da aplicação da regra, variante ‘tu’, quanto à variável *faixa etária/série escolar*.

Tabela 3- Frequência e probabilidade da variante ‘tu’, segundo a variável *faixa etária/série escolar*

	Fatores	Exemplo	Aplicação/ Total	%	P.R
Menos escolarizado (13 a 15 anos)	9º ano do EF II	Porque tu não falou que tu gosta de ler livros da seleção... Pois é vou puxar (TA9CRED/S/NLJ) ⁵⁹	102/135	75,6%	0,63
	3ª série do EM	Obviamente que eu vou te perguntar como é que tu tá	93/141	66%	0,49

59 Código indicado para se referir a uma menina do 9.º ano do Ensino Fundamental Anos Finais de uma escola particular.

		(TO3CUEDS//NLJ) ⁶⁰			
Mais escolarizado (16 a 18 anos)	2ª série do EM	Pô imagina tu acorda de manhã não sabendo de nada... Novo dia, né? Daí depois tu volta e descobre que a parte de baixo do iceberg é 3 vezes maior que a de cima pô melhorou teu dia (TO2CRED/S/NFJ) ⁶¹	14/52	26,9%	0,20

Significância: 0,000

Input: 0,654

Fonte: elaborado pela autora.

Como podemos observar na Tabela 3, os estudantes do 9.º ano do Ensino Fundamental (anos finais), com menor nível de escolarização e mais jovens, foram os que mais produziram a forma ‘tu’, com 0,63 de peso relativo, enquanto os alunos do Ensino Médio, com maior nível de escolarização e mais velhos, desfavoreceram a aplicação da regra: a 3.ª série do Ensino Médio, com 0,49 de peso relativo, e a 2.ª série do Ensino Médio, com 0,20 de peso relativo.

Dessa maneira, é válido observar que, de certa forma, à medida que a escolaridade aumenta, o uso do ‘tu’ diminui. É bom lembrar que, durante a coleta de dados, foi percebido uma maior preparação para atividade (interação) por parte dos alunos do nível Fundamental II, considerado mais jovens neste trabalho. Isso é importante, visto que vimos a relevância do *tipo de gênero oral* e talvez como os alunos mais novos/ menos escolarizados se preocuparam mais em como se saíam nos *podcasts*, a produtividade do ‘tu’ tenha sido maior entre os menos escolarizados, porque a preparação durante a interação foi mais efetiva. Enquanto os mais escolarizados se prepararam em pouco tempo e se dispersaram mais.

No que tange aos resultados dos trabalhos realizados no Amazonas os quais somente em um, o de Martins (2010), a variável *faixa etária* foi selecionada como relevante pelo programa de análise estatística Varbrul, este trabalho demonstra o oposto. Por outro lado, assim como em Martins (2010), se pensarmos em mais jovens – como 9.º ano do EF II (13-15) neste trabalho - e mais velhos – como 2.ª e 3.ª séries do Ensino Médio (16-18) neste trabalho-, os mais jovens, realmente, produzem mais o ‘tu’.

Quanto às nossas hipóteses traçadas, atestamos e confirmamos que quanto mais elevada a série escolar/faixa etária, menor é a produtividade do ‘tu’, conforme apontaram Modesto (2007) e Franceschini (2021). Quanto a Modesto (2007), os resultados demonstraram que informantes menos escolarizados produziram mais o ‘tu’, com 0,60 de peso relativo, em relação

60 Código indicado para se referir a um menino da 3.ª série do Ensino Médio de uma escola pública.

61 Código indicado para se referir a um menino da 2.ª série do Ensino Médio de uma escola particular.

aos mais escolarizados, com 0,40. Além disso, Franceschini (2021) atestou a produtividade do ‘você’ no nível médio/mais velhos, com peso relativo de 0,58. Enquanto, a variante ‘tu’ foi favorecida pelos níveis fundamental II e fundamental I, com peso relativo de 0,68 e 0,57, respectivamente. Isso nos faz refletir sobre determinado prestígio associado a forma ‘você’. A autora, nesse trabalho, já abordava prestígio relacionado aos seus resultados: “Esse resultado parece indicar certo prestígio associado ao uso do pronome você, ou seja, parece indicar que o você é mais valorizado socialmente, pois é o pronome que predomina entre os falantes com nível mais elevado de escolarização” (FRANCESCHINI, 2021, p. 17).

Com o propósito de visualizarmos a relação entre a variável referida e o grupo de fatores *escola*, correlacionamos, pelo programa de análise estatística, essas duas variáveis. A seguir, na Tabela 4, observamos essa correlação:

Tabela 4- Frequência da variante ‘tu’, segundo as variáveis *série escolar/faixa etária e escola*

	Tipo de gênero oral/ Escola	Escola Pública	Escola Particular
Menos escolarizados	9º ano do EF II	77%	71%
		80/104	22/31
Mais escolarizados	3ª série do EM	66%	0%
		93/141	0/0
	2ª série do EM	0%	27%
		0/0	14/52

Fonte: elaborado pela autora.

Primeiramente, é bom lembrar que aparecem os percentuais 0% na 2.ª série do Ensino Médio/Escola Pública e na 3.ª série do Ensino Médio/Escola Particular, visto que não foram coletados dados nessas células sociais. A proposta era que os dados fossem coletados com 9.º ano do EF II em escolas públicas e particulares e com a 3.ª série do Ensino Médio em escolas públicas e particulares, mas não obtivemos sucesso quanto à coleta na 3.ª série do Ensino Médio em particulares e, por isso, ficou a 2.ª série do Ensino Médio.

Dito isso, observamos que, na Tabela 4, independentemente do tipo de escola, os estudantes do 9.º ano do EF II/mais jovens ainda são os que mais favoreceram a produtividade do ‘tu’, com 77% em escola pública e 71% em escola particular em comparação com os alunos do Ensino Médio, com 66% em escola pública, e com 27% na escola particular.

Outrossim, para atestarmos o que tratamos sobre uma maior preparação, no sentido de falarem mais sobre o trabalho durante o momento de interação, para a atividade pelos menos escolarizados, fizemos uma correlação entre as variáveis *faixa etária/série escolar* e

referenciação. Isso porque o fator ‘indireta’, que é quando o informante se utiliza das formas dentro de um contexto de fala indireto – como nos exemplos “Aí **tu** vai começar a perguntar tipo **tu** vai começar a perguntar pra A.: o que que **tu** acha ruim do celular na escola? (TA9CUED///NLJ)⁶²” e “Aí vou perguntar por meio dessa tua resposta aí vou perguntar então “ah então **você** gosta de esporte?” (VA9CREI//N/LQ⁶³)” - apareceu mais durante as preparações/interações dos alunos do 9.º ano do EF II. A seguir, observamos a correlação entre as variáveis mencionadas, na Tabela 5.

Tabela 5- Frequência da variante ‘tu’, segundo as variáveis *série escolar/faixa etária e escola*

	Faixa etária/ série escolar	Direta	Indireta	Indeterminada
Menos escolarizados	9º ano do EF II	76%	67%	0%
		98/129	4/6	0/0
Mais escolarizados	3ª série do EM	67%	0%	52%
	2ª série do EM	86/128	0/0	7/13
		27%	0%	33%
		13/49	0/0	1/3

Fonte: elaborado pela autora.

Observamos, de acordo com a Tabela 5, que os estudantes do 9.º ano do EF II foram os que mais utilizaram o ‘tu’ em referências do tipo ‘direta’ e ‘indireta’, com 76% e 67%, respectivamente. Além disso, notamos uma menor produtividade do ‘tu’ na 2.ª série do EM nos três tipos de referência. Observaremos com mais detalhes a análise da *referenciação* no tópico 3.1.1.2.

A seguir, tratamos das variáveis que não foram selecionadas, pois é preciso que verifiquemos a atuação dessas na variação entre “tu” e “você”, visto que foram escolhidas baseadas nos trabalhos resenhados que atestaram sua significância. A saber: *preenchimento do sujeito, referenciação, concordância verbal com o tu, tipo de frase, sexo/gênero e tipo de relações*.

3.3 As variáveis linguísticas não selecionadas

62 Código que representa a fala de uma menina do 9.º ano do EF II de uma escola pública.

63 Código que representa a fala de uma menina do 9.º ano do EF II de uma escola particular.

Nesta seção, tratamos das variáveis linguísticas que não foram selecionadas pelo programa de análise estatística GoldVarbX. Para tanto, mostramos o percentual dos fatores, de acordo com a primeira rodada estatística, sem as exclusões mencionadas anteriormente.

3.3.1 A variável *preenchimento do sujeito*

Controlada pelos trabalhos de Loregian-Penkal (2004) e de Traesel (2016), resenhados nesta dissertação, a variável *preenchimento do sujeito* não se mostrou relevante para a realização da aplicação da regra, a variante ‘tu’. Ainda assim, observaremos o percentual dos seus fatores quando à realização do ‘tu’, a seguir, na Tabela 6:

Tabela 6- Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável *preenchimento do sujeito*

Fatores	Exemplo	Aplicação/ Total	%
Preenchido	Quem vai ser o entrevistado? É tu mesmo? (TO2CRED///NLQ) ⁶⁴	135/ 222	60,8%
Não preenchido	Bota mais só por precaução (TA2CRND///SLH) ⁶⁵	74/ 108	68,5%

Fonte: elaborado pela autora.

Como podemos observar na Tabela 6, o uso de ‘tu’ é mais frequente com o sujeito nulo (68,5%) e menos com sujeito expreso (60,8%). É bom lembrar que o fator ‘não preenchido’ aparece, principalmente, associado ao tipo de frase imperativa, como podemos ilustrar em: Me **dá** um caderno aí (TA9CUND///SLH)⁶⁶; Não **pega** do meu caderno que tá sem folha já (TA9CRND///SFH)⁶⁷; **Apresenta** o nome do grupo e quem é quem (TA9CRND///SFH)⁶⁸.

Nos trabalhos de Loregian-Penkal (2004) e de Traesel (2016), o ‘tu’ também foi mais produzido associado a sujeito nulo, assim como ocorreu neste trabalho. Já esperávamos esses resultados, o que confirma nossa hipótese. Então, podemos refletir sobre um ‘tu’ não preenchido associado ao modo imperativo, principalmente, conforme veremos no próximo tópico.

3.3.2 A variável *tipo de frase*

64 Código indicado para se referir a um menino da 2.^a série do Ensino Médio de escola particular.

65 Código indicado para se referir a uma menina da 2.^a série do Ensino Médio de escola particular.

66 Código que representa a fala de uma menina do 9.^o ano EF II de escola pública.

67 Código que representa a fala de uma menina do 9.^o ano EF II de escola particular.

68 Código que representa a fala de uma menina do 9.^o ano EF II de escola particular.

A variável linguística *tipo de frase* também não selecionada pelo programa de análise estatística como relevante já foi controlada por Costa (2016) e Silva e Gonçalves (2018). No primeiro, os fatores ‘exclamativa’ e ‘declarativa’ favoreceram a produtividade do ‘tu’ e, no segundo, o grupo não foi selecionado como relevante. A seguir, apresentamos a Tabela 7, a qual demonstra a frequência de ‘tu’, segundo a variável referida:

Tabela 7- Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável *tipo de frase*

Fatores	Exemplo	Aplicação/ Total	%
Exclamativa	Ah não tu fez essa piada (TO2CRED///NFX) ⁶⁹	14/14	100%
Interrogativa	O que que tu faz da vida? (TA9CRED///NFQ)	54/141	38,3%
Imperativa	Fala... Fala tu . (TO9CUND/S/SLH) ⁷⁰	77/82	93,9%
Declarativa	Tu tá é grande né (TO2CRED/S/NFJ)	60/88	68,2%
Optativa	Tipo tu evoluiu ou tipo tu acha que evoluiu um pouco? (TA9CRED/S/NLY)	4/5	80%

Fonte: elaborado pela autora.

Como podemos observar na Tabela 7, o único fator em que não foi frequente a escolha pelo ‘tu’ foi o fator ‘interrogativa’, com 38,3%. Talvez isso esteja associado a outra variável *gênero oral*, uma vez que, como se tratava de um *podcast*, havia mais frases interrogativas e, por ser esse gênero oral, a forma ‘você’ seria mais favorecida em detrimento da forma ‘tu’. Os resultados também confirmam Costa (2016), já que este trabalho aponta para um favorecimento da produtividade do ‘tu’ em sentenças exclamativas (100%) e declarativas (68,2%). É válido destacar também o percentual do ‘tu’ em sentenças imperativas, que alcançou número expressivo de 93,9%. Como abordamos na seção anterior, observamos um ‘tu’ não preenchido que se realiza, principalmente, em frases imperativas, como o resultado demonstrou.

A seguir, tratamos da variável *paralelismo*.

03.3.3 A variável linguística *paralelismo linguístico*

Apesar de controlada e selecionada como relevante pelos trabalhos de Andrade (2010), Martins (2010), Rocha (2015) e Traesel (2016), a variável linguística *paralelismo linguístico*

69 Código que representa a fala de um menino da 2.^a série do Ensino Médio de escola particular.

70 Código que representa a fala de um menino do 9.^o ano do EF II de escola pública.

não foi selecionada como relevante nesta investigação. A seguir, apresentamos a produtividade do ‘tu’ em relação a esse grupo de fatores, nas Tabelas 8, 9 e 10:

Tabela 8- Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável *paralelismo entre sujeito e complementos*

Fatores	Exemplo	Aplicação/ Total	%
Sim	Que que tu acha que poderia te impedir disso? (TO3CUEDS//NFQ)	4/9	44,4%
Não	-----	0/1	0%

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 8, podemos observar que há paralelismo linguístico entre a forma ‘tu’ sujeito e seu complemento (44,4%). É válido lembrar que foram poucos os casos em que ocorreu, somente 9 realizações. A seguir, na Tabela 9, observamos a frequência da forma ‘tu’ quanto à variável *paralelismo entre pronomes em uma série*:

Tabela 9- Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável *paralelismo entre pronomes em uma série*

Fatores	Exemplo	Aplicação/ Total	%
Sim	Mano para de rir... Ei papo reto se tu ficar rindo tu vai sentar mano (TA9CRED/S/NFJ)	36/62	58,1%
Não	Mas o tiktok até que é uma boa forma de passar o tempo porque dependendo dos conteúdos que você assiste tu acaba aprendendo uma coisa nova que tu nem sabia (TA3CUEM/N/NFJ)	6/10	60%

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 9, verificamos que a forma ‘tu’ é frequente tanto em situação de paralelismo entre pronomes em uma série, com 58,1%, quanto sem paralelismo, com 60%. É importante destacar que essa variável se relaciona com outra, *preenchimento do sujeito*, visto que o paralelismo ocorre, de forma geral, quando o sujeito aparece expresso. A seguir, na Tabela 10, tratamos da frequência do ‘tu’, segundo a variável *paralelismo sujeito e possessivo*:

Tabela 10- Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável *paralelismo: sujeito e possessivo*

Fatores	Exemplo	Aplicação/ Total	%
Sim	A coisa mais louca que tu já fez na tua vida (TA9CRED//SNFJ)	18/28	64,3%
Não	Se um tubarão tiver vindo na tua direção você tem que manter a calma...	0/2	0%

	(VA3CUEM/NN/LJ)		
--	-----------------	--	--

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 10, analisamos que o ‘tu’ é mais frequente quando há paralelismo entre sujeito e possessivo, com 64,3%, como no exemplo ilustrado.

De uma forma geral, esses resultados corroboram com os dos trabalhos resenhados. Isso porque se esperava o mesmo comportamento: marcas conduzem às marcas e zeros conduzem a zeros. Nosso trabalho demonstrou independente do paralelismo entre os pronomes, o ‘tu’ foi mais frequente. Além disso, quanto à nossa hipótese, essa foi comprovada parcialmente, visto que o ‘tu’ foi mais realizado com as formas ‘teu/tua’.

A seguir, abordamos sobre a frequência de ‘tu’, segundo a variável *referenciação*.

3.3.4 A variável linguística *referenciação*

Apesar de controlada por muitos trabalhos sobre o fenômeno de Norte a Sul, a variável linguística *referenciação* não foi selecionada como relevante nesta investigação. A seguir, apresentamos a produtividade do ‘tu’ em relação a esse grupo de fatores, na Tabela 11:

Tabela 11- Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável *referenciação*

Fatores	Aplicação/ Total	%
Direta	197/308	64%
Indireta	4/6	66,7%
Indeterminada	8/16	50%

Fonte: elaborado pela autora.

A variável referida já foi controlada por Costa (2016), Martins (2010), Andrade (2010), Modesto (2007), Silva e Gonçalves (2018) e Franceschini (2021). Em todos esses trabalhos, foi considerada relevante, se não a mais relevante na produtividade do ‘tu’. Em Costa (2016), o fator ‘específica para um indivíduo’ foi o que mais favoreceu o ‘tu’, o que seria, neste trabalho, nossa *referenciação* direta. Em Martins (2010), no Amazonas, o ‘tu’ foi mais favorecido pela referência do tipo específica, atestado pelo programa de análise estatístico Varbrul. Em Andrade (2010), o fator ‘específica’ foi o mais favorecedor da aplicação da regra ‘tu’. Em Modesto (2010), o ‘tu’ foi mais produtivo na ‘referenciação direta’. Em Silva e Gonçalves (2018), houve um favorecimento do ‘tu’ em ‘referência específica’. Enfim, em Franceschini (2021), houve

uma predileção pelo ‘tu’ em referência do tipo determinada, também nossa referência direta no trabalho.

No que tange às nossas hipóteses, confirmamos a de que a referência ‘direta’ favoreceria a forma ‘tu’, mas refutamos a de que a ‘indireta’ favoreceria a escolha pelo ‘você’. De acordo com a Tabela 7, verificamos que não foi isso que aconteceu: a ‘indireta’ também favoreceu a produtividade do ‘tu’ (66,7%).

Com o intuito de ilustrarmos cada fator, demonstramos que o ‘direta’ pode ser exemplificado com: “É **tu**, C., **tu** fez o maior negócio...” (TO2CRED/S/NLX)⁷¹, o fator indireta por “aí a gente vai perguntar quando **você** decidiu que queria ser nadadora” (VA9CREI/N//LJ)⁷² e o fator ‘indeterminada’ por “Cara assim é um momento muito bom pra **você** interagir com os teus amigos porque é algo muito complexo leva muito tempo, leva muito esforço também, especialmente o meu, porque eu comando o RPG, eu sou DM, então eu faço muito estudo antes de levar as coisas para eles” (VO2CREM//N/FJ)⁷³.

Dessa maneira, o que podemos observar, de maneira geral, é um favorecimento do ‘tu’ pela referência direta. Neste trabalho, também houve um favorecimento pelo fator ‘direta’, com 64%, mas o fator ‘indireta’ saiu na frente, com 66,7%. Isso talvez esteja relacionado ao modo como os dados foram coletados, uma vez que os alunos prepararam e decidiram o que cada aluno ia falar durante os *podcasts*, proporcionando maiores casos de referência do tipo indireta.

Diante disso, podemos perceber que a forma ‘você’ teria talvez um uso mais indeterminado, no sentido de uso genérico, como por exemplo em: “Grande parte dos conteúdos a gente não usa pra vida... Eu discordo um pouco disso, eu acho que **você** precisa ter conhecimentos gerais, porque no geral uma sociedade com o intelecto mais avançado sobre vários quesitos é muito bom” (VO2CREM////FJ)⁷⁴. Nesse, o aluno usa a variante para falar das pessoas de uma forma genérica. Por isso, pensamos que a forma seja associada a um uso indeterminado de se referir às pessoas de forma genérica.

A seguir, observamos a frequência da variante ‘tu’ em relação à variável *concordância verbal com ‘tu’*.

3.3.5 A variável linguística *concordância verbal com o tu*

71 Código indicado para se referir à fala de um menino da 2.^a série do Ensino Médio de escola particular.

72 Código indicado para se referir à fala de uma menina do 9.^o do EF II de escola particular.

73 Código indicado para se referir à fala de um menino da 2.^a série do Ensino Médio de escola particular.

74 Código usado para representar a fala de um menino da 2.^a série do Ensino Médio de uma escola particular.

A variável linguística *concordância verbal com o tu* também não foi selecionada como relevante para a realização do ‘tu’. Esse grupo de fatores já foi controlado e selecionado como relevante nos trabalhos de Traesel (2016) e de Martins e Martins (2014). A seguir, apresentamos, na Tabela 11, a frequência de ‘tu’, segundo a variável referida:

Tabela 11- Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável *concordância verbal com o tu*

Fatores	Exemplo	Aplicação/ Total	%
Sim	Me pergunta algo que ninguém perguntaria, mano.... (TO2CRND///SLH)	70/203	34,4%
Não	Sei lá o que tu acha da mesa da escola? (TO2CRED///NLQ)	133/203	65,5%

Como podemos observar na Tabela 11, o ‘tu’ é utilizado, na relação de concordância, sem a marca morfológica de P2 (65,5%). Ainda assim, houve 34,4% de ‘tu’ relacionado à marca morfológica de P2 na fala de estudantes de escolas manauaras. Isso se deve às frases imperativas, principalmente, como em “Presta atenção no teu grupo (TA9CUND///SSLH⁷⁵)” ou em “Mana me respeita que eu tava com sono (TA9CUND///SLH⁷⁶)”.

Nossa hipótese era de que houvesse certa distribuição entre a marcação e a não marcação da concordância verbal em relação à variante ‘tu’. Após a transcrição e codificação dos dados, de forma geral, pudemos perceber que, em frases não imperativas, é categórico o uso do ‘tu’ sem a marcação de concordância verbal. Assim como fora observado nos trabalhos de Traesel (2016) e Martins e Martins (2014).

A seguir, apresentamos os resultados relacionados às variáveis extralinguísticas não selecionadas.

3.4 As variáveis extralinguísticas não selecionadas

As variáveis extralinguísticas não selecionadas foram *sexo/gênero* e *tipo de relações* (simétricas e assimétricas). Primeiramente, abordamos os resultados relacionados à primeira.

3.4.1 A variável *sexo/gênero*

75 Código indicado para representar a fala de uma menina do 9.º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) de uma escola pública.

76 Código indicado para representar a fala de uma menina do 9.º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) de uma escola pública.

A variável *sexo/gênero* é, normalmente, controlada nos trabalhos de Sociolinguística Variacionista. Não à toa que Costa (2016), Andrade (2010), Modesto (2007), Silva e Gonçalves (2018), Loregian-Penkal (2004), Rocha (2015), Franceschini (2021) assim como no Amazonas Martins (2010), Babilônia e Martins (2011) e Martins e Martins (2014) controlaram esse grupo de fatores. A seguir, na Tabela 13, apresentamos a frequência de ‘tu’, segundo a variável *sexo/gênero*:

Tabela 13- Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável *sexo/gênero*

Fatores	Aplicação/ Total	%
Menino	88/164	53,7%
Menina	121/166	72,9%

A partir da Tabela 13, como esperado pela nossa hipótese, pudemos verificar que as meninas foram as que mais favoreceram a realização do ‘tu’, com 72,9%, em comparação com os meninos, com 53,7%. Quanto aos resultados no Amazonas, especificamente, assim como nos trabalhos de Babilônia e Martins (2011) e Martins e Martins (2014) – os quais não utilizaram programa de análise estatística, a variável não foi considerada como relevante. Entretanto, semelhante aos resultados de Martins (2010), em Tefé (AM), Costa (2016), em Cametá, e Franceschini (2021), em Concórdia, as meninas foram as que mais usaram a forma ‘tu’. Diante disso, apesar de não ter sido considerada relevante, a variável pode nos mostrar um certo prestígio pela forma ‘tu’, já que é mais produtiva na fala de meninas.

Consoante com o que tratamos na seção 1.1.2 acerca da importância de controlar grupos de fatores externos, as mulheres “preferem” variantes cultas, devido aos papéis associados a homens e mulheres pela comunidade ocidental. Em se tratando do uso da forma ‘tu’, podemos lembrar que as mulheres possuem um aspecto mais conservador em relação ao uso das variantes inovadoras como a forma ‘você’ e talvez por isso optem pelo uso do ‘tu’. Também a escola assume papel de reter certas variações linguísticas, por assumir papel normativo. Baseados nisso, podemos reforçar que, pelo menos, o ‘tu’ não possuiria avaliação negativa, por ser produtivo na escola e na fala das meninas.

3.4.2 A variável *tipo de relações*

A variável *tipo de relações* já foi controlada por Costa (2016), Rocha (2015), Traesel (2016) e Martins (2010). Neste trabalho, não foi selecionada como relevante. A seguir, verificamos a frequência do uso do ‘tu’ quanto à variável *tipo de relações*, na Tabela 14:

Tabela 14- Frequência da variante ‘tu’, segundo a variável *tipo de relações*

Fatores	Aplicação/ Total	%
Simétrica	207/326	63,5%
Assimétrica ascendente	2/3	66,7
Assimétrica descendente	0/1	0%

É válido salientar, a princípio, que, no decorrer da coleta de dados, percebemos que a forma como os dados estavam sendo obtidos não propiciaria a produtividade das outras variantes como ‘você’ e ‘o (a) senhor’, visto que a conversação foi realizada, na maior parte do tempo, entre iguais.

Dito isso, observamos, na Tabela 14, uma produtividade do ‘tu’ em situações simétricas, com 63,5%, e assimétricas ascendentes 66,7% (alunos para professores e pesquisadora). Um exemplo de dado de assimétrica ascendente é: “Mano vamo fazer o seguinte... Acho que ela vai editar né... Então a gente corta tudo e vai pegando as pergunta do zero... **A senhora** vai cortar né e vai sair todo bonitinho né não?” (trecho de fala de um aluno do 9.º ano do Ensino Fundamental Anos Finais de escola particular falando com esta pesquisadora). Esses resultados confirmam nossa hipótese de que o ‘tu’ apareceria associado às relações entre iguais, como aconteceu em Martins (2010), Costa (2016) e Traesel (2016). Isso nos demonstra que a variante ‘tu’ ainda é mais associada à intimidade e à informalidade.

A seguir, abordamos a avaliação linguística, de forma qualitativa, sobre o fenômeno variável investigado a partir das falas coletadas nas entrevistas sociolinguísticas, a fim de responder um dos nossos objetivos de pesquisa.

3.5 A avaliação linguística sobre P2 em Manaus (AM): entrevista sociolinguística

No que tange às entrevistas sociolinguísticas que realizamos com os estudantes, primeiramente, percebemos que não haveria produtividade real das formas de “expressão pronominal de P2” por meio dessa forma de coletar os dados. Por isso, optamos por fazer uma análise qualitativa a respeito de algumas respostas dadas durante as entrevistas realizadas. Essas

respostas nos encaminham para reflexões sobre como os estudantes visualizam e avaliam as formas ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’.

É importante destacar que todos os estudantes informaram que os manauaras têm sim uma forma diferente de falar. Mencionaram o “chiado” além das gírias como “mano” e “telezé”. Como podemos ilustrar com a fala de uma estudante da 3.^a série do Ensino Médio de uma escola pública: “Ah, com certeza, porque eu tenho alguns amigos que não são daqui e, realmente, tem. Inclusive a questão do sotaque. Manauara fala com um pouquinho de **chiado**. Eu falo algumas palavras com som de x para mim, mas o manauara fala de uma forma diferente sim”. Além das seguintes falas: “Eu acho que tem muitas **gírias**. Aqui tem muitas gírias que são muito diferentes de algumas cidades” e “Tem coisas que eu falo aqui, mas se eu falasse no Nordeste, ninguém vai entender”, produzidas por uma menina e por um menino, respectivamente, da 2.^a série do Ensino Médio de uma escola particular.

Quando perguntados se fazem distinção entre as formas ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’, grande parte respondeu que sim e os que responderam que não, depois fizeram essa distinção com as outras perguntas.

Percebemos, ainda, uma avaliação da forma ‘o (a) senhor (a)’ como respeitosa, associada a pessoas mais velhas ou em uma relação hierárquica superior (mãe, pai, professora). Como por exemplo: “Por questão de criação mesmo para pessoas mais velhas, eu uso **senhor** e **senhora**... Por questão de costume, foi assim que minha mãe me acostumou”, falou uma estudante da 3.^a série do Ensino Médio de uma escola pública. Entretanto, temos exemplos os quais o informante menciona usar o ‘você’ no lugar do ‘o (a) senhor (a)’ em relações do mesmo tipo, como mencionado em: “Eu acho que eu não uso tanto **senhor**... Uso mais **tu** ou **você**... Com os meus amigos uso **tu** e **você** com uma pessoa mais velha... Com uma pessoa mais jovem, **você** ou **tu** dependendo da intimidade”, disse uma menina da 2.^a série do Ensino Médio de escola particular. Também uma menina do 9.^o ano do EF II de uma escola pública disse: “Eu acho que **você** eu não uso muito não... Acho que só para pessoas mais formais... Uso **tu** para maioria das pessoas... Usaria **você** para os mais velhos, mas, para a professora, **senhora**”.

Diante disso, observamos que a forma ‘o (a) senhor (a)’ ainda é fortemente associada à relação com pessoas mais velhas ou de autoridade, como professores, mães e pais. Ainda assim, a variante parece concorrer esse *status* de respeito com a forma ‘você’. Lembremo-nos, assim, da seção 1.2.2 na qual tratamos da trajetória de mudança da expressão de P2 no português. Nessa seção, discorremos que a forma ‘você’, antes ‘Vossa Mercê’, que anteriormente no latim era ‘vos’, já carrega um aspecto cerimonioso, uma vez que marcava a forma de tratamento de acordo com o *status* social.

Em relação à forma ‘tu’, notamos, assim como nos trabalhos resenhados, uma associação à intimidade e à informalidade, apesar de parecer concorrer também com o ‘você’. “**Tu** pra pessoas mais ou menos da idade e eu acho que **você** também”, dito por uma menina de escola particular do 9.º ano do EF II; “O **tu** eu acho um tanto quanto informal demais pra se usar”, dito por uma menina de escola pública da 3.ª série do Ensino Médio; “**Tu** pra meus amigos”, dito por um menino de escola particular do 9.º ano do EF II e “Eu falo muito mais **tu** do que qualquer coisa... Eu não penso muito antes de falar então eu falo qualquer coisa, mesmo que esteja errado”, dito por um menino de escola particular da 2.ª série do Ensino Médio. Em todas as falas, percebemos o ‘tu’ relacionado à intimidade, à informalidade e ao tratamento com pessoas conhecidas e próximas, assim como atestou Vitório (2019) em sua investigação sobre percepções na região Nordeste e Rocha (2015), em Florianópolis, no Sul.

É interessante também destacarmos a seguinte fala, quando se disse do uso do ‘tu’, “eu não penso muito antes de falar, então eu falo qualquer coisa, mesmo que esteja **errado**”. Isso nos faz refletir sobre monitoramento e avaliação normativa. O primeiro, pois nos mostra que o ‘tu’ é produtivo em situações de menor monitoramento, maior envolvimento. Enquanto a avaliação normativa está quando o estudante diz “mesmo que esteja errado”, já que ele associa o uso do ‘tu’ ao que é errado. É importante lembrar que o ‘tu’ não foi associado à falta de marcação de concordância verbal.

Diante do exposto, o que podemos refletir é que as falas de avaliação sobre as formas alternantes ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’ condizem com os resultados sobre o uso linguístico. Como a coleta de dados se deu em relações simétricas (entre iguais), o uso do ‘tu’ foi mais produtivo, tendo uma frequência maior em relação ao ‘você’. Esse não ficou muito distante, visto que provavelmente o tipo de gênero oral também tenha influenciado, especificamente os *podcasts*, um pouco mais formais em comparação com as interações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propusemo-nos a investigar o fenômeno variável “expressão pronominal de P2” na fala manauara (AM), especificamente, na fala de adolescentes de 13 a 18 anos. Para isso, usamos como base a metodologia de coleta de dados de Traesel (2016), adaptando-a. Coletamos, então, os dados em quatro escolas distintas: duas particulares e duas públicas. Por meio da proposta de produção de *podcasts*, obtivemos três gêneros orais: a interação espontânea (menos monitorada, sem mediação do professor) e o *podcast* (mais monitorado), além da

entrevista sociolinguística, realizada para análise qualitativa das variantes e coletada apenas de estudantes nascidos e residentes em Manaus (AM).

Dito isso, nossas principais questões norteadoras foram: a) Como é realizada a expressão de segunda pessoa do singular na fala manauara?; b) Quais grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos atuam ou não na realização das variantes descritas do fenômeno “expressão de P2” na fala manauara? e c) Qual a avaliação social e estilística os adolescentes de 13 a 18 anos têm acerca do fenômeno a “expressão de P2”?

Quanto à primeira questão norteadora, cumprimos com o nosso primeiro objetivo o qual era descrever as variantes do fenômeno investigado. Observamos que, em Manaus, as três variantes apareceram. São elas: ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’. Esperávamos que aparecesse as variações ‘cê’ e ‘ocê’, o que não aconteceu. Nossos resultados mostraram, quanto à expressão da variável, a produtividade do ‘tu’, com 63,3%, seguido do ‘você’, com 36,4%. A forma menos utilizada foi ‘o (a) senhor (a)’, com 0,3%. Entretanto, foi o que já enfatizamos: a escolha da metodologia de coleta de dados influenciou na produtividade dessa variante, já que propiciou a interação de relações simétricas (entre iguais/entre alunos). Percebemos, com isso, retomando Scherre (2020), um subsistema de predominância de ‘tu’ sem concordância em Manaus (AM).

Quanto à segunda questão norteadora, o programa de análise estatística GoldVarbX selecionou somente duas variáveis como favorecedoras da aplicação da regra, a variante ‘tu’. São estas: *tipo de gênero oral* e *série escolar/faixa etária*. É interessante perceber que, neste trabalho, só foram selecionadas como relevantes para a realização do ‘tu’ variáveis externas à língua. No que tange ao *tipo de gênero oral*, a forma ‘tu’ foi mais produtiva em ‘interação’, com 0,64 de peso relativo, e desfavorecida em ‘podcast’, com 0,35 de peso relativo. Por sua vez, quanto à *série escolar/faixa etária*, os estudantes do 9.º ano do EF II foram os que mais favoreceram a realização do ‘tu’, com peso relativo de 0,63, o que não aconteceu com a 3.ª série do Ensino Médio, com 0,49 de peso relativo, e com a 2.ª série do Ensino Médio, com 0,20 de peso relativo.

Quanto à última questão norteadora a respeito da avaliação social e estilística dos adolescentes acerca do fenômeno investigado, essa foi apurada por meio das entrevistas sociolinguísticas. Esse meio de coleta foi importante para que pudéssemos realizar uma análise qualitativa da avaliação dos informantes sobre as variantes ‘tu’, ‘você’ e ‘o (a) senhor (a)’.

Dessa maneira, a análise mostrou que os informantes avaliam a forma ‘o (a) senhor (a)’ como uma variante respeitosa, na qual se utiliza com pessoas mais velhas ou em relações assimétricas ascendentes (inferior para superior). Logo ao lado de ‘o (a) senhor (a)’, aparece a forma ‘você’ para concorrer pela expressão de respeito da segunda pessoa do singular, algo que

foi expresso por um dos informantes. No entanto, a mesma forma aparece em concorrência com a forma ‘tu’ pela expressão de informalidade da segunda pessoa do singular, embora o ‘tu’ ainda desbanque o ‘você’. A maioria dos informantes relacionou o ‘tu’ à intimidade e à informalidade.

Dito isso, nosso trabalho cumpriu com os objetivos traçados, principalmente, em se tratando de descrição e interpretação das variantes e das variáveis linguísticas e extralinguísticas. Quanto à análise qualitativa, para futuros trabalhos, seria interessante realizar uma comparação entre o que foi dito pelos informantes durante a entrevista e o que foi, de fato, produzido por eles, durante as interações, o que se estabeleceria uma análise entre uso e avaliação linguística.

Outrossim, é bom lembrar da importância de nossa metodologia de coleta de dados. O fenômeno investigado é deveras desafiador para ter suas expressões coletadas. Nossa proposta é de que essa metodologia seja reutilizada e, talvez, adaptada para esse e outros fenômenos variáveis linguísticos. Isso porque é uma metodologia de coleta de dados inovadora que traz uma proposta de união entre ensino e pesquisa. Buscamos reforçar a oralidade dos estudantes por meio de um gênero atual, tecnológico e que lhes é familiar, que é o *podcast*. Além disso, conseguimos traçar, de certa forma, um *continuum* de monitoramento entre interação e *podcast*.

Diante do exposto, esperamos, com este estudo, ter contribuído com os estudos sociolinguísticos sobre o fenômeno “expressão pronominal de P2”, não só quanto ao uso linguístico, como também quanto à avaliação linguística, especificamente, em Manaus, no Amazonas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carolina Queiroz. *Tu e mais quantos? – A segunda pessoa na fala brasiliense*. 2010. 135 f.; Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- BABILÔNIA, Leandro; MARTINS, Silvana Andrade. A influência dos fatores sociais na alternância tu/você na fala manauara. *GUAVIRA LETRAS*, v. 13, p. 49-60, 2011.
- BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecilia. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes.; SILVA, Marinete Rodrigues da. Atitudes e crenças sobre o uso de tu e você na variedade de Rio Branco. *Confluência*, Rio de Janeiro, n.º 62, p. 81-121, jan-jun. 2022.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48. ed. Companhia Editora Nacional, 2008.
- COELHO, Izete Lehmkuhl, *et. al.* *Para Conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- COELHO, Izete Lehmkuhl, *et. al.* *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria. A variação no uso dos pronomes tu e você em Santa Catarina. In: LOPES, C.; REBOLLO, L.(orgs.) *Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Rio de Janeiro (no prelo)
- COSTA, Raquel Maria da Silva. A alternância das formas pronominais tu, você e o(a) senhor(a) na função de sujeito no Português falado em Cametá-estado do Pará. *Revista de Letras*, Curitiba, vol. 2, n.º 35, p. 64-76, jul./dez. 2016.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. Rio de Janeiro: LaborHistórico, 2017.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha. A alternância dos pronomes tu e você na fala concordiense. *Interfaces*, Paraná, vol. 12, n.º 2, p. 72-84, 2021.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)discutindo sexo/gênero na Sociolinguística, p.17-74. In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org.). *Mulheres, Linguagem e Poder- Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015.

FREITAG, Raquel Meister Ko. et al. Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski; GORSKI, Edair Maria. *Sociolinguística e Política Linguística: olhares contemporâneos*, Blucher Open Acess, 2016.

IBGE. Panorama de Manaus. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama>. Acesso em: 30/04/2023.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. Trad. De Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LIMA, Rocha. Gramática normativa da Língua Portuguesa. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOPES, Celia Regina dos Santos. Pronomes pessoais. In: Silvia Figueiredo Brandão e Silvia Rodrigues Vieira. (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. (Re) análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul. 2004. 260 f.; Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LOREMI, LOREGIAN. Concordância verbal com o pronome tu na fala do Sul do Brasil. 1996. 121 f.; Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

MANAUS (AM). Prefeitura de Manaus, 2014. Disponível em: <https://www.manaus.am.gov.br/turismo/historia/>. Acesso em: 30/04/2023.

MANAUS (AM). Caravela Dados e Estatísticas. Disponível em: <https://www.caravela.info/regional/manaus---am>. Acesso em: 30/04/2023.

MARTINS, Germano Ferreira. A alternância tu/você/senhor no município de Tefé- Estado do Amazonas. 2010. 100f.; Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MARTINS, Silvana Andrade; MARTINS, Valteir. Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português do Brasil. *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*, Vol. 3.1, 2014.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do Português do Brasil. Curitiba: Letras, n.44, p. 91-106, 1195. Editora da UFPR.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. 47. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos – SP. *Revista Letra Magna*, São Paulo, n. 07, p. 1-27, 2007.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecilia. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. 4. ed, Contexto, São Paulo, 2015.

MOURA, Vitória. Teatro Amazonas é eleito o “monumento mais bonito” do Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/teatro-amazonas-e-eleito-o-201cmonumento-mais-bonito201d-do-brasil>. Acesso em: 20/05/2023.

NASCIMENTO FIGUEIREDO, Aguinaldo. História do Amazonas. Manaus: Editora Valer, 2011.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecilia. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. 4. ed, Contexto, São Paulo, 2015.

ROCHA, Patrícia Graciela. O sistema de tratamento do português de Florianópolis: um estudo sincrônico. 2012. 336 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ROCHA, Patrícia Graciela. Qual forma você costuma usar para se dirigir a um amigo? A escolha de tratamento nas relações simétricas em Florianópolis/SC. *Work. Pap. Linguística*, Florianópolis, n. 16(1), p. 190-202, 2015.

SEVERIANO, Adneison. Veja mapa com zonas e bairros mais populosos da capital do Amazonas. G1, Manaus, 24 de out. de 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/manaus-de-todas-as-cores/2014/noticia/2014/10/veja->

mapa-com-zonas-e-bairros-mais-populosos-da-capital-do-amazonas.html. Acesso em: 28 de jul. de 2020.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1988. Em dois volumes, com 555p. mimeo.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Respeito Linguístico: contribuições da Sociolinguística Variacionista. Youtube, 08 de julho de 2020, ABRALIN. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W4XqhsiB9I0&t=1458s>. Acesso em: 19/05/2020.

SILVA, Suelen Cristina da; GONÇALVES, Clézio Roberto. A variação *tu* e *você* no falar ressaquinhense. *Caletroscópio*, Ouro Preto, n. especial, p. 87-100, 2018.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRAESEL, Rafael. As formas variáveis de tratamento ao interlocutor na ilha de Santa Catarina: estudo da fala de adolescentes dos Ingleses. 2016. 181 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

VITORIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Percepções sociolinguísticas de estudantes universitários em relação ao uso do pronome *tu*. *Revista Investigações*, Recife, v. 32, n. 2, p.436-455, dezembro, 2019.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed, Contexto, São Paulo, 2015.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William.; HERZOG, Marvin. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: parábola editorial, 2006 [1968].

ANEXO 1

CRONOGRAMA

Atividades	2022											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ag	Set	Out	Nov	De z
Revisão da literatura	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R
Revisão de Literatura sobre Metodologia	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R
Atividades	2023											
Revisão da literatura	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R
Revisão de Literatura sobre Metodologia	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R
Preparação do Projeto para qualificação	R	R	R	R	R							
Exame de qualificação						R						
Submissão ao Comitê de Ética						R						
Coleta de dados						R	R	R				
Transcrição dos dados									R	R	R	
Codificação dos dados											R	R
Atividades	2024											
Análise dos dados (GoldVarb X)	R	R	R	R	R	R						
Redação da versão final da dissertação						R	R	R				
Defesa da dissertação do Mestrado									X			

Fonte: Elaborado pela autora

Legenda:

R: realizado

X: a realizar

ANEXO 2
TERMO DE ANUÊNCIA

Declaro _____ para os devidos fins que a instituição _____ está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado “*Tu, você ou senhor? Uma análise sociolinguística da expressão pronominal de P2*” em nossas dependências. Este projeto tem como objetivo geral investigar o fenômeno “Expressão pronominal de segunda pessoa do singular” na fala manauara, no Amazonas, especificamente, especificamente na fala de adolescentes e está sob a responsabilidade da mestranda Vanessa Lara de Souza Santos, mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras-Língua e Literatura Portuguesa, da Universidade Federal do Amazonas. Para tanto, estamos cientes de que o projeto deve seguir a Resolução nº 466/12 do CONEP, no que tange à ética de pesquisa.

Atenciosamente,

XXXX
Coordenador pedagógico

ANEXO 3

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Eu, Vanessa Lara de Souza Santos, mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras – Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas, convido você a participar do estudo intitulado “Tu, você ou senhor? Uma análise sociolinguística da expressão pronominal de P2 na fala manauara (AM)”. Informamos que seu pai/mãe ou responsável legal deve permitir a sua participação. Pretendemos saber como são realizadas as formas ‘tu’, ‘você’ e ‘senhor (a)’ na sua fala e se faz essa distinção a depender de com quem está falando e da situação exigir ou não formalidade. Gostaríamos muito de contar com você, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir. Outras crianças e/ou adolescentes participantes desta pesquisa têm de 13 anos de idade a 17 anos de idade. A pesquisa será feita na escola, onde os participantes (crianças/adolescente) estudam. Além disso, a pesquisa envolverá dois momentos os quais serão gravados (somente a voz): interação espontânea, podcast e entrevista sociolinguística. Para isso, será utilizado um gravador de voz, ele é seguro. Garanto, como pesquisadora responsável pelo projeto, responsabilizar-me pelos riscos e desconfortos que surgirem durante a coleta de dados. Por isso, asseguro o seguinte: (i) garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas os momentos da pesquisa; (ii) garantia de plena liberdade ao participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, sem penalização alguma; (iii) garantia de que o participante da pesquisa receberá uma via desse Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. A sua participação é importante para a investigação científica da fala manauara. É válido ressaltar que não haverá despesas e/ou compensações financeiras relacionadas à sua participação. Os resultados dessa pesquisa poderão ser utilizados em trabalhos científicos, como teses ou dissertações, mas sem identificar dados pessoais dos participantes (crianças/adolescentes).

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Tu, você ou senhor? Uma análise sociolinguística da expressão pronominal de P2 na fala manauara (AM)”. Entendi os benefícios que esta pesquisa pode trazer assim como seus riscos. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e

desistir e que ninguém vai ficar com raiva/chateado comigo. Os pesquisadores esclareceram minhas dúvidas. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e quero/concordo em participar da pesquisa/estudo.

Manaus, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do menor participante

Assinatura dos pais e/ou responsáveis

Assinatura do pesquisador

Em caso de dúvida, o participante poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa, Vanessa Lara de Souza Santos, no e-mail: vanessalarasantoss@gmail.com. Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

O CEP/UFAM é um colegiado multidisciplinar e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

ANEXO 4**Ficha do informante**

Nome: _____

Idade: _____

Sexo/gênero: _____

Cidade onde nasceu: _____

Qual é o ano escolar em que você está? _____

Estuda nessa escola desde que ano? _____

Qual é a cidade onde seus pais e/ou responsáveis nasceram?

Pai: _____

Mãe: _____

Qual o grau de escolaridade dos seus pais?

Pai: _____

Mãe: _____

O que faz em seus momentos de lazer?

ANEXO 5

Roteiro de entrevista sociolinguística

Perguntas gerais

1. Qual é sua cidade de nascimento? E a de seus pais?
2. A maioria da sua família mora em Manaus?
3. Já viajou alguma vez? Por quanto tempo? Conte como foi a experiência.
4. Gosta de Manaus? Trocaria Manaus por outra cidade? Por quê (sim ou não)?
5. O que mais gosta em Manaus? Por quê?
6. Quais lembranças da sua infância em Manaus? Conte alguma história da sua infância.
7. Mora em qual bairro? Já morou em outros? Por quanto tempo? Qual bairro mais gostou?
8. Gosta do bairro em que mora? O que tem de evento no bairro em que mora? Participa?
9. Pode me contar como são os encontros com a sua família?
10. Gosta de frequentar a escola?
11. Como é a convivência com seus amigos na escola? Conte uma história divertida que você viveu com os seus amigos.
12. Como é a convivência com os seus pais e/ou responsáveis em casa? Conte uma situação que aconteceu recentemente.
13. Como se imagina no futuro? Qual profissão pretende seguir?
14. Imagine você no futuro sendo pai/mãe, qual conselho daria ao seu filho?

Perguntas sobre o modo de falar

1. Acha que o manauara tem uma forma de falar diferente da forma de falar de outras cidade?
2. No seu dia a dia, faz distinção entre as formas ‘tu’, ‘você’ ou ‘o (a) senhor (a)’?
3. Quando está conversando com seus amigos, usaria o ‘tu’, ‘você’ ou ‘o (a) senhor (a)’?
4. No seu dia a dia, utilizaria qual destas formas ‘tu’, ‘você’ ou ‘o (a) senhor (a)’ para falar com uma pessoa mais velha? E com uma pessoa mais jovem?
5. No seu dia a dia, utilizaria qual destas formas ‘tu’, ‘você’ ou ‘o (a) senhor (a)’ para falar com um homem? E com uma mulher?
6. No seu dia a dia, utilizaria qual destas formas ‘tu’, ‘você’ ou ‘o (a) senhor (a)’ para falar com o (a) seu (sua) mãe/pai?